

BALZAQUIANO

Trinta anos do Curso de Comunicação Social
da Universidade Federal do Espírito Santo
1975-2005

José Antonio Martinuzzo
(Organizador)

Alexandre Galvêas • Ana Muniz • Bruno Marques • Camila
Uliana • Cimara Ribeiro • Cristiane Bloise • Evelize Calmon • Fábio
Botacin • Fabricia Borges • Felicia Borges • Fernando
Casagrande • Gabriela Knoblauch • Livia Bassi • Marina
Castro • Suellen Barone • Vitor Graize • Vitor Lopes

Projeto Comunicação Capixaba

Livro II

Notas sobre a digitalização desse volume:

Esse livro foi digitalizado para facilitar a consulta e o acesso ao texto da obra à um número maior de pessoas. O conteúdo é idêntico ao da versão impressa. Pode ser distribuído livremente, desde que se mantenham os direitos dos autores. Visite a página do projeto para adquirir outras obras.

Marcus Vinicius (okidoki@pop.com.br)

www.comunicacaocapixaba.cjb.net



Balzaquiano

Trinta anos do Curso de Comunicação Social da
Universidade Federal do Espírito Sano

José Antonio Martinuzzo (Organizador)

Alexandre Galvêas, Ana Muniz, Bruno Marques, Camila Uliana, Cimara Ribeiro, Cristiane Bloise,
Evelize Calmon, Fábio Botacin, Fabricia Borges, Felicia Borges, Fernando Casagrande, Gabriela
Knoblauch, Livia Bassi, Marina Castro, Suellen Barone, Vitor Graize e Vitor Lopes

Sumário

| | |
|---|-----|
| Apresentação..... | 04 |
| Prefácio..... | 05 |
| Introdução..... | 06 |
| Comunicação: história de interesses e poder | 08 |
| Somos balzaquianos!..... | 22 |
| Diga-me com quem andas que direi quem és — a lista e depoimentos dos graduados em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo..... | 49 |
| "Superfantástico" | 94 |
| Jornalismo de laboratório..... | 110 |
| Uma questão de falcatura..... | 116 |
| "O cocô do cavalo do bandido" | 120 |
| Eles viraram notícia..... | 135 |
| Do passado ao futuro: presente e perspectivas da Comunicação..... | 142 |
| Referências..... | 149 |

Apresentação

A comunicação é dos espaços de maior relevância para a sociedade contemporânea. Por intermédio dos conteúdos da mídia, tomamos consciência do mundo que nos cerca, seja do bairro, do Estado, do País ou do planeta. As tecnologias digitais de informação estão modificando nossas interfaces socioeconômicas, culturais e políticas.

Mas, para além de uma nova forma de viver que ainda estamos absorvendo, a comunicação é ingrediente fundamental de uma conquista de mais de três séculos: a democracia. À cidadania e ao pleno Estado de direito é imprescindível um sistema de comunicação plural e livre. A emancipação do homem está diretamente relacionada a sua contingência comunicacional, a sua possibilidade de falar, ouvir e ser ouvido, ao seu direito de saber e fazer saber.

Quando se fala em ensino de Comunicação Social, portanto, está se fazendo referência à arte de se viver em coletividade, à viabilização de um mundo com igualdade, liberdade e fraternidade. Quando se fala em 30 anos do Curso de Comunicação Social da Ufes, além de nos remetermos a tudo isso, referimo-nos, também, a um pouco de minha trajetória pessoal.

Minha vida como estudante de Economia e líder estudantil é contemporânea à abertura do curso de Comunicação em nossa Universidade. Foram momentos de muitas lutas, embates, debates políticos, esperanças e expectativas - b movimento estudantil voltava a se articular em plena ditadura.

Em 1978, quando a primeira turma de jornalistas se formava, estávamos reabrindo o Diretório Central dos Estudantes. À frente da chapa Construção, fui eleito com 73,3% dos 5.191 votos válidos da primeira eleição pós-reabertura do DCE.

Mas o meu contato com a Comunicação Social não cessou. Em minhas atividades políticas, ou seja, mesmo estando fora do campus, a ligação com o Curso se mantém, por intermédio dos profissionais da Imprensa que lá se têm formado.

Por fim, salientamos a nossa satisfação pela parceria que mantemos com a Universidade Federal do Espírito Santo, por intermédio de seu Curso de Comunicação Social, para a constituição de memória das atividades comunicacionais nas terras capixabas. Inicialmente, resgatamos a história da primeira fase da Rádio Espírito Santo. Agora, é a vez de recuperarmos as três décadas de formação de várias gerações de jornalistas e publicitários.

Que, à semelhança dos tempos que passaram, nos dias vindouros, o Curso se mantenha firme e sempre buscando se revigorar no propósito de formar comunicadores com visão crítica, capacidade criativa, responsabilidade social e compromisso absoluto com o bem comum. Afinal, trata-se de personagens de referência à constituição da vida em sociedade. E como todos os capixabas de bem estão empenhados e trabalhando para que os próximos 30 anos sejam melhores do que as três últimas décadas, as demandas serão muitas, as pautas, desafiantes, e os embates, enormes. Que neste louvável aniversário, o brinde seja ao futuro.

Paulo Hartung
Governador do Estado do Espírito Santo

Prefácio

Resgatar a história do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo é uma iniciativa que merece ser plenamente reconhecida. Este trabalho desenvolvido pelo professor José Antonio Martinuzzo e sua equipe de alunos é a continuidade de um projeto iniciado por ele no semestre anterior, com excelentes resultados. Trata-se de uma proposta que enriquece os registros históricos da nossa Instituição e do Estado, no momento especial em que a Ufes comemora o seu cinquentenário.

Além da importância histórica que representa, esta obra é resultado de ampla e criteriosa pesquisa desenvolvida pelos alunos, sob a coordenação de Martinuzzo; o que, certamente, enriqueceu sobremaneira o aprendizado de toda a equipe, com resultados decisivos na formação acadêmica de cada um. O esforço na localização de fontes, a procura pelos registros documentais, as incontáveis entrevistas, a preparação e organização dos textos, a busca de novos dados, a definição dos conteúdos, escolha de títulos, reuniões de pauta, a elaboração do projeto gráfico e editorial ; enfim, todo este trabalho significou uma indelével aula do professor Martinuzzo.

São 30 anos de existência do curso de Comunicação Social da Ufes. Lá se foi o tempo em que o único laboratório do curso era uma sala de aula com algumas velhas máquinas de escrever. Contudo, não obstante àquelas dificuldades, por este curso passaram inúmeros alunos que posteriormente vieram a se tomar profissionais importantes no processo de modernização e qualificação do jornalismo e da publicidade no Espírito Santo.

Ex-alunos deste curso mantiveram, e mantêm, destacada atuação nas principais mídias do Estado, em importantes veículos nacionais e mesmo fora do País. Para isto, vale reconhecer o desempenho dos professores que passaram ou que estão em atividade no Departamento de Comunicação, responsáveis diretos pela formação de dezenas gerações de jornalistas e publicitários.

Mais recentemente, estamos dando passos importantes na valorização do curso de Comunicação Social. Conseguimos obter as condições necessárias para a aplicação de investimentos de porte no curso, viabilizando a instalação de um instrumental técnico moderno, indispensável ao aprendizado de qualidade. A partir de um esforço coletivo, também conseguimos a criação do Núcleo Integrado de Audiovisual em Comunicação e Artes, que está prestes a se tornar realidade.

Revelar a trajetória desse curso tem uma grande importância para a instituição. Das velhas máquinas Olivetti às sofisticadas ilhas de edição, há muito que se contar. E, mais uma vez, o professor José Antonio Martinuzzo nos surpreende. com a sua ousada capacidade de produzir. É também fundamental o meu agradecimento a todos que colaboraram com a proposta, especialmente o Excelentíssimo Governador do Estado, Paulo Hartung, parceiro constante da nossa instituição, pela sensibilidade em contribuir com o projeto, disponibilizando as gráficas do Departamento de Imprensa Oficial. Ao professor Martinuzzo, aos seus alunos, meus agradecimentos e meu reconhecimento. Em nome da comunidade universitária, meus reiterados parabéns.

Rubens Sergio Rasseli

Reitor da Universidade Federal do Espírito Santo

Introdução

Nascido com data de validade, de três anos, o Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo completa, neste 2005, 30 anos. Com vocação para superação, como se verá nas páginas seguintes, o balzaquiano curso é o tema da segunda edição do Projeto Comunicação Capixaba - CoCa, de constituição da memória das atividades comunicacionais no Espírito Santo.

Seguindo a metodologia do CoCa, implantado no semestre letivo de 2004/1, da pauta à edição final, tudo é feito pelos alunos da disciplina Técnicas de Administração e Mercadologia em Jornalismo, oferecida no sexto período do curso. As aulas são alternadas: numa se discute o conteúdo teórico da disciplina, qual seja, a inserção e as nuances do negócio midiático na contemporaneidade; noutra se delibera coletivamente e se produz o livro. Ressalte-se que os alunos-autores têm autonomia para definir enfoques, entrevistados, estilo de texto, dentre outros elementos de cada capítulo.

Como ocorreu na edição inaugural, sobre os anos iniciais da Rádio Espírito Santo, a primeira emissora do Estado, e como é de se prever a um projeto que avança sobre território praticamente inexplorado, como é a memória da comunicação capixaba, a fundamental base para a escrita dos textos foram as entrevistas com os personagens de uma história bastante rica.

O primeiro capítulo fala da criação do curso, em 1975, abordando o quadro socioeconômico e cultural do País e do Espírito Santo. Trata da primeira turma, do primeiro currículo, enfim, fala dos desafios e deste projeto, a professora Tânia Mara Corrêa Ferreira, a quem agradecemos de forma muito especial a atenção e o tempo destinados aos alunos.

Por falar em agradecimentos, registrem-se aqueles destinados ao Governo do Estado do Espírito Santo e ao seu Departamento de Imprensa Oficial pela manutenção da parceria que permite imprimir os livros do Projeto CoCa, que são distribuídos gratuitamente às bibliotecas públicas de todo o Estado, às instituições de ensino de Comunicação e às entidades e empresas capixabas ligadas ao campo comunicacional.

Rádio Club do Espírito Santo - Memórias da Voz de Canaã, a edição inaugural do Projeto CoCa, foi um sucesso de público. Esgotou na primeira semana. O próximo livro tratará dos 115 anos do Departamento de Imprensa Oficial do Estado do Espírito, sendo seguido pelas edições sobre a Imprensa no século XIX e o rádio no Estado - isso só para ficar nos projetos já acertados.

Para finalizar, gostaríamos de salientar que a inspiração balzaquiana para o título deste livro não se deu apenas pela coincidência das idades do curso e da personagem de A Mulher de Trinta Anos, certamente um dos livros mais formosos de Honoré de Balzac, parte do volume III de a Comédia Humana. Para um curso que chega aos trinta anos tentando encontrar seus pares ideais em um novo Centro da Ufes - estamos migrando do CCJE para o Centro de Artes -, e cuja trajetória é marcada, como se verá, por uma eterna agenda de dificuldades, que, diga-se, não é privilégio do curso, mas regra nas universidades federais brasileiras, os links entre esta história e a narrativa sobre Júlia d' Aiglemont vão além da coincidência dos aniversários acumulados em três décadas.

Registre-se, ainda, a "casualidade" de ser o próprio Balzac um personagem histórico profundamente ligado à mídia, a despeito de ser mais conhecido como escritor. O autor, nascido em 1799 e falecido em 1859 na França, foi um dos inauguradores da crítica ao negócio da comunicação, mas não sem ter buscado fundar seu próprio jornal e ter atuado como cronista ou folhetinista.

Com sua verve genial, e numa história em que era ator e narrador a um só tempo, Balzac foi impiedoso com a comunicação, seja jornalística - "Para o jornalista, tudo o que é provável é verdadeiro." ou "Se a imprensa não existisse, seria preciso não inventá-

Ia." - , seja publicitária - "Os anúncios tomando a quarta página do jornal e o folhetim um quarto do que resta, os jornais não têm mais espaço".

Nexos entre a comunicação e a obra e vida de Balzac à parte, deve-se anotar, porém, que ao curso não se pode imputar a formação acrítica ou pasteurizada em Comunicação ou mesmo a infelicidade essencial da personagem balzaquiana. Pelo contrário, a Comunicação Social da Ufes é espaço de inquietação e debate sobre o campo e suas interfaces sociais, é lugar de lutas e esperanças. Balzaquianos, estamos, em verdade, como na acepção do genial autor francês, na "idade do ápice". Que venham os próximos 30.

José Antonio Martinuzzo

Professor organizador e editor do Projeto CoCa

Comunicação: história de interesses e poder

Camila Uliana, Samara Ribeiro e Suellen Barone

Para falar sobre formação de comunicadores no Brasil, devemos voltar às décadas de 20 e 30 do século XX, quando um surto industrial e urbano propiciou a ascensão da classe média nas principais cidades do País. Por consequência, houve um aumento do público leitor de jornais, que também se tomava mais exigente, aguçando a competição entre as empresas jornalísticas. Essas mudanças obrigaram os veículos a se reformularem para readequar aos modernos padrões do capitalismo industrial, de aumento e diversificação da produção.

Surgia, então, uma nova demanda por profissionais capacitados. Empresários da comunicação passaram a pressionar o governo federal para que se tomassem iniciativas no sentido de viabilizar a criação de cursos de Jornalismo no Ensino Superior brasileiro. A oficialização desse projeto se deu através do Decreto-Lei nº 5.480, de 13 de Maio de 1943.

Em 1947, foi fundada a primeira escola de Jornalismo do País, a Cásper Líbero, em São Paulo. Tal iniciativa, porém, de acordo com Marques de Meio (1979), vinculou-se muito mais a um projeto pessoal do empresário, visando à construção do seu próprio "monumento histórico", do que a uma conscientização do empresariado da comunicação.

Antes disso, o projeto pioneiro da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, lançado na década de 30, teve frustrada sua continuação, pois, diferentemente da proposta técnico-profissionalizante da Cásper Líbero, buscava essencialmente refletir sobre o Jornalismo na realidade brasileira e nela intervir, numa perspectiva genuinamente acadêmica, sem grandes atenções ao mercado.

A legislação brasileira, neste caso, basicamente instituída e reformulada várias vezes durante a ditadura militar, foi outro fator da instauração dos cursos de Comunicação Social no Brasil. O Decreto 1.177 de 12 de junho de 1962 introduz na lei disposições sobre registro de diplomados. Em 17 de outubro de 1969, o Decreto-Lei 972 estabelece que os profissionais contratados fossem graduados na área.

Art. 4º - O exercício da profissão de jornalista requer prévio registro no órgão regional competente do Ministério do Trabalho e Previdência Social que se fará mediante a apresentação de:

V - diploma de curso superior de jornalismo, oficial ou reconhecido, registrado no Ministério da Educação e Cultura ou em instituição por este credenciada, para as funções relacionadas de "a" a "g", no art. 6º. [Redator, Noticiarista, Repórter, Repórter de Setor, Rádio-Repórter, Arquivista-Pesquisador, Revisor]

O Decreto-Lei nº 65.912, de 19 de dezembro de 1969, exigia que pelo menos dois terços dos profissionais atuantes no mercado possuíssem registro. Também há outros decretos-leis sobre o registro (1.3 de dezembro de 1963, 13 de março de 1979). Desde outubro de 2001, arrasta-se na Justiça Federal um processo questionando a necessidade de diploma para registro profissional.

Deve-se notar, ainda, que a lei também regulamentou outras habilitações da Comunicação Social. A criação da profissão de publicitário foi definida pela Lei 4.680, de 18 de junho de 1965. Uma outra habilitação prevista no curso de Comunicação Social, mas não oferecida pela Ufes, as relações públicas, foi disciplinada pela lei 5.377, de 11 de dezembro de 1967.

Espírito Santo

O ambiente socioeconômico capixaba foi determinante para a concretização do curso de Comunicação Social da Ufes. Ressalte-se que, nos anos de 1970, a economia espírito-santense começa uma nova etapa histórica, saindo da dependência da agricultura cafeeira para a prevalência do negócio exportador, o que traz nova dinâmica para a economia e a urbanização no Estado.

Acompanhando as mudanças no quadro geral do Brasil e do Espírito Santo, na virada dos anos 60 para os 70, há um processo de ampliação dos negócios das empresas de comunicação no Estado. Junto à incorporação de retransmissoras de rádio e TV nacionais, deu-se início à produção local de programação.

O aumento da produção jornalística no Estado, somado a exigência de formação acadêmica para o exercício da profissão, foi o bastante para que se configurasse um déficit de jornalistas nos veículos de comunicação capixabas. De acordo com a oitava edição do primeiro jornal laboratório do curso, o impresso Dois, de junho de 1979, o mercado demandava cerca de 150 profissionais diplomados.

Com as determinações legais, o inchaço das cidades, a dinamização da economia, e, em decorrência disso, a ampliação e o fortalecimento do negócio da comunicação, estavam dadas as condições para a instituição do Curso de Comunicação Social da Ufes, ocorrida em 1975.

De acordo com Carlos Fernando Lindenberg Filho, o Cariê, da Rede Gazeta de Comunicações, "com a transformação dos jornais em empresas estruturadas, eles próprios enxergaram a necessidade de se implantar o estudo teórico e científico da profissão que enriquecesse e valorizasse os conhecimentos dos profissionais. Para acomodar a situação de quantos já trabalhavam sem o curso específico, eles foram registrados como 'provisionados', mantendo-se o exercício de sua profissão sem embargo da atuação de quantos concluíam o curso".

A necessidade de formação universitária para jornalistas ganhou as páginas dos jornais. A coluna de Hélio Dórca, em A Gazeta, foi espaço para a reivindicação da criação do curso no Estado, conforme atestam depoimentos de Cariê e dos jornalistas Clodomir Bertoldi e José Irmo Gonring (profissionais do jornal A Gazeta e alunos da primeira turma do curso). "Todos nós éramos jornalistas sem preparo universitário. Eu, como jornalista, comecei a fazer uma campanha na minha coluna, para a criação do curso de Jornalismo na Universidade. Não se justificava que, com tantos jornais em Vitória, revistas e tudo, não se tivesse nenhum jornalista diplomado, formado", afirma Hélio Dórea, à época, presidente da Associação dos Jornalistas.

Além de lembrar a reivindicação dos jornalistas de A Gazeta, Domingos Freitas Filho, professor aposentado da Ufes e um dos fundadores do curso de Comunicação, acrescenta que esse fato "veio numa onda de criação de cursos, como o de Biblioteconomia, logo depois o de Física etc". Freitas Filho também registra que "nessa época a Ufes estava numa fase de expansão. Havia recursos financeiros suficientes. A contratação de docentes não estava tão regulamentada como hoje e o arrocho em cima do ensino público era menos intenso. A Universidade tinha mais autonomia para contratação de pessoal técnico e docente. No final da década de 70 e na década seguinte, a Ufes cresceu muito, construiu muitos prédios, ampliou vagas, criou a eleição direta para reitor e outros fatos".

Em 1974, o Conselho de Ensino e Pesquisa da Ufes aprovou uma resolução, chancelada pelo Conselho Universitário e encaminhada ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), solicitando a criação do curso de Comunicação com as seguintes condições: "Os referidos cursos [de Comunicação e de Biblioteconomia] terão caráter não permanente, estando prevista a formação de três turmas, com número não superior a

240 profissionais (80 por curso por ano), necessários ao atendimento da demanda do Estado, após o que não serão realizados novos vestibulares".

A criação do curso pela Universidade Federal do Espírito Santo se deu em 11 de setembro de 1974, pela resolução número 16/74 do Conselho Universitário, dois dias depois de a Ufes receber a autorização do MEC. O artigo 4º da resolução do Conselho Universitário informava que, "decorrido o prazo de 3 (três) anos, a Universidade só poderá abrir novas vagas se comprovada a necessidade do mercado de trabalho e renovada a autorização ministerial".

Pelo fato de o curso ter sido criado, basicamente, para suprir as necessidades dos veículos de comunicação da época e ter duração de apenas três anos, nenhuma estrutura específica foi montada para ele. "Para começar, uma coisa que ninguém entendeu: ele ficou no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. Informações não-confirmadas dão a explicação: nenhum outro Centro quis acolhê-lo", relata José Irmo Gonring.

Glecy Coutinho, aluna da primeira turma e ex-professora do Departamento de Comunicação Social, complementa: "O pessoal do curso de Artes não queria que a Comunicação fosse para lá. Eles já falavam que a gente era baderneiro e comunista. Nós queríamos que o curso fosse ligado a eles, mas ninguém queria o curso. Aí, depois, o pessoal da Administração, que na época todo mundo dizia que eram os mais retrógrados, foi que aceitou o nosso curso".

O curso de Comunicação Social foi vinculado ao Departamento de Administração, já que o Artigo 49 do Estatuto da Ufes diz que "nenhum departamento será instalado enquanto não contar com, pelo menos, doze docentes, devendo seu pessoal e suas atividades, antes de alcançado esse mínimo, serem incorporados, para todos os efeitos, a outro departamento que com ele tenha maior afinidade".

Muitos à época não identificaram tais afinidades entre os dois cursos e até hoje ironizam com tal situação: "Para mim, a única semelhança é que Comunicação rima com Administração", diz Tânia Mara Ferreira, atual professora do Departamento de Comunicação Social, que seria criado em 1980.

A coordenação didático-pedagógica do curso era de responsabilidade de uma Comissão Permanente de Integração Curricular (CPIC), designada pelo reitor e coordenada pelo sub-reitor acadêmico, composta de um representante de cada um dos departamentos que ministravam as disciplinas do currículo mínimo do curso. Os membros estudavam e organizavam o plano de curso, encaminhando-o à aprovação do Conselho de Ensino e Pesquisa.

Em 6 de maio de 1976, o reitor Manoel Ceciliano Salles de Almeida designou os professores abaixo relacionados para constituírem a CPIC do curso de Comunicação Social:

Antônio Carlos Ortega - Departamentos de Filosofia e Psicologia

Antônio Coelho Sampaio — Departamento de Economia Domingos Freitas Filho
— Departamentos de Ciências Sociais, Filosofia e Sociologia

Euzi Rodrigues Moraes — Departamento de Letras Namy Carlos de Souza -
Departamento de Direito Público Nilo Martins da Cunha — Departamento de História
Sibyla Baeske - Departamento de Administração.

No início de 1975, realizou-se o primeiro vestibular, no qual foram oferecidas 80 vagas. Como o curso tinha duração de três anos, em 1978, as duas primeiras turmas se formaram:

Turma 1978/01

Angela Maria de Souza

Annie Cicatetelli dos Anjos
Antônio Alberto Redigueri
Antônio Baptista Filho
Antônio César Herkenhoff Vieira
Arnaldo Gonçalves Barros
Carmem Cecília Mendes Rodrigues
Clodomir Antônio Bertoldi
Edvaldo Euzébio dos Anjos
Francisco Carlos Gomes Velusco
Glecy Helena Coutinho da Silva
João Luís Caser
José Antônio Mansur
José Heraldo Costa Santos
José Irmo Gonring
Marcos Antônio Cade
Maria Cristina de Moraes Carão
Maria Dalva Ramaldes
Maria José Ribeiro Novaes
Marlene Sueli Furtado Vianna
Nazareth Aguiar Pessanha
Rita de Cássia Bassetti de Abreu
Sílvia Terezinha Fardim
Stela Magda Coser

Turma 1978/02

Adalberto Fialho Mota
Aldomar Roberto Ramos Brilhante
Andreza Gianordoli Pinto
Dilza da Silva Celin
Dinah Lopes
Elimar Guimarães
Élson Pereira da Silva
Jeane D' Arc Campeio Lima
Maria Helena de Almeida Silva
Maria da Penha Nunes da Rocha
Marya Dilurde Sebastianes Figueiraujo
Paulo Nogueira
Robson Fagundes Moreira da Silva
Salomé Souza da Silva
Sandra Beatriz Rosito Mercio
Sônia Pires Dias
Vanize Calmon Rodrigues

As duas primeiras turmas eram constituídas em grande parte por profissionais que já estavam atuando no mercado local. Jornalistas experientes misturavam-se a jovens recém-saídos da escola secundária, tornando as turmas muito heterogêneas e

dificultando o andamento do curso. Sibyla Baeske, primeira professora contratada especificamente para o curso de Comunicação, conta as dificuldades encontradas por alunos e professores à época: "As primeiras turmas tinham grande número de alunos com experiência em jornal, em graus variados. Já os demais vinham direto de escola secundária. Como estabelecer conteúdos e metas em turmas tão heterogêneas? Os meus colegas jornalistas da época, enquanto alunos, tiveram muita paciência comigo. Quem sabe intuíram que, com coragem e boa vontade, além de quinze anos de profissão, eu tentava enfrentar a improvisação reinante".

Ainda assim, as diferenças na sala de aula não foram de todo prejudiciais, visto que o nível de engajamento por parte de alunos e professores era bom. Os alunos tinham elevado senso crítico e os jornalistas vindos das redações eram muito atuantes, exercendo influência positiva sobre os calouros, conforme afirmou o professor Xerxes Gusmão Neto.

A ditadura militar marcou a instituição do curso, conforme também relata o professor Gusmão Neto: "Não era mais o terror da segunda metade da década de 60, mas rolava um certo temor, um tipo de liberdade vigiada. A minha geração foi punida por falar, escrever e agir, quando havia independência nessa atitude".

O jornalista e aluno da primeira turma Clodomir Bertoldi relembra: "Os anos mais pesados da ditadura, como se diz, os anos de chumbo, já tinham passado, apesar de na nossa turma haver um infiltrado que a gente sabia e que desistiu do curso pela metade. Acontece que, se não havia mais tantas passeatas, dentro da sala as críticas contra o regime eram feitas abertamente quando o assunto era abordado".

Mas as dificuldades não se resumiam à heterogeneidade dos alunos e ao assombro da ditadura. O curso não tinha salas próprias e as aulas expositivas eram divididas entre o CCJE, o Centro de Artes, o Centro de Estudos Gerais (CEG), hoje Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN), o Centro Pedagógico, atual Centro de Educação, e o Centro Tecnológico (CT). Essa descentralização fazia com que professores e alunos perdessem muito tempo tendo de se deslocar de um local para outro, prejudicando o aproveitamento das aulas e a comunicação interna, além de contribuir negativamente no processo de integração e unidade do curso. "Se hoje os professores e alunos continuam brigando por equipamentos, imaginem vocês a situação em 1977. Brigávamos por salas de aula. Ninguém queria ceder espaço físico para o novo curso no CCJE. Contamos com a ajuda de alguns professores do Centro e fomos passando de sala em sala até termos o espaço físico próprio", conta o professor Aurélio Jaques Batista.

Também não havia laboratórios específicos para as aulas práticas. O único laboratório do curso era o de jornalismo impresso, que funcionou por algum tempo na sala de arquivo do curso de Direito. Gleycy Coutinho relembra a precariedade e as dificuldades enfrentadas nos primeiros anos: "No começo, as aulas eram só teóricas. Quando nós começamos a fazer as matérias práticas, não havia máquinas de escrever. A Ufes e o CCJE fizeram um acordo com o Senac para a gente fazer as aulas práticas. Quando nós chegamos lá, eles queriam que nós nos matriculássemos como alunos de datilografia. Aí, nós achamos ruim e saímos de lá. Então, o doutor Roberto Evaldi, que era coordenador do curso de Administração, mandou uns funcionários percorrerem a Ufes todinha para procurar onde é que havia máquinas de escrever que estavam encostadas e montou para nós uma sala. Só que as máquinas eram de vários tipos. Mais adiante, o pessoal ficou revoltado com aquelas máquinas de escrever. Pegaram as máquinas, botaram na cabeça e jogaram tudo lá na porta da Reitoria. Então, eles compraram sete máquinas de escrever belíssimas, modernas. Não durou uma semana, porque cinco delas foram roubadas".

A história também é narrada pela professora Sibyla Baeske: "A primeira sala de redação foi composta por máquinas de escrever descartadas pelos setores administrativos da Ufes, por estarem danificadas e sendo substituídas por elétricas. Até

conseguir papel para datilografia não era fácil. Imprimir jornais e revistas era outra batalha, a cada semestre". A professora pondera que, "em parte, este imprevisto era decorrente da falta de verbas que atingia de modo geral as Universidades".

Segundo Domingos Freitas Filho, que, além de ajudar a fundar o curso, nele lecionou por oitos, tendo sido seu coordenador por duas vezes, o início foi muito difícil, sobretudo, a luta por espaço físico e por laboratórios. "Lembro-me que o primeiro laboratório de redação foi 'montado' a partir de uma porção de máquinas de datilografia velhas (sucata) recolhidas no almoxarifado da Ufes, porque ninguém mais as usava. Era tudo muito precário. Havia poucos cursos e os professores da Ufes tinham pouco conhecimento dos avanços da época. As redações dos jornais reclamavam que os nossos primeiros alunos formados chegavam lá despreparados para o exercício das suas funções. Lutei muito para que o curso fosse levado a sério pelas autoridades universitárias. Comprei muitas brigas, fiz alguns inimigos, mas o curso está aí com um perfil e uma história muito boa para ser contada", afirma o ex-professor.

José Irmo Gonring ressalta que as aulas de TV e rádio eram oferecidas fora do campus, por intermédio de convênio com a TVE e a *Rádio Espírito Santo*. O jornalista destaca o papel de professores como Hésio Pessali, Toninho Neves e Afonso Abreu, que, por sua vivência profunda, "foram fundamentais para superar os pontos negativos dessa fase pioneira", O jornalista Pedro Campos também é lembrado, tendo sido ele o professor responsável pelo *Impresso Dois*.

Por falar nisso, as contratações de professores eram lentas e atrasadas em relação às demandas acadêmicas. Nem sempre os contratados tinham graduação em cursos de Comunicação, sem falar que não havia pós-graduados à disposição.

A primeira professora da Ufes formada em Jornalismo foi a gaúcha Sibyla Baeske. Tendo chegado em Vitória no ano de 1975 e trabalhado por alguns meses em A Gazeta, a professora, com 15 anos de profissão, soube da oferta de emprego por colegas da redação. "O curso de Comunicação da Ufes estava em seu ciclo básico, e procuravam professor para o seu ciclo profissionalizante. Candidatei-me à vaga, mas não recebi resposta e dei o assunto por encerrado. Para minha surpresa, entretanto, em março de 1976, uma ou duas semanas após o início das aulas, e devido a reclamações de alunos que deviam cursar as aulas do ciclo profissionalizante, fui contratada. Foi difícil começar assim, com este imprevisto. Esta se tornou uma marca do curso: contratações em ritmo lento, sempre atrasadas em relação à necessidade", relata a professora.

De acordo com Hésio Alaor Pessali, professor aposentado do Departamento de Comunicação, veio pra cá muita gente recém-formada em Juiz de Fora. "E o que aconteceu? No começo do curso eles davam as disciplinas chamadas teóricas, mas quando chegou na parte prática, a coisa empacou. Porque prática era um negócio que eles não conheciam, não tinham a vivência da profissão. A primeira turma tinha a vivência da profissão e o aluno sabia mais que o professor. Eles mostraram que havia dentro do mercado, em Vitória, pessoas com formação superior, com vivência de jornalismo, que passaram a ser identificadas e chamadas para dar aula no curso de Comunicação. Nós acabamos fazendo uma ponte entre o curso de Comunicação e o mercado", conta Pessali.

Dessa forma a solução para suprir a necessidade de professores para o curso foi lançar mão da contratação de quem contava, principalmente, com a prática para ministrar sua disciplina. Esse foi o caso de Xerxes Gusmão Neto, que, formado em Direito e atuando no ramo publicitário, foi contratado para dar aulas de Publicidade e Propaganda. "A minha disciplina era um incômodo para os jornalistas, que apenas buscavam o diploma para viabilizar o registro profissional. Mesmo assim, a maioria se esforçava e exigia do professor. Minha grande dificuldade, além de não ter formação acadêmica específica, era o pouco tempo, pois trabalhava o dia inteiro em minhas atividades profissionais", afirma.

Tânia Mara Ferreira, que se mantém no Departamento de Comunicação Social, é outro caso de professor contratado com formação em outra habilitação. Graduada em Artes, a professora foi convidada a ministrar a disciplina de diagramação por também estar trabalhando na área. "Eles queriam alguém que desse conta de ensinar diagramação, de preparar o pessoal minimamente", conta Tânia Mara.

Como o governo não abria vagas para concursos, os primeiros professores foram contratados como "colaboradores", que tinham uma situação semelhante à dos atuais "substitutos", mas com alguns benefícios, como a possibilidade de se afastar para fazer pós-graduação, de realizar pesquisa e ter carga horária de dedicação exclusiva.

Currículo¹

O primeiro currículo, de 1975, apresentava uma grade genérica. Originalmente, o curso deveria oferecer uma formação polivalente em Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Editoração e Jornalismo, com vistas à preparação de profissionais aptos a atender uma demanda mais variada. Esse caráter polivalente, porém, logo se mostrou inviável devido a uma série de dificuldades com relação à infra-estrutura e à contratação do corpo docente. Em novembro de 1976, a CPIC do Curso de Comunicação Social sugeriu a mudança do caráter polivalente para o de habilitações específicas, já que as disciplinas práticas oferecidas atingiam somente a área de Jornalismo.

Ruth Reis, ex-aluna e atual professora do Departamento de Comunicação Social, relata como era a formação dos alunos nos primeiros anos: "Era um curso muito voltado para o mercado de trabalho. Ele basicamente preparava o pessoal para trabalhar em redação de jornal. Entrei em março de 78 e em maio estava em *A Tribuna*. As primeiras turmas foram majoritariamente de jornalistas que já estavam no mercado e entravam para fazer o curso. A segunda, como havia uma carência de profissionais, já ia entrando direto para o mercado. A área de teoria era mais fraca. A principal fonte que a gente tinha de informação e de crítica era o Domingos Freitas Filho. Ele era referência".

De acordo com as normas da Universidade, o primeiro ano de todas as áreas era constituído pelo ciclo básico, em que os estudantes de diversos cursos tinham praticamente a mesma formação. Eram disciplinas como Língua Portuguesa, Filosofia, Antropologia, Sociologia, História e Artes Cênicas. Apenas no segundo ano começaram a ser oferecidas as primeiras disciplinas do ciclo profissionalizante, tendo sido contratados os primeiros professores específicos do curso, conforme já relatado.

Com esse currículo, o Conselho Federal de Educação visava a atender reclamações de estudantes e professores quanto ao enfoque estritamente tecnicista dos cursos de Comunicação, já que equilibrava a prática com uma formação cultural mais ampla.

Segundo Torquato (1979), "raciocinava-se necessário que os alunos, ao saírem dos cursos, tivessem do ponto de vista técnico condições semelhantes às dos que aprenderam exclusivamente nas redações. Mas seria fundamental que os alunos possuíssem uma visão universal que lhes possibilitasse refletir sobre a sociedade e a compreender as suas funções, importância de sua atuação, etc".

As disciplinas previstas no primeiro currículo eram:

História da Comunicação

Sociologia Geral

Fundamentos Científicos da Comunicação I

História da Cultura

Antropologia Cultural

Introdução à Filosofia

Expressão em Vernáculo A
Língua Portuguesa
Psicologia I
Introdução à Psicologia Social
Introdução às Técnicas de Comunicação
Teoria da Comunicação I
Introdução à Ciência Política
Cultura Brasileira
Teoria Política
Prática Desportiva I
Prática Desportiva II
Economia C
Introdução à Economia
Língua Inglesa E
Prática de Redação I
Política e Administração
Sistemas de Comunicação no Brasil
Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa em Jornal
Legislação e Ética em Jornalismo
Introdução à Publicidade e Propaganda
Legislação e Ética em Publicidade e Propaganda
Teoria da Comunicação II
Comunicação Comparada
Fundamentos Científicos da Comunicação II
Problemas Sociais Contemporâneos I
Problemas Sociais, Culturais e Econômicos Contemporâneos I
Realidade Social, Política e Econômica Brasileira
Economia Brasileira
Língua Portuguesa D
Prática de Redação II
Relações Públicas
Jornalismo Comparado
Estética e Comunicação de Massa
Redação em Comunicação
Estética e História da Arte
Técnica de Redação e Expressão Oral em Jornalismo I
Fotojornalismo I
Redação Publicitária I
Criação Publicitária
Problemas Sociais Contemporâneos II
Problemas Sociais, Culturais e Econômicos Contemporâneos II
Teoria da Comunicação III
Realidade Social, Política e Econômica Regional
Ética dos Meios de Comunicação
Publicidade e Propaganda
Jornalismo Impresso I
Telerádiodifusão, Cinema e Teatro

Teledifusão
Legislação da Comunicação Jornalística
Deontologia da Comunicação Jornalística
Deontologia da Comunicação Publicitária
Editoração
Técnicas de Redação e Expressão Oral em Jornalismo II
Planejamento Gráfico em Jornalismo
Fotojornalismo II
Redação Publicitária II
Fotografia Publicitária I
Produção Gráfica
Técnica de Anúncio em Meios Eletrônicos
Jornalismo Impresso II
Técnicas de Redação e Expressão Oral III
Técnicas de Administração e Mercado em Jornalismo
Comunicação Comunitária em Jornalismo
Edição
Redação Publicitária II
Técnicas de Mercado de Publicidade e Propaganda
Pesquisa de Opinião de Mercadologia
Técnica de Anúncio Gráfico
Introdução ao Cinema
Sociologia da Comunicação
Técnica de Administração em Publicidade
Jornalismo Televisado
Jornalismo Radiofônico
Criação Publicitária
Planejamento em Publicidade e Propaganda
Mídia
Comunicação Popular
Jornalismo Impresso III
Técnica de Redação e Expressão Oral IV
Telecinejornalismo
Preparação e Revisão de Originais, Provas e VT
Radiojornalismo
Redação Publicitária IV
Comunicação Comunitária em Publicidade e Propaganda
Planejamento de Campanha
Produção Publicitária em Televisão e Cinema
Inglês Instrumental A
Francês Instrumental
Estatística
Jornalismo Radiofônico, Televisivo e Cinematográfico
Projeto Experimental Jornal Televisado
Projeto Experimental Jornal Radiofônico
Projeto Experimental em Publicidade e Propaganda
Projeto Experimental em Jornalismo

Luta pelo reconhecimento

Com problemas que iam desde a falta de autonomia até a precariedade de estrutura, prejudicando a formação teórica e prática dos estudantes, o curso passou por diversas dificuldades nos seus primeiros anos. Mesmo assim, em 20 de outubro de 1977, pouco tempo antes do término previsto para a oferta desta graduação, a Ufes solicitou ao MEC o reconhecimento do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Menos de um mês depois, é enviada ao Estado uma comissão formada por três especialistas em Jornalismo de outras universidades. De acordo com Possebom (2003), o jornal *Posição*, de 6 de setembro de 1978, traz o parecer da comissão: "A Ufes não oferecia condições didático-pedagógicas consideradas suficientes para a formação de profissionais de Comunicação, mesmo que só para a área específica do Jornalismo, para que o curso 'pretendia' estar aparelhado".

A comissão aconselha ao MEC, então, a suspensão do reconhecimento do curso de Comunicação Social da Ufes. O Conselho Federal de Educação, porém, dá um prazo de 90 dias, a partir de 31 de julho de 1978, data em que a Ufes recebeu o relatório da comissão, para que as condições mínimas de funcionamento fossem oferecidas pela Universidade.

Mesmo sem a autorização, foi realizado o vestibular para o ano de 1978. Professores e estudantes, então, passam a exigir do reitor Manoel Ceciliano Salles de Almeida condições para o reconhecimento do curso. Em agosto desse mesmo ano, uma assembleia geral dos estudantes de Comunicação institui uma "Comissão de Frente". Foram elencadas oito reivindicações básicas para que o curso continuasse funcionando. As exigências dos alunos iam além daquelas feitas pelo Conselho Federal de Educação para conceder o reconhecimento. Em junho de 1979, o jornal laboratório *Impresso Dois*, com matéria assinada por Namy Chequer, Selma Rodrigues Dias e Maria das Graças Goltara, publicou as cobranças que haviam sido feitas pelos estudantes:

Que sejam adquiridos em caráter de urgência os recursos audiovisuais necessários ao curso; que sejam implantadas 2 disciplinas optativas para o curso, a partir de março/79, nas áreas de Relações Públicas e de Publicidade e Propaganda; que sejam atendidas, em caráter de urgência, as exigências feitas pelo CFE para o reconhecimento do Curso com habilitação em Jornalismo; que sejam contratados docentes a partir de março/79, com títulos de mestrado, para viabilizar a formação do Dep. de Comunicação Social; que as providências tomadas em relação aos laboratórios exigidas pelo CFE sejam antes consultadas aos estudantes, através de contatos diretos nas salas de aula por seus representantes de turmas; que seja colocada uma sala à disposição dos professores do curso, para atender às suas prementes necessidades; e que seja esclarecida a situação da Oficina e Diagramação citada no processo nº 4-557/77-CFE, e que essa seja colocada à disposição dos estudantes.

As reivindicações foram acolhidas pelo reitor e, em novembro de 1978, foi firmado um convênio com a Fundação Cultural do Espírito Santo (FCES) para que as disciplinas que utilizassem equipamentos de audiovisual fossem realizadas em seus estúdios. O Convênio de Cooperação Técnica entre a Ufes, a Fundação Ceciliano Abel de Almeida (FCAA) e a FCES possibilitaria que os estudantes tivessem aulas práticas nos estúdios da *Rádio Espírito Santo* e da TVE.

Tomadas as providências, o Conselho Federal de Educação reconhece o Curso de Comunicação Social da Ufes através do parecer 7.610/78, Decreto nº 83.220 de 1º de março de 1979, publicado no dia seguinte no Diário Oficial da União.

Foto: Arquivo José Irmo Goming



Primeiro churrasco do Curso de Comunicação Social: Tinoco dos Anjos (à esquerda, em pé), Marlene Sueli (ao lado), Elimar Guimarães (de barba e bigode, em pé), Domingos (com bigode, de perfil, em pé), Stela Magda (de calça comprida e bata), Sílvia Terezinha (sentada, com cigarro na boca) e José Irmo (sentado, ao centro)

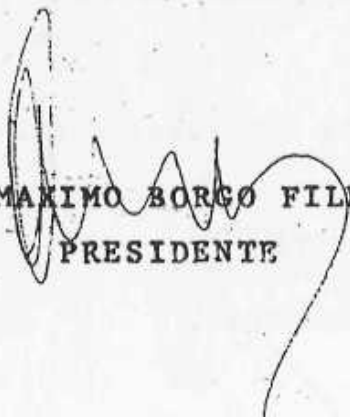
RESOLUÇÃO Nº 5 /74

O CONSELHO DE ENSINO E PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS E ESTATUTÁRIAS, apreciando o que consta do Processo nº 1 135/74- Sub-Reitoria Acadêmica e de conformidade com o Parecer da Comissão de Ensino e Extensão,

R E S O L V E:

Propor a criação do Curso de Comunicação na Universidade Federal do Espírito Santo.

Sala das Sessões, 21 de junho de 1974


MAXIMO BORGÓ FILHO
PRESIDENTE

RESOLUÇÃO Nº 6 /74

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO, TENDO EM VISTA O QUE CONSTA DO PROCESSO
Nº 1 135/74- SUB-REITORIA ACADÊMICA,

R E S O L V E:

Acolher a proposta do Conselho de Ensino e Pesquisa
para criação do Curso de Comunicação, determinando seu
encaminhamento à Secretaria Geral do Ministério da Edu-
cação e Cultura, nos termos da Portaria nº30-BSB, de
29.01.74.

Sala das Sessões, 28 de junho de 1974


MAXIMO BORGÓ FILHO
PRESIDENTE

RESOLUÇÃO Nº 16 /74

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS E ESTATUTÁRIAS,

CONSIDERANDO OS TERMOS DA RESOLUÇÃO Nº 5/74 DO CONSELHO DE ENSINO E PESQUISA, A DE Nº 6/74 DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO E A AUTORIZAÇÃO MINISTERIAL CONTIDA NO RADIOGRAMA Nº 212, DE 09.09.74, DO SENHOR DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS UNIVERSITÁRIOS, CONSTANTES DO PROCESSO Nº 1 135/74,

R E S O L V E :

Art. 1º - Criar o Curso de Comunicação Social na Universidade Federal do Espírito Santo.

Art. 2º - O Curso de Comunicação Social terá 80 (oitenta) vagas no Concurso Vestibular.

Art. 3º - As vagas a que se refere o artigo anterior serão oferecidas em 3 (três) anos consecutivos, a partir de 1975.

Art. 4º - Decorrido o prazo de 3 (três) anos a Universidade só poderá abrir novas vagas se comprovada a necessidade do mercado de trabalho e renovada a autorização Ministerial.

Art. 5º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, 11 de setembro de 1974


MAXIMO BORDO FILHO
PRESIDENTE

Somos balzaquianos!

Bruno Marques, Fabricia Borges e Felicia Borges

A chegada aos 30 anos marca uma trajetória de muitas ultrapassagens, PC dificuldades e de obstáculos, por parte de alunos e professores de Comunicação Social da Ufes. Reconhecido o curso, em 1979, a década de 80 se apresentava com um pouco mais de certezas, mas, igualmente aos anos iniciais, com uma agenda repleta de problemas a enfrentar.

Em pouco tempo, o convênio que contribuiu para o reconhecimento do curso mostrou-se inoperante. Segundo documento assinado pela professora de Jornalismo Televisado Glecy Coutinho e pela então chefe do Departamento de Comunicação Social, Maria Elizabeth Rondelli de Oliveira, o convênio não funcionava a contento.

O documento, enviado ao diretor executivo da FCAA, relatava que a parceria firmada com a FCES definia na cláusula segunda, parágrafo III, que caberia "à Universidade o fornecimento de material de consumo julgado necessário para a adequada utilização dos equipamentos, tais como: fitas, material de edição, gravadores, cassetes, vídeo cassetes etc". No entanto, não era isso o que acontecia.

Como a Universidade não cumpria sua parte no acordo, os próprios veículos tinham de fornecer o material, o que impossibilitou o pleno funcionamento do convênio. De acordo com o jornal *Impresso Dois*, de junho de 1979, no primeiro semestre daquele ano, a efetivação do convênio se restringiu a apenas uma visita de cada aluno da disciplina de Telejornalismo e Radiojornalismo aos estúdios. A ex-professora Glecy Coutinho confirma: "Era a maior dificuldade pra gente conseguir as coisas. Eu comprei muita fita do meu bolso".

Segundo Glecy, tempos depois, a utilização desses estúdios também se mostrou deficitária, principalmente na TV, devido à falta de estrutura técnica para a realização das aulas práticas. Logo, a própria Ufes percebeu que na TV não havia condições ideais e o convênio foi encerrado.

As aulas práticas nos estúdios da *Rádio Espírito Santo* também não durariam muito tempo. Isso porque, de acordo com documento enviado pelo Departamento de Comunicação Social à Diretoria do CCJE, em 27 de maio de 1981, com a extinção da FCES, nesse período, a *Rádio Espírito Santo* passou a ser administrada pela Secretaria de Comunicação do Estado, e o convênio com a Ufes foi revogado, impedindo a realização das aulas práticas na emissora. Como ainda *não* tinha um laboratório próprio, o curso passou a usar os estúdios do Laufes (Laboratório de Audiovisual da Ufes), localizado no Centro Pedagógico.

Novo currículo

Em 1978, o Conselho Federal de Educação aprovou um novo currículo para os cursos de Comunicação Social, prevendo a criação de habilitações em jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Editoração e Rádio e TV

O novo currículo elaborado pelo Curso de Comunicação da Ufes, segundo orientação da Resolução 03/78 do Conselho Federal de Educação, previa a implantação das habilitações de Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, além de jornalismo. O currículo proposto pelos professores Maria Elizabeth Rondelli e Aurélio Jaques Batista foi aprovado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa em novembro de 1979 e passou a valer a partir do primeiro semestre de 1980.

No entanto, de acordo com o professor Ruy Roberto Ramos, a habilitação de Relações Públicas, "embora exista oficialmente, nunca foi ofertada por falta de professores com formação específica na área". Além da impossibilidade de contratação

do corpo docente para as disciplinas profissionalizantes de Relações Públicas, a baixa procura pela habilitação favoreceu o consecutivo adiamento de sua implantação.

O novo currículo também ampliou a duração do curso para quatro anos, em vez de três, como acontecia no currículo anterior, assim como aumentou o número de disciplinas práticas. Ele manteve a divisão da graduação em duas etapas: Ciclo Básico, com disciplinas de fundamentação humanística e matérias específicas comuns às duas habilitações, e Ciclo Profissionalizante.

Currículo de 1980

Ciclo básico

Sociologia Geral

Introdução à Filosofia

Antropologia Cultural

Língua Portuguesa

Introdução à Psicologia Social

Introdução à Ciência Política

Teoria da Comunicação I

Cultura Brasileira

Introdução à Economia

Psicologia Social

Língua Portuguesa D

Problemas Socioculturais e Econômicos Contemporâneos I

Economia Brasileira

Teoria da Comunicação II

Sistemas de Comunicação no Brasil

Problemas Socioculturais e Econômicos Contemporâneos II

Teoria da Comunicação III

Comunicação Comparada

Estética e Comunicação de Massa

Redação em Comunicação

Jornalismo

Rádiodifusão

Legislação da Comunicação Jornalística

Deontologia da Comunicação Jornalística

Técnica de Administração em Jornalismo

Jornalismo Impresso I

Editoração (optativa)

Teledifusão

Técnicas de Mercado em Jornalismo

Editoração e Diagramação (optativa)
Jornalismo Impresso II
Fotojornalismo (optativa)

Jornalismo Televisado
Jornalismo Radiofônico
Jornalismo Empresarial (optativa)
Jornalismo Político (optativa)
Jornalismo Econômico (optativa)
Jornalismo Cultural (optativa)
Comunicação Popular (optativa)
Jornalismo Impresso III

Projetos Experimentais em Jornalismo Impresso
Projetos Experimentais em Jornal Televisado
, Projetos Experimentais em Jornal Radiofônico

Inglês Instrumental A (optativa)
Francês Instrumental (optativa)

Carga horária obrigatória: 2.220 horas.

Publicidade e Propaganda

Técnicas de Mercado em Publicidade e Propaganda I
Deontologia da Comunicação Comunitária
Legislação da Comunicação Comunitária
Introdução à Publicidade e Propaganda

Linguagem Publicitária
Produção Gráfica
Técnicas de Anúncio em Meios Eletrônicos
Técnicas de Mercado em Publicidade e Propaganda II

Criação Publicitária
Planejamento em Publicidade e Propaganda
Fotografia
Mídia
Técnicas de Administração em Publicidade
Técnicas de Anúncio Gráfico

Projetos Experimentais em Publicidade e Propaganda
Inglês Instrumental A (optativa)
Francês Instrumental (optativa)

Carga horária obrigatória: 2.400 horas.

Relações Públicas

Linguagem em Relações Públicas
Introdução às Relações Públicas
Recursos Audiovisuais
Legislação da Comunicação em Relações Públicas
Administração Geral

Editoração e Diagramação
Comunicação Dirigida
Jornalismo Empresarial

Técnicas de Relações Públicas
Administração de Recursos Humanos

Planejamento em Relações Públicas
Opinião Pública - Pesquisa
Deontologia da Comunicação em Relações Públicas
Orçamento
Técnica de Mercado em Relações Públicas
Projetos Experimentais em Relações Públicas Inglês Instrumental A (optativa) Francês Instrumental (optativa)
Carga horária obrigatória: 2.400 horas.

A busca por autonomia

Nessa época, apesar de ainda não existir o Departamento de Comunicação Social e de o curso estar ligado ao Departamento de Administração, os professores já trabalhavam com uma coordenação quase independente. Exemplo disso é que em 27 de novembro de 1978 abriu-se um livro de atas próprio dos professores do curso.

Como pontos de pauta dessa primeira reunião registrada, constavam os últimos ajustes no novo currículo e sua implantação, a contratação de professores e problemas referentes à publicação do jornal laboratório Impresso Dois. Estavam presentes: Carlos Eduardo Zanatta, Jane Mary Abreu, Aurélio Jaques Batista, Hésio Alair Pessali, Sibyla Baeske, Cicilia Maria Krohling Peruzzo, José Irmo Gonring e Maria Elizabeth Rondelli de Oliveira.

O reconhecimento do curso por parte do Ministério da Educação abriu caminho para que se trabalhasse com mais afinco na criação de um departamento específico para a Comunicação Social. Mas isso não era um processo tão simples. Havia a necessidade, de acordo com os artigos 49 e 47 do Estatuto da Ufes, de se ter um corpo docente composto por, no mínimo, doze professores, sendo que a chefia tinha de ser assumida por um professor efetivo, ou seja, que fosse vinculado aos quadros da Universidade.

Com a chegada de Maurício Nogueira Tavares e Renato Viana Soares, completou-se o quadro de doze professores exigidos. Porém, o segundo ponto ainda ficaria pendente. Naquela época existiam na Comunicação apenas professores "colaboradores".

Mesmo assim, na reunião do dia 16 de fevereiro de 1980, os professores apontaram oficialmente a criação do Departamento. Obviamente, isso causaria um rearranjo de poderes no Conselho Departamental do CCJE e, assim, os demais cursos não se empenhavam tanto para que a Comunicação se emancipasse do Departamento de

Administração. O depoimento da ex-professora do curso Elizabeth Rondelli ilustra bem a situação: "Contávamos com alguma resistência do Departamento de Administração, mas principalmente com as resistências das chefias dos departamentos de Economia, de Direito Público e de Direito Privado, que ocupavam há muitos anos a direção do CCJE e não queriam ver o poder administrativo que controlavam ameaçado pela criação de mais um departamento. Por isso, os conflitos eram constantes e se manifestavam principalmente na reunião do Conselho Deliberativo do CCJE, em que o coordenador do curso de Comunicação Social tinha direito a voz e não a voto".

Sem obter êxito nas discussões, os professores criaram um impasse. Quando chegou o momento da implantação do novo currículo, eles condicionaram tal processo à criação de um departamento próprio e a participação nas instâncias de poder do CCJE. Segundo Gleycy Coutinho, enfraquecimento do poder da ditadura contribuiu para que pudessem ser feitas pressões em prol de uma maior autonomia: "Em 80, a coisa já não estava tão fechada, tão na mão da ditadura. Antes, a Ufes fazia o que queria, por causa da ditadura e, nessa época, eles já não estavam mais tão poderosos assim. Então, a gente podia pressionar. Se isso tivesse sido feito na época em que o curso foi implantado, acho que nem teria sido possível".

Aos poucos, alguns professores passaram a apoiar a criação do Departamento de Comunicação. "Não sei por que a gente caiu nas graças de um dos chefes do Departamento de Direito, o professor Mauricio de Oliveira. Ele começou a apoiar e aí alguns outros também ajudaram", conta Tânia Mara Corrêa Ferreira, professora do curso desde 1979. Em 28 de março de 1980, o Departamento de Administração aceita a criação dos departamentos de Comunicação Social e de Biblioteconomia.

Em meio à busca por apoio político, as professoras Tânia Mara Ferreira e Elizabeth Rondelli assumiram a responsabilidade pela elaboração do projeto de criação do departamento. Como não havia professores efetivos para ocupar a chefia, conforme determinado pelo Estatuto da Universidade, as professoras buscaram junto aos conselhos superiores a abertura de um precedente. Em 10 de abril de 1980, o Conselho de Ensino e Pesquisa aprova a criação do Departamento de Comunicação Social e, finalmente, em 30 de abril de 1980 é liberada a instituição do departamento.

Confira, abaixo, um trecho do documento de criação do Departamento de Comunicação Social, assinado pelo então presidente do Conselho de Ensino e Pesquisa da Ufes, Aly da Silva:

RESOLUÇÃO N-ºJ 3/80

O CONSELHO DE ENSINO E PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, apreciando o Processo n^º 2138/80-Departamento de Administração do CCJE,

RESOLVE:

Art. 1^º - Criar o Departamento de Comunicação Social, integrado ao Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. Art. 2^º - Revogam-se as disposições em contrário.

SALA DAS SESSÕES, 30 DE ABRIL DE 1980

Um espaço para o Departamento

Mas, afinal, onde seria instalado o novo departamento/ Ainda na reunião do dia 16 de fevereiro, os professores decidiram pela ocupação do prédio onde ficavam os

departamentos do CCJE, atual Laboratório de Micros do Centro, pois estes estavam se transferindo para o prédio que os abriga atualmente.

A direção de Centro indicou que o departamento se instalasse ali e já em maio de 1980 ele estaria funcionando. No entanto, as condições estavam longe de serem consideradas ideais. A professora Tânia Mara se emociona ao lembrar as condições de instalação do departamento: "Eles falaram que a gente podia ocupar, não falaram quanto. Aí, a gente resolveu ocupar o prédio todo. Chegamos lá, o prédio vazio. Não tinha nada. Aí, nós saímos coletando móveis, cadeiras naquele depósito de coisas velhas da Ufes. E procurando em sala de aula mesa que estava sobrando, cadeiras... Fomos montando o departamento assim. O Departamento de Direito, numa sala de aula, tinha uma mesa de reunião gigantesca. daquelas mesas de peroba, pretas, toda bordadinha do lado. Nós 'roubamos' para ser a mesa de reunião do nosso departamento. Roubamos assim, né gente? Passamos pelo corredor com a mesa, arranjamos uma menorzinha e colocamos no lugar. E era a mesa de reunião. Então, a sala de reunião [do Departamento de Comunicação] era assim: um mesão de todo tamanho e a gente ficava imprensado na parede. Ninguém podia engordar [risos]. A mesa era chique, mas era muito velha. O professor nem deve ter percebido. Eu acho que a mesa estava sobrando e eles botaram em sala".

A primeira reunião do Departamento de Comunicação foi realizada em 20 de maio de 1980, às 13 horas. Essa reunião foi presidida pela professora Sibyla Baeske, por ser a docente mais antiga no departamento, conforme previsto no Estatuto da Ufes.

Estavam presentes à reunião os professores José de Moraes Carvalho, José Irmo Gonring, Maria Elizabeth Rondelli de Oliveira, Maurício Nogueira Tavares, Renato Viana Soares e Sibyla Baeske. Como ponto único de pauta estava a eleição de chefe e sub-chefe do Departamento. Foram eleitas por unanimidade as professoras Maria Elizabeth Rondelli de Oliveira, como chefe, e Tânia Mara Corrêa Ferreira, como sub-chefe.

Começou, então, toda uma batalha pela contratação de funcionários. A primeira foi Sônia Márcia Rodrigues Gava, que ainda hoje continua trabalhando junto ao curso. Nesse período, o recém-criado departamento recebeu grande apoio de "Dona Dilce", uma secretária do Departamento de Administração que, segundo a professora Tânia Mara, conhecia tudo sobre os procedimentos da Universidade.

O amadurecimento institucional

Com uma estrutura administrativa um pouco melhor que a dos primeiros cinco anos, professores e alunos começam a buscar condições mais favoráveis ao ensino e aprendizagem. Constatada a falência dos convênios com o Estado para uso dos estúdios das emissoras oficiais de rádio e TV, apresentou-se a necessidade da construção de laboratórios próprios para o curso, o que só aconteceria anos depois.

Outro fato importante desse momento é a cobrança de maior rigor na contratação de novos professores e sugestão de que, ao final de cada semestre, os docentes fossem avaliados, inclusive pelos alunos.

Ainda em 1980, foram definidos os temas e os nomes dos palestrantes da I Semana de Comunicação, organizada em conjunto com os estudantes e o Sindicato dos Jornalistas. A pauta foi a seguinte: "O dia-a-dia do repórter", com Maurício Azedo; "Jornalismo Econômico", com Rolf Kuntz; "Jornalismo no ES", com Marien Calixte e Nilo Martins; "Jornalismo e Televisão", com Carlos Henrique; "Imprensa Alternativa", com Osmar Trindade; "Cursos de Comunicação", com Roberto Amaral; e "Política de Comunicação", com Luiz Gonzaga Mota. Esse evento se tornaria regular, ocorrendo uma vez a cada ano e servindo como importante ponto de complementação de estudos.

A importância do Curso de Comunicação Social também extrapolou o campus. Professores como Gleycy Coutinho atuaram no Sindicato dos Jornalistas. "A Associação dos Jornalistas [atual Sindicato dos Jornalistas] só passou a ter força à medida que o povo foi se formando no curso de Comunicação. Porque eles já vinham da Ufes com outra cabeça, não com aquela cabeça do pessoal que ficava lá dizendo 'não, no final das contas a gente faz um acordo'", afirma a ex-professora.

O ano de 1981 também foi importante quanto ao vínculo dos professores com a Universidade. Em decorrência da vitória na greve dos docentes, que parou as universidades um ano antes, os professores de todas as instituições federais de ensino do País puderam ser incorporados como servidores efetivos. Até esse momento, nenhum professor da Comunicação fazia parte do quadro, mantendo-se todos sob a condição de "colaboradores". Todos optaram por seguir a carreira docente, sendo que oito dos doze, com dedicação integral. No entanto, todo esse processo de amadurecimento institucional, permitido pelo reconhecimento do curso (1979), pela criação do departamento (1980) e pela efetivação dos professores (1981), não era acompanhado por melhorias significativas no campo pedagógico. Na verdade, as condições para as aulas permaneciam muito ruins.

A precariedade no campo pedagógico

No início de 1981, o departamento elaborou um projeto de estrutura física necessária para os laboratórios a ser encaminhado à Sub-reitoria de Planejamento. No fim daquele mesmo ano, foram enviados à Comissão dos Cursos de Comunicação, que era ligada ao MEC, dados sobre as condições de funcionamento do curso da Ufes. Algumas observações feitas no documento dão conta da precariedade das instalações. Entre elas, a inexistência de laboratórios de fotografia e de TV e de um ateliê de publicidade.

Em 1982, a instituição da habilitação em Relações Públicas teve de ser mais uma vez adiada, por falta de alunos e de professores especializados. Houve, ainda o cancelamento de quatro disciplinas, também devido à falta de professores. Em maio, foi solicitada a contratação de 13 professores, dois a mais que o pedido feito no ano anterior, que não havia sido atendido, além de um técnico para o laboratório de TV do Laufes. Ainda em 1982, foi realizado o primeiro concurso público de provas e títulos.

As dificuldades eram grandes. Os professores se queixavam da falta de equipamentos e de espaço físico e os estudantes pediam a centralização das aulas, até então oferecidas em diversos centros pelo campus. Não havia investimentos e, como as demandas do curso não eram ouvidas, ainda no ano de 1982 se discutiu uma possível transferência para o Centro de Artes, que teria espaço para as aulas expositivas e para os laboratórios da Comunicação.

Em 1983, ampliam-se as reivindicações por uma estrutura que garantisse o aproveitamento ideal do currículo implantado em 1980. Foi formada junto à administração central da Ufes uma comissão com a participação de professores e estudantes da Comunicação e do Centro de Artes. Ela solicitava espaço físico e criticava a formação acadêmica oferecida, bastante deficiente devido às precárias instalações. Não houve sucesso.

Em meio a tanta carência, vários projetos de prédios para a Comunicação foram elaborados. Em 1986, um prédio chegou a ser construído, mas ele foi destinado a setores administrativos, como o próprio Departamento de Comunicação, que deixou o prédio que ocupava em 1980. "Era um projeto de prédio da Comunicação, para laboratório, sala de aula, de tudo. Aí, o reitor resolveu fazer o prédio departamental, porque os professores não tinham sala. Eles construíram para ser salas de professor e, aí,

fizeram para os departamentos que faltavam [Comunicação e Biblioteconomia]. Nós participamos de vários projetos de laboratório para o curso de Comunicação. Que eu me lembro, mesmo, tem no mínimo cinco projetos acabados, finalizados, discutidos, desde a época da criação do Departamento", conta a professora Tânia Mara.

Em 1985, um novo currículo foi implantado, a partir da Resolução 02/84 do Conselho Federal de Educação. As novas diretrizes se baseavam em um estudo realizado por especialistas do MEC, com a participação de representantes da sociedade organizada e de instituições ligadas à Comunicação.

Segundo o professor Victor Israel Gentilli, o currículo de 85 era bem feito. "Nos primeiros anos, esse currículo permaneceu porque era bom. Foi com o decorrer do tempo que as pessoas começaram a perceber que ele tinha deficiências, que ele podia ser melhorado. Esse currículo, aliás, até hoje é um bom currículo", afirma. O currículo de 1985, salvo algumas alterações que foram feitas ao longo do tempo, é o que vigora para as turmas que entraram até o segundo semestre de 2003.

Confira as disciplinas do currículo de 1985:

Ciclo comum

Sociologia Geral

Língua Portuguesa

Introdução à Psicologia

Introdução à Filosofia

História da Comunicação

Teoria da Comunicação I

Prática de Redação I

Teoria Política

Introdução às Técnicas de Comunicação

Antropologia Cultural

Jornalismo

Prática de redação II

Teoria da Comunicação II

Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa em Jornalismo

Legislação e Ética em Jornalismo

Comunicação Comparada

Realidade Socioeconômica e Política do Brasil

Técnicas de Redação e Expressão Oral I

Fotojornalismo I

Estética e História da Arte

Psicologia Social

Realidade Socioeconômica e Política Regional

Introdução à Economia

Técnicas de Redação e Expressão Oral II

Fotojornalismo II

Planejamento Gráfico em Jornalismo

Rádiodifusão

Teledifusão

Teoria e Metodologia de Pesquisa em Comunicação

Técnicas de Redação e Expressão Oral III

Edição

Comunicação Comunitária em Jornalismo
Técnicas de Administração e Mercadologia em Jornalismo
Introdução ao Cinema

Sociologia da Comunicação
Técnicas de Redação e Expressão Oral IV Preparação e Revisão de Originais, Provas e VT Telecinejornalismo Radiojornalismo Jornalismo Impresso
Projetos Experimentais em Jornalismo
Publicidade e Propaganda
Prática de Redação II
Teoria da Comunicação II
Introdução à Publicidade e Propaganda
Legislação e Ética em Propaganda
Comunicação Comparada
Realidade Socioeconômica e Política Brasileira
Redação Publicitária I
Criação Publicitária
Estética e História da Arte
Psicologia Social
Realidade Socioeconômica e Política Regional
Introdução à Economia
Redação Publicitária II
Fotografia Publicitária I
Produção Gráfica
Produção Publicitária em Rádio
Administração de Empresas em PP
Teoria e Metodologia de Pesquisa em Comunicação

Redação Publicitária III
Fotografia Publicitária II
Técnica do Anúncio Gráfico
Pesquisa de Opinião e Mercadologia
Técnica de Mercadologia em PP
Sociologia da Comunicação
Redação Publicitária IV
Comunicação Comunitária em PP
Planejamento de Campanha
Produção Publicitária em TV e Cinema
Mídia Estatística
Projetos Experimentais em PP

Os estudantes nos anos 80

A década de 1980 foi, também, um período de intensa participação dos estudantes. É por volta de 1984 que surge o mais famoso movimento, o chamado Balão Mágico. Suas reivindicações se faziam, principalmente, com relação à adoção de metodologias

mais modernas por parte dos professores. O grupo manifestava suas opiniões, às vezes, de um modo que chocava os docentes e a comunidade universitária, em geral. (*Confira, também, o capítulo 4*)

"Você vai ter na década de 80, mas não até o final dela, um aluno que tem uma certa rejeição a tudo que cheira a autoridade", analisa Ismael Thompson, ex-aluno e professor do curso. No final da década, surgiria um tipo de movimento mais sutil, se comparado à efervescência do Balão. Era, segundo Ismael, "um movimento mais 'cult'". "Os estudantes sempre mantiveram seus representantes, mas teve período em que o CA declinou, assim de quase fechar. De 1987 a mais ou menos 1993, foi aquela coisa sempre muito light, chapa única. O pessoal até apelidava de 'Clube do Amor'. De 1988 para frente você já começa a sentir a entrada de um aluno que quer ser avaliado. Mas você tem que pensar isso dentro de um processo

maior", avalia o professor. Ele ainda diz que o envolvimento com drogas foi muito presente no curso de Comunicação na década de 80 e início dos anos 90, sendo visto como um movimento de contestação.

Dentre os projetos estudantis mais citados, está a criação de rádios pirata. A maioria não teve vida longa. A mais importante foi a chamada Rádio TX, articulada por alunos ligados ao grupo Balão Mágico. Eles ocuparam uma cabine na Biblioteca Central e passaram a transmitir de lá os seus programas.

Seguidos de perto pelo Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentei), os alunos pediram à professora Úlecy Coutinho que apoiasse a TX, assumindo-a como um projeto de Extensão. Gleycy aceitou e por muito tempo foi a responsável pela manutenção da rádio no ar. "Toda semana o Dentei me chamava lá. Aí, eu chegava lá conversava, conversava, elogiava o trabalho deles, tomava baldes de café, de água. E eles: 'Isso é tudo uma turma de maconheiro'. E eu: 'Não! Daqui a pouco eles vão estar casados, vão ser pais de família, vão ser jornalistas que vão estar fazendo coisas importantes'. E aí, deixavam mais um mês. Daí a pouco, eles: 'Estão falando muito palavrão'. E eu falava com os meninos: 'Não pode falar palavrão'. Eles se continham uns quinze dias e depois começava tudo de novo", conta a ex-professora. A emissora ficou no ar por cerca de três meses, até que o Dentei lacrou o transmissor e a rádio teve de encerrar suas atividades.

Foi a partir dessas experiências que a Reitoria despertou para o projeto da Rádio Universitária, pois, segundo o professor Ismael Thompson, havia o risco de a concessão do governo federal, que já existia, ser usada por instituições privadas de ensino. A relação entre o curso de Comunicação e a Rádio Universitária é uma das questões polêmicas desses 30 anos.

A questão da rádio

A Rádio Universitária foi criada como um órgão complementar à Fundação Ceciliano Abel de Almeida (FCAA). Sua administração seria organizada através de uma Direção e um Conselho de Programação. Esse Conselho seria composto por sete membros, entre eles um representante do Departamento de Comunicação e um estudante do curso, indicado pelo Centro Acadêmico de Comunicação Social.

No entanto, os laços formais entre o curso e a Rádio nunca foram muito consistentes. Há versões diferentes para esse distanciamento. Para o ex-professor Hésio Alaor Pessali, um dos motivos teria sido a "rigidez ideológica" do departamento. "Na época [da criação da Rádio Universitária] o Departamento de Comunicação não se afinava ideologicamente com o reitor [Rômulo Penina]. Aí o que fez: 'Não, nós não vamos indicar nenhum professor, atribuir carga horária'. Mas tinha carga horária disponível para outras coisas que interessavam ao departamento. Então, nós [Hésio e Ricardo Conde] ficávamos lá porque queríamos, porque gostávamos. Recebíamos uma quantia

irrisória. Eu tinha interesse porque gosto de rádio e levava meus alunos para lá. Fazíamos experiências boas, só que o departamento não formalizou isso".

Outros professores apontam causas diferentes para a limitada participação do curso junto à Rádio. Para Júlio César Martins, "a Rádio Universitária nunca veio para ser do curso. Ela veio para a Universidade. Sempre quiseram nos dar a Rádio para tomar conta, mas inclusive com todo o ônus. Como é que a gente vai manter o transmissor? Nunca se falou assim: 'Nós vamos passar a Rádio para vocês. Vocês fazem a gestão da Rádio, essas despesas mínimas [técnico, estagiários, locutores, jornalistas, diretor] a gente cobre'. Foi sempre assim: 'Quer levar para a Comunicação, leva, mas fica lá, não volta não'".

A professora Tânia Mara é da mesma opinião. "A Rádio já foi oferecida várias vezes para o Departamento de Comunicação, mas o departamento nunca quis pegar a Rádio porque não tem condições financeiras. Botar a emissora na nossa mão seria acabar com o projeto. Nós não temos nem funcionários, nem corpo docente para assumir uma Rádio. O que a gente sempre quis foi que a rádio abrisse espaço para estágio e para atividade didática. Agora, ficar com a administração da emissora a gente nunca quis, porque o departamento não tem dinheiro", analisa a professora.

De todo modo, seja devido ao embate ideológico ou à precariedade da estrutura, o certo é que até os anos 1990 a Comunicação Social passou por todo tipo de dificuldade. As melhorias aconteciam de forma lenta e os alunos, assim como os professores, sofriam com a precariedade das instalações, tendo de buscar, muitas vezes, por seus próprios esforços oportunidades e experiências que lhes garantissem uma formação mais qualificada.

Problemas históricos

Apesar das mudanças iniciadas em 1980, no fim da década o curso ainda sofria com muitos problemas antigos. A falta de estrutura dos laboratórios persistia. Apesar dos apelos e projetos, os recursos sempre foram escassos em relação às necessidades do curso e as aulas se sustentavam quase que totalmente na parte teórica. Os professores tentavam compensar essas deficiências, mas o prejuízo era evidente.

Segundo o professor Júlio Martins, os primeiros laboratórios do curso eram bastante precários. O laboratório de fotografia sequer existia, tendo sido utilizado o do Centro de Artes. "A gente ia de porta em porta. Fizemos dezenas de projetos para esse prédio [de laboratórios]. A gente ia ao Departamento de Planta Física [atual Prefeitura Universitária] e eles diziam que nós tínhamos espaço ocioso no curso, porque à tarde as salas ficavam vazias. Perguntavam por que tínhamos de ter laboratórios específicos. Eram discussões num nível baixíssimo. Tinha um [diretor de centro] que estava aí há anos. Os filmes chegavam para o laboratório de fotografia, que a gente nem tinha, e ficavam estragando na gaveta dele. No dia em que o Penedo assumiu a Direção de Centro, em 1989, ele me chamou para fazer a limpeza dos armários e a gente encontrou filme velho, filmadora Super 8, máquinas fotográficas, equipamentos que foram comprados para o curso e que nunca chegaram nas nossas mãos. Era um absurdo total. Abrimos várias latas de filmes vencidos. Sempre foi difícil encontrar nesse Centro pessoas que entendessem, as nossas necessidades. A gente sempre teve que andar de pires na mão para imprimir o jornal laboratório. Custa para as pessoas entenderem as nossas necessidades, entender que temos necessidades além de 'cuspe e giz'. A gente sempre foi o patinho feio", diz.

A reviravolta

A chegada de Roberto Penedo à Reitoria (1992 a 1995) possibilitou várias mudanças ao curso de Comunicação. Na realidade, nesse período, foram construídos cerca de 26 prédios e diversas outras obras que mudaram completamente a cara da Universidade, como, por exemplo, o Centro de Vivência, o Teatro Universitário, a lagoa do CCJE e a sinalização do campus. Para a Comunicação, foi o momento da construção e estruturação

do seu edifício de laboratórios (ELC), que não resolveu todos os problemas, mas permitiu que os professores começassem a modificar os programas das disciplinas, trazendo melhorias à formação dos estudantes.

Nesse momento, no processo de informatização da Universidade, chegou ao Departamento de Comunicação Social o primeiro computador. Foi aí que teve início a substituição do sistema de diagramação manual do jornal laboratório *Primeira Mão*.

Em 1995, a Ufes compraria uma nova remessa de computadores e o curso receberia 20 máquinas. Seria montada, então, a sala do Laboratório de Micros. A última atualização dos computadores ocorreria através de um programa nacional de informatização do MEC, durante a gestão da professora Tânia Mara na Diretoria do CCJE, entre 1997 e 2001.

Outra medida importante adotada nesse período foi a permissão da publicação dos editais da Universidade pelo curso de Comunicação. O trabalho ficou a cargo de uma Agência Experimental, que funcionava como laboratório do curso, que passou a receber os 20% de comissão previstos nesse tipo de transação.

O professor Júlio César Martins assinou como publicitário para que o departamento pudesse receber o dinheiro. Segundo ele, antes dessa mudança, todas as editais da Universidade eram publicados nos jornais através de um escritório particular de corretagem de anúncios. A decisão da Reitoria de permitir a publicação pela Agência Experimental contrariou os interesses do mercado, que lucrava com a atividade.

A agência gerava uma renda média de dois a três mil reais mensais, que durante anos cobriu despesas de conserto e ajudou em compras de equipamentos. Em 2002, o governo federal decidiu centralizar a publicação de editais, impossibilitando o funcionamento da agência experimental. "A última coisa que compramos com esses recursos foi a ilha digital. Tiraram esse dinheiro da gente. Aí, nós ficamos sem nada", lamenta o professor Júlio Martins.

O congresso da Intercom

O momento positivo que o curso vivia no início da década de 90 também alcançou a área das pesquisas acadêmicas. Em 1993, à Ufes sediou o 16^o Congresso da Intercom, a Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação. Essa é a principal agremiação de professores pesquisadores da América Latina, com reconhecimento mundial. O Congresso teve como tema as "Transformações da Comunicação: ética e técnicas". A coordenadora do evento foi a professora aposentada Cicilia Maria Krohling Peruzzo e a vice-coordenadora, a professora Juçara Gorski Brittes, ainda lotada no Departamento de Comunicação Social.

O encontro de Vitória é considerado um marco na história da Intercom. Foi a partir dele que os organizadores decidiram aceitar trabalhos de estudantes de graduação. Com isso, a participação saiu da média de 200 inscritos para o recorde, na época, de aproximadamente 500 pessoas.

A professora Juçara lembra com entusiasmo do evento: "Foi um engajamento interessantíssimo do curso inteiro. Os alunos entraram de corpo e alma. A sala da

direção virou alojamento. Nós fizemos ali uma assessoria de imprensa. Nas outras salas [dos demais cursos do CCJE] foi uma dificuldade para entenderem porque durante uma semana não podia ter aula, porque nós íamos precisar das salas, não só para os eventos, mas para alojamento dos estudantes. Virou um 'Woodstock'. Foi maravilhoso, maravilhoso, maravilhoso!".

Na opinião da professora Juçara Brittes, a partir daí, os alunos despertaram para a pesquisa, o que até então não era estimulado pelo curso. Nessa época, também, parte dos professores se motivou a fazer pós-graduação.

Um dos mais positivos reflexos da Intercom na Ufes foi a criação do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão (NEXO), com a finalidade de incentivar os estudos em Comunicação no Espírito Santo. Nos anos seguintes, as pesquisas realizadas tiveram boa repercussão nacional e, em 1998, durante a Intercom de Pernambuco, o NEXO recebeu o Prêmio Luís Beltrão como melhor "Grupo Inovador", por sua contribuição à Ciência da Comunicação no Brasil.

Também foi realizada, em 2001, a oitava edição do Simpósio da Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste (Sipéc), evento promovido pela Intercom. O tema foi "A Sociedade da Informação e as novas mídias: participação ou exclusão?". O encontro contou com a participação de outras faculdades de Comunicação do Estado. A primeira edição do Sipéc havia sido realizada em 1988 na Ufes.

Eventos próprios

Com melhores condições de atuação, o departamento passou a organizar também seus próprios eventos. A "Semana de Publicidade do Curso de Comunicação Social da Ufes" é o mais consolidado deles. Criada em 1994, a partir de uma idéia da professora Cicilia Peruzzo, foi promovida pela primeira vez como um projeto de conclusão de curso de três alunas.

Hoje, após oito edições, a Semana é reconhecida como um dos mais importantes acontecimentos do meio publicitário do Espírito Santo. Para o professor Ruy Ramos, "o grande diferencial da Semana de Publicidade da Ufes, em relação aos outros eventos realizados aqui no Estado, é aquilo que esteve presente em todas as suas edições: inovação e pertinência nos temas abordados e adequação e importância dos palestrantes convidados".

Em 2003, o departamento criou o Fórum de Comunicação Social (FoCo), um encontro anual em que se discutem temas relacionados à área. O evento tenta resgatar a antiga Semana da Comunicação, organizada pelo curso nos anos 80. No primeiro ano, o tema do FoCo foi "Tendências da Comunicação Contemporânea". Em 2004, discutiu-se sobre a relação entre a comunicação e a política, com debates sobre "O Papel da Comunicação nos Processos Políticos e Eleitorais".

Os estudantes dos anos 90 e 2000

Ao longo dos anos, o perfil do estudante de Comunicação foi se alterando. As novas diretrizes econômicas e a exigência de um trabalhador ajustado às demandas de um mercado cada vez mais enxuto, inteirado das novas tecnologias e capaz de exercer funções variadas, foram alguns dos fatores que mais influenciaram esse processo. É preciso considerar também o relativo distanciamento dos tempos de ditadura militar, que o jovem dos anos 90 praticamente não conheceu.

De fato, um conjunto de transformações que vai muito além da Universidade estimulou o surgimento de um aluno um pouco diferente daquele conhecido na década

de 1980. As manifestações políticas tendem a ter uma característica mais sutil e até mesmo mais individualizada. A preocupação com as oportunidades de mercado e a necessidade de ser competitivo ganham ainda mais importância e de certa forma passam a condicionar a própria relação do aluno com o curso.

É nesse contexto que um grupo de estudantes cria, em 1997, a Empresa Júnior de Comunicação Social (Ecos Jr). Uma das primeiras empresas juniores da Ufes, ela surge com a intenção de garantir experiência ao aluno, valorizando seu currículo através do contato direto com o mercado.

Esse interesse, muito marcado pela busca de um bom emprego, não significou, no entanto, um completo abandono de discussões políticas estruturais. Isso pode ser constatado pela cobrança por uma avaliação mais consistente por parte do MEC das condições das universidades do País. O boicote ao Provão foi apoiado por grande parte dos estudantes de Jornalismo da Ufes - vale lembrar que a Publicidade não é submetida ao exame.

O "Cine Falcatrua" também serve de exemplo. "Estreado" em 2004, o "Falcatrua" tem como objetivo a exibição gratuita de filmes na Universidade, baixados através da internet, o que estimula a discussão sobre o acesso aos bens culturais e direitos autorais na contemporaneidade. *(Confira, também, o capítulo 6)*

Outra iniciativa dos estudantes foi a formação do GRAV, Grupo de Estudos do Audiovisual, no segundo semestre de 2003. Surgido após uma disciplina optativa sobre crítica cinematográfica ministrada pelo professor Alexandre Curtiss, o grupo abre espaço para exibições semanais de filmes, seguidas de discussões sobre as obras e diretores escolhidos pelos estudantes.

Esses dois últimos exemplos deixam claro também o interesse crescente dos alunos pela área de audiovisual, fato que pode ser verificado no currículo implantado em 2004-

A chegada de novos equipamentos

Depois da construção e montagem do prédio de laboratórios, no início da década de 90, o curso teve de esperar muito tempo para que novos equipamentos chegassem. Foi um momento difícil para a Comunicação, em que, segundo a professora Ruth Reis, os laboratórios "viraram um lixo". A modernização dos laboratórios ocorreu somente em 2003.

Novos equipamentos haviam sido pedidos ainda em 1996, através do "Programa de Modernização e Consolidação da Infra-Estrutura Acadêmica das Instituições Federais de Ensino Superior e Hospitais Universitários", que foi lançado pelo MEC para todas as universidades federais do País. Os professores Júlio Martins, Ruth Reis e David Protti foram os responsáveis por fazer a lista com as necessidades do curso.

O programa previa a compra de aparelhos de audiovisual para os laboratórios de áudio, vídeo e fotografia, além de materiais de apoio didático (retroprojetores, datashows, aparelhos de TV e videocassetes). Não estavam incluídos computadores. Como os equipamentos demoraram a chegar, foi necessária uma atualização do material pedido. Além disso, houve um acréscimo de 25% de equipamentos para todos os cursos federais de Comunicação, por decisão do MEC.

Mas, de acordo com a professora Ruth Reis, depois de sete anos de espera o curso teria de aguardar mais alguns dias, pois, num primeiro momento, a Reitoria omitiu a chegada dos equipamentos na Ufes. "Isso gerou receio por parte dos professores e alunos do curso de que eles não chegariam ao seu destino final, pois o então reitor também manifestava discordância em repassar ao curso os 25% a mais destinados pelo MEC. Os equipamentos só foram distribuídos quando o jornal A Gaveta publicou uma

matéria denunciando que eles estavam há mais de um mês no almoxarifado da Ufes, enquanto os cursos se ressentiam da falta deles", revela Ruth Reis.

"Depois de distribuídos os equipamentos aos centros, o curso também teve de enfrentar resistências da direção do CCJE, que insistia em destinar câmeras fotográficas a departamentos que não as usam (e assim foi feito com algumas que continuam ociosas em alguma gaveta), queria impor trocas, reter datashows, entre outras iniciativas que só demonstram que as particularidades do curso de Comunicação nem sempre foram bem compreendidas e respeitadas", afirma a professora Ruth Reis. Ao final, os equipamentos chegaram ao curso e trouxeram uma melhoria considerável para a qualidade da formação dos alunos.

A produção laboratorial

Produzir. Esse talvez seja o ponto chave para resolver parte das deficiências do curso de Comunicação Social da Ufes, principalmente na área de audiovisual. Logicamente, esse é um problema que está ligado a diversos outros fatores, como, por exemplo, a falta de empenho ou de proposta tanto de professores quanto de alunos.

Durante esses 30 anos existiram várias publicações impressas, mas a mais duradoura é o jornal *Primeira Mão*, que completou 15 anos em novembro de 2004. Criado em 1989 por um grupo de estudantes, o jornal logo passou a ser produzido pelas turmas da disciplina Jornalismo Impresso e tem sido uma experiência marcante de jornalismo para os alunos e um veículo de comunicação bastante conhecido da comunidade universitária.

Antes dele, houve várias experiências: o primeiro jornal laboratório do curso foi o *Impresso Dois*, que começou a ser produzido no final dos anos 1970. Na década seguinte, registram-se algumas outras experiências. Por exemplo, os jornais *Ufes Urgente*, *Dose Dupla* e *Alice*. Todas essas publicações duraram apenas algumas edições. A viabilização financeira dos jornais laboratórios do curso sempre foi um problema. As publicações nunca entraram no orçamento fixo da Universidade e, por vezes, deixaram de sair por falta de recursos para impressão. (Confira, também, no capítulo 5).

Algumas revistas foram feitas pelo curso. A primeira foi *Só Esta*, orientada pelo professor Victor Gentilli, em 1982. *Enfim* e *Desafios* foram publicadas nos anos seguintes, tendo apenas uma edição cada. Esta última, de 1985, trazia logo na capa o lema "Sexo, Droga e Rock & Roll". Para o professor Ruy Ramos, um dos responsáveis pela revista, o resultado foi positivo. "A repercussão foi muito boa, mesmo porque ela significou um avanço em termos de editoria, principalmente pela época em que foi feita e pelos assuntos abordados", conta.

A produção audiovisual, ao que parece, sempre foi insuficiente. As experiências com rádio foram, em sua maioria, isoladas e raramente transformadas em produtos permanentes do curso, mesmo depois da criação da Rádio Universitária. Entre os poucos registros de atividades extracurriculares em rádio está o Programa Cidade Viva, criado por iniciativa da professora, agora aposentada, Círcia Maria Krohling Peruzzo.

Durante cerca de dois anos, ela produziu, juntamente com alunos do curso, o programa que tinha como diretriz a divulgação de acontecimentos ligados aos movimentos populares. "A cada semestre letivo, um grupo de alunos da disciplina Comunicação Comunitária, voluntariamente, se responsabilizava pelo programa. Fazíamos uma reunião de pauta semanal, fora do horário de aula. Com o roteiro pronto, o programa era gravado para posterior difusão em horário fixo conseguido junto à coordenação da Rádio Universitária. O professor Hésio Pessali, também já aposentado,

desenvolveu atividades extracurriculares na Rádio Universitária, levando seus alunos de jornalismo para a prática do dia-a-dia da profissão.

A mais recente produção dos estudantes de Comunicação Social da Ufes na Rádio Universitária é o programa *Bandejao 104-7*, no ar desde fevereiro de 2004 no horário de 12 às 14 horas. O espaço foi oferecido pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, gestora da rádio, aos estudantes do curso e, desde então, duas equipes de cinco alunos cada já produziram o programa.

Na área de TV as carências são maiores. Nem mesmo a concessão do Canal Universitário, por meio do sistema de televisão a cabo, e a criação da TV Ufes foram suficientes para impulsionar uma produção mais organizada de vídeos ou telejornais. A professora Dalva Ramaldes, uma das responsáveis pela criação do canal, explica que "nenhum departamento se propôs a fazer um programa para exibir no canal via TV Ufes, até porque não tínhamos equipamentos. Hoje, com a nova realidade, as portas para a produção estão abertas, desde que os programas sejam originários de um projeto conseqüente e tenha um professor como responsável. Esta abertura não é só para a Comunicação, mas para toda a Universidade, pois devemos lembrar que a TV Universitária não é laboratorial, embora possa ter um espaço específico para produções de alunos". Hoje, o canal carece de programação. Em sua grade exibe um único programa da Ufes: *Pensamento e Prosa*, produzido pela própria professora Dalva Ramaldes, que apresenta em entrevistas um pouco da produção acadêmica da Universidade.

Com relação ao jornalismo on-line, o curso reagiu com relativa demora a essa nova demanda. Apenas em 2002 iniciou-se a produção de um jornal na Internet. O Universo Ufes foi criado numa disciplina optativa oferecida pela professora Ruth Reis, que tinha como propósito produzir e debater o jornalismo on-line. Depois incorporado à disciplina de Técnicas de Redação e Expressão Oral I, do quarto período, o *Universo Ufes* acabou se tornando uma das importantes fontes de informação sobre a Universidade, pautando, inclusive, os jornais locais. Mesmo assim, o Núcleo de Processamento de Dados (NPD) da Ufes se recusou a ser o provedor do site, sob alegação de que não era uma iniciativa oficial da Ufes. O site, atualizado semanalmente com matérias, artigos e fotos produzidos pelos estudantes, continua hospedado num provedor gratuito na internet e pode ser acessado no endereço www.universoufes.cjb.net.

Currículo 2004

Em 2004, começou a ser implantado um novo currículo no curso, para as turmas que ingressaram nesse ano. As que entraram até o segundo semestre de 2003, continuam cursando as disciplinas da grade de 1985, com algumas adaptações feitas ao longo dos anos. O antigo currículo só será totalmente substituído a partir do primeiro semestre de 2008.

De acordo com o professor Victor Gentili, o currículo implantado em 2004, pela primeira vez, não foi imposto. "Isso porque, em 1996, foi aprovada uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que estabeleceu o fim do regime de currículos mínimos e a organização das diretrizes curriculares", revela.

O currículo começou a ser preparado pelos professores do Departamento de Comunicação em 1999, levando-se em consideração novas demandas profissionais, mudanças tecnológicas e abordagens teóricas contemporâneas da Comunicação. Ganham espaço as áreas de audiovisual, comunicação organizacional, assessoria de

imprensa, assim como houve uma maior abertura para o campo teórico da comunicação, do jornalismo e da publicidade.

Outra diferença do novo currículo é a divisão das turmas de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda ainda no Vestibular, o que antes era feito no terceiro período do curso. O número de vagas também aumentou. Se, desde o início, o curso recebia 80 alunos por ano, a partir de 2004 passou a disponibilizar 100 vagas, sendo 25 para cada uma das habilitações por semestre. Isso se deve ao desequilíbrio que vinha acontecendo entre as habilitações de Jornalismo e Publicidade e Propaganda. "Dos 40 alunos que entram por semestre, em geral, 25 iam para Jornalismo e 15 para Publicidade. A mudança visa a corrigir esta situação. Além disso, nós avaliamos que a quantidade de equipamentos recebidos em 2003 havia eliminado um dos entraves para aumentar o número de vagas, qual seja, a limitação dos laboratórios", esclarece a professora Ruth Reis, atual chefe do Departamento de Comunicação Social.

Veja a grade de disciplinas do currículo de 2004:

Jornalismo

Língua Portuguesa

História dos Sistemas de Comunicação no Brasil

Estruturas Sociais e Sistemas Políticos

Comunicação Visual

História da Arte

Teorias e Práticas Jornalísticas

Prática de Redação I

Teorias e Práticas Jornalísticas para Meios Impressos

Estética e Linguagem Audiovisual

Teorias da Comunicação - Perspectivas Históricas

Atividades Complementares (Optativa)

Introdução à Filosofia

Introdução à Psicologia Social

Prática de Redação II

Teorias da Comunicação — Perspectivas Contemporâneas

Laboratório de Jornalismo Impresso

Assessoria de Imprensa

Atividades Complementares

Antropologia Cultural

Semiótica e Comunicação

Comunicação Organizacional

Sociologia da Comunicação

Teorias e Práticas Jornalísticas para Meios Eletrônicos - Radio-jornalismo

Teorias e Práticas de Jornalismo Eletrônico (TV/ on-line/CD)

Atividades Complementares

Legislação em Comunicação

Teorias e Práticas Jornalísticas para Meios Eletrônicos - Tele-jornalismo

Laboratório de Radiojornalismo

Teorias e Práticas de Linguagem Visual - Fotojornalismo

Teorias da Opinião Pública (Optativa)

Gêneros, Estilos e Discursos do Jornalismo
 Marketing e Comunicação
 Filosofia e Ética
 Teorias e Práticas de Linguagem Visual - Planejamento Gráfico e
 para Meios Impressos e Digitais
 Laboratório de Telejornalismo
 Atividades Complementares
 Estudos de Mercado e Gestão de Empreendimentos, Projetos e
 Produtos de Comunicação
 Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação
 Laboratório de Jornalismo On-line e Novas Mídias
 Laboratório de Assessoria de Imprensa
 Formação Socioeconômica e Política do ES (Optativa)
 Projetos Experimentais em jornalismo
 Carga horária total: 2.790h
 Publicidade e Propaganda
 Língua Portuguesa
 História dos Sistemas de Comunicação no Brasil
 Estruturas Sociais e Sistemas Políticos
 Comunicação Visual
 História da Arte
 Teorias e Práticas de Criação Publicitária

Prática de Redação I
 Estética e Linguagem Audiovisual
 Teorias da Comunicação - Perspectivas Históricas
 Teorias e Práticas Publicitárias para Meios Impressos
 Produção Gráfica
 Atividades Complementares
 Introdução à Filosofia
 Introdução à Psicologia Social
 Prática de Redação II
 Teorias da Comunicação — Perspectivas Contemporâneas
 Teorias e Práticas de Linguagem Visual — Fotografia Publicitária I
 Atividades Complementares
 Antropologia Cultural
 Semiótica e Comunicação
 Comunicação Organizacional
 Sociologia da Comunicação
 Teorias e Práticas Publicitárias para Meios Eletrônicos - Rádio
 Produção Publicitária em Rádio
 Atividades Complementares
 Legislação em Comunicação
 Teorias e Práticas Publicitárias para Meios Eletrônicos — TV
 Produção Publicitária em Vídeo
 Teorias e Práticas de Linguagem Visual — Fotografia Publicitária II
 Teorias da Opinião Pública (Optativa)

Atividades Complementares
Gêneros, Estilos e Discursos da Publicidade Filosofia e Ética Marketing e Comunicação
Teorias e Práticas Publicitárias e Novas Tecnologias
Teorias e Práticas de Linguagem Visual - Design para Mídia Digital
Atendimento
Projeto especial em Publicidade
Estudos de Mercado e Gestão de Empreendimentos e Projetos de
Comunicação
Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação
Planejamento em Publicidade e Propaganda
Mídia
Formação Socioeconômica e Política do ES (Optativa)
Projetos Experimentais em Publicidade Carga horária total: 2.850h

Mudança de Centro

A tentativa de se encontrar uma área de maior afinidade em termos acadêmicos é uma das razões que faz ressurgir hoje uma questão discutida ainda na década de 80: a transferência do Departamento de Comunicação para o Centro de Artes. Em dezembro de 2004, a mudança estava em fase final de aprovação pelas instâncias de decisão da Ufes.

A existência de afinidades entre os dois campos é reforçada hoje com a ampliação da comunicação audiovisual. Em termos institucionais, registram-se a chegada de equipamentos e a destinação pelo MEC de verbas para a construção de um prédio para o Núcleo Integrado de Audiovisual em Comunicação e Artes, projeto elaborado por professores das duas áreas.

Outro ponto avaliado é a falta de espaço físico no CCJE. Atualmente, o curso de Comunicação Social tem prioridade em apenas três salas no ED-IV e, com a saída do curso de Direito do ED-I, em 2003, três outras salas foram destinadas à Comunicação, além do Edifício de Laboratórios de Comunicação (ELC). Por isso, e também por problemas financeiros, alguns equipamentos que chegaram em 2003 ainda permanecem guardados. "Hoje, o curso tem equipamentos, mas não tem espaço físico adequado", lamenta a professora Ruth Reis. A subutilização dos equipamentos também é destacada pelo professor Júlio Martins: "Os equipamentos chegaram e a mesa de som está guardada até hoje, porque não tem dinheiro para comprar um cabo, plug para instalar a mesa e falta uma mesa fixa, um móvel, para botar a mesa de som em cima", afirma.

A discussão sobre a ida da Comunicação para o Centro de Artes data da época da criação do curso. O que até então, porém, não tinha sido viabilizado, mesmo com as condições favoráveis, hoje está se concretizando, especialmente com a liberação da verba para a construção do prédio do Núcleo Integrado de Audiovisual em Comunicação e Artes. O prédio, de dois andares, será construído no Centro de Artes e abrigará dois laboratórios de áudio, dois de vídeo, um de microcomputadores, espaços para ilhas de edição, dois estúdios de fotografia, além de salas de apoio para os laboratórios e algumas salas de aula.

Além disso, de acordo com o projeto, o curso também ocupará parte de um dos Cemunis do Centro de Artes, que será destinada às salas administrativas e aulas expositivas. A nova alocação proporcionará um intercâmbio entre as duas áreas e a utilização conjunta dos equipamentos recebidos recentemente, incentivando, assim, as produções audiovisuais na Ufes.

A concretização desse projeto é vista com entusiasmo pelos professores. "Eu sempre fui contra mudar para o Centro de Artes, porque todas as vezes em que veio, essa proposta era, na verdade, um projeto de ceder muito para eles, era dividir a nossa miséria que foi conquistada a duras penas. Hoje, eu sou a favor, porque, pra gente, é uma questão de sobrevivência. Se a gente quer crescer, ampliar o mercado, abrir pós-graduação, tem que juntar forças com quem é de área próxima", afirma o professor Júlio Martins.

O desafio da pós-graduação

A ligação entre o Departamento de Comunicação e o Centro de Artes é, também, fortalecida pela existência, desde março de 2002, do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Artes da Ufes, o GPeCA, que reúne professores pesquisadores das duas áreas. O grupo foi criado a partir de um programa da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

Superior) de qualificação de docentes, que visa a incentivar projetos de pós-graduação.

Em princípio, a proposta do GPeCA é que seja criado um mestrado conjunto entre os dois campos de conhecimento, Artes e Comunicação. "Estou fazendo um pré-projeto desse mestrado para que o GPeCA discuta e encontre a melhor forma de cumprir nossa meta com a Capes. O GPeCA está recebendo incentivo do Plano de Qualificação Institucional da Capes, para a titulação de professores do Departamento de Comunicação e do Centro de Artes, e, em contrapartida, deve implantar um mestrado num prazo que termina em 2007. No entanto, queremos fechar essa proposta em 2005", afirma Ruth Reis.

Ainda em 1994, houve uma tentativa de montar um curso de pós-graduação em Comunicação. De acordo com a professora Cicilia Maria Krohling Peruzzo, "tratava-se da proposta de um mestrado interdisciplinar, envolvendo os departamentos de Serviço Social e de Ciências Sociais, uma forma de conseguir um número adequado de doutores, já que na área de Comunicação éramos poucos". Mesmo estando praticamente pronto, inclusive com as possíveis linhas de pesquisa, a perda de doutores pela Universidade impediu que o projeto se concretizasse.

Funcionou em 1998, o único projeto de pós-graduação implementado pelo Departamento de Comunicação Social. Era um curso de especialização (lato sensu) e tinha como área de estudo as "Políticas de Comunicação Organizacional". Coordenado pelo professor Giovandro Marcus Ferreira, o curso teve duração de um ano e meio. Mesmo tendo demanda para prosseguir, a pós-graduação formou apenas a primeira turma.

As perspectivas

Apesar das dificuldades de sempre, as perspectivas para o curso são extremamente positivas. Novos equipamentos, novos laboratórios, novo prédio, novo Centro, um novo currículo e a possibilidade de um mestrado deixam no ar a expectativa de um futuro próximo com grandes avanços. Novos problemas também, por que não? As dificuldades virão, sem dúvida, mas bastará olhar para trás e ver que a história, descrita nas páginas viradas, foi construída com muita garra e superação. Uma história marcada por momentos certamente inesquecíveis na vida de cada uma das pessoas que

dela fizeram parte. Àqueles que hoje estão nas redações, nas agências, na política, aos que formaram suas bandas, aos que voltaram como professores e aos que enveredaram por diversos outros caminhos, resta a certeza de que onde quer que

estejamos daqui a 30 anos, teremos todos um ponto em comum, o Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo.

Professores do Curso de Comunicação Social

A seguir estão os nomes de professores que passaram pelo curso nesses trinta anos. Devido à impossibilidade de se conseguir a lista completa dos docentes junto ao Departamento de Recursos Humanos da Ufes, foi necessária a pesquisa dos nomes em atas de reunião de departamento desde 1977, além da colaboração da professora Tânia Mara Corrêa Ferreira, que foi fundamental nesse trabalho de recuperação. Por esse motivo, lamentamos a possível ausência de alguns nomes.

1975 a 1980

Os docentes abaixo foram os primeiros contratados, quando o curso ainda estava vinculado ao Departamento de Administração. Necessariamente, estes professores não deram aula no mesmo período na Ufes.

Afonso Braga de Abreu e Silva
Antônio Carlos de Oliveira Neves
Aurélio Jacques Batista
Beatriz Coelho da Silva
Carlos Eduardo Zanatta
Cicilia Maria Krohling Peruzzo
Elizabeth Rodrigues Santos Fagundes
Erildo dos Anjos
Glecy Helena Coutinho da Silva
Hésio Alaor Pessali
Jane Mary de Abreu Marques
José de Moraes Carvalho
José Irmo Gonring
Maria Cidade Agra
Maria Elizabeth Rondelli de Oliveira
Maurício Nogueira Tavares
Renato Viana Soares
Sibyla Bacske
Tânia Mara Corrêa Ferreira
Xerxes Gusmão Neto

1980

Na época de criação do Departamento de Comunicação Social, o corpo docente do curso era de 12 professores, número mínimo exigido pelo Estatuto da Universidade.

Aurélio Jacques Batista
Carlos Eduardo Zanatta
Cicilia Maria **Krohling** Peruzzo
Glecy Helena Coutinho da Silva
Hésio Alaor Pessali
José de Moraes Carvalho
José Irmo Gonring
Maria Elizabeth Rondelli de Oliveira
Maurício Nogueira Tavares
Renato Viana Soares
Sibyla Baeske
Tânia Mara Corrêa Ferreira

1982

Quando o governo efetivou todos os professores, em 1981, o ingresso passou a ser feito por concurso público. Professores concursados a partir de 1982 e que não fazem mais parte do departamento:

Aríete Silveira da Silva
Arlindo de Castro Filho
Giovandro Marcus Ferreira
Luis Guimarães Monforte
Luis Paulo Maia Luis Sérgio Galdi Ferreira Patrícia Mollo Menandro Paula Morgado C. Buaiz

Professores substitutos de 1994 a 2004

Com a redução no número de concursos, foi criada a categoria de professor substituto, que têm um vínculo temporário com a Universidade. Os docentes abaixo não atuaram ao mesmo tempo no departamento:

Ademir Ramos dos Santos
Alba Livia Tallon Bosi
Alexandre Damásio da Silva
Andreia Curry Carneiro
Aparecida de Paiva
Cassiano Ferreira Simões
Cicilia Maria Krohling Peruzzo
Dario de Azevedo Nogueira Júnior
Dirceu Gilberto Sarcinelli
Fabiano Mazzini Bonisem
Fábio Gomes Gouveia
Isabele Santos Eleotério
João Carlos Simonetti Júnior
Joel Soprani

Jorge Carlos Felz Ferreira
José Irmo Gonring
Júlio César de Oliveira Valentim
Lygia Maria Perini Muniz
Marcileni Forechi
Maria Cristina Dadalto
Maria Lúcia da Silva
Otávio Kucht
Paulo Roberto Soldatelli da Silva
Ricardo Néspoli Coutinho
Ricardo Eduardo
Albert Ricardo
Luís Gomes
Ricardo Salles de Sá
Roberto Carlos Castellurber
Roberto Gomes de Souza Filho
Roseane Martins Duarte
Rosemary Martins Duarte
Variei Nascimento da Cunha

- Voluntários:

Ana Paula Alcântara

Quadro docente atual

Professores aprovados em concurso a partir de 1982 e que permanecem no departamento:

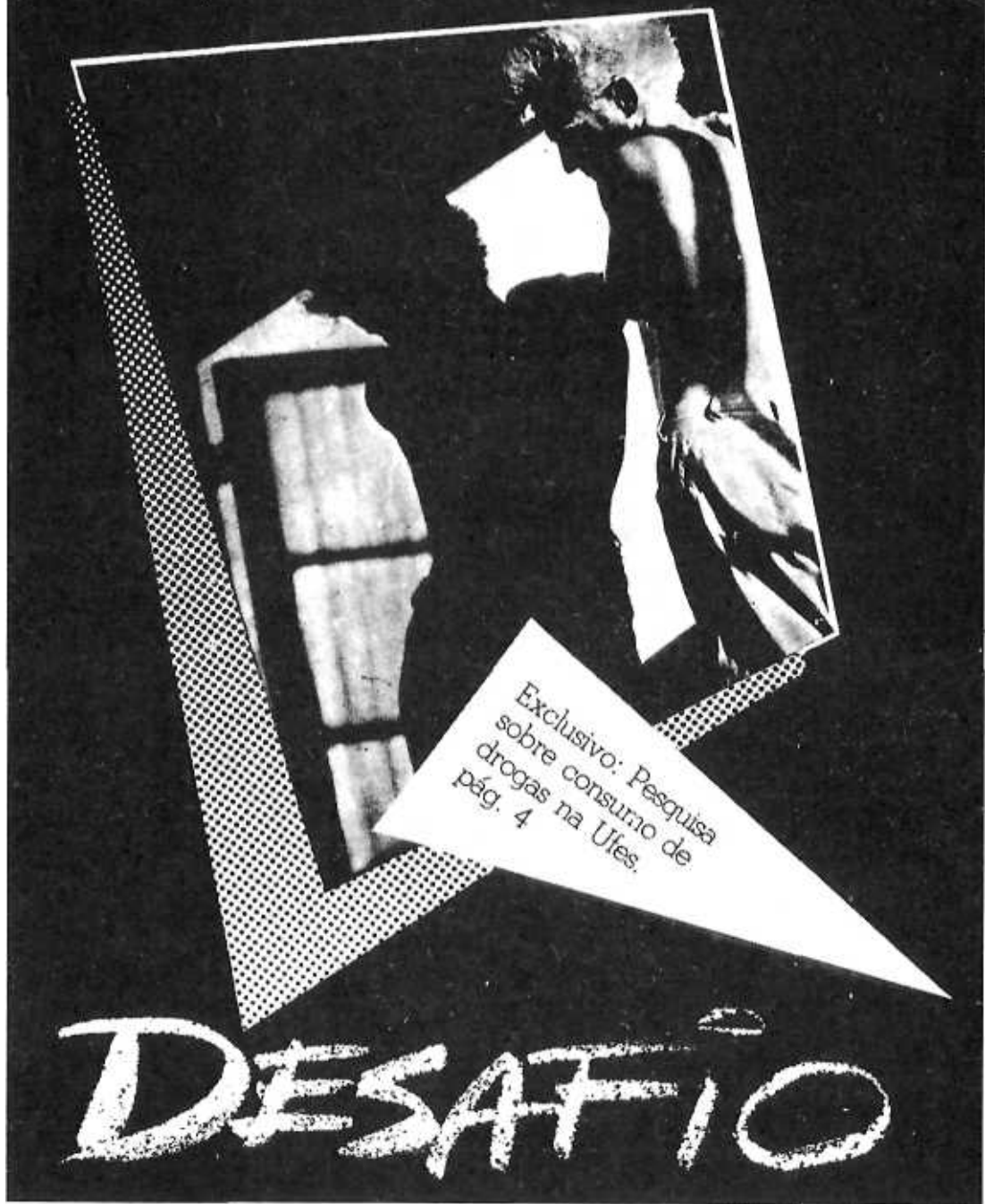
- Professores efetivos:

Alexandre Curtiss Alvarenga
Antônio David Protti
Cleber José Carminati
Desireé Cipriano Rabelo
Ismael Thompson Paula
José Antônio Martinuzzo
Juçara Gorski Brittes
Júlio César Martins da Silva
Lygia Maria Perini Muniz
Luis Fernando Manhães
Maria Dalva Ramaldes
Renato Viana Soares
Ricardo Conde
Ruth de Cássia dos Reis
Ruy Roberto Ramos
Sylvia Raquel Chiabai
Tânia Mara Corrêa Ferreira
Victor Israel Gentilli

Professores substitutos:

Evandro Campos da Rocha
Mário Augusto da Silva Bonella
Renata de Rezende
Ribeiro Rodrigo Rossoni

s e x o . d r o g a e r o c k & r o l l



Arquivo: Ruy Ramos

Revista Desafio: A primeira pesquisa sobre o consumo de tóxicos entre os estudantes da Ufes

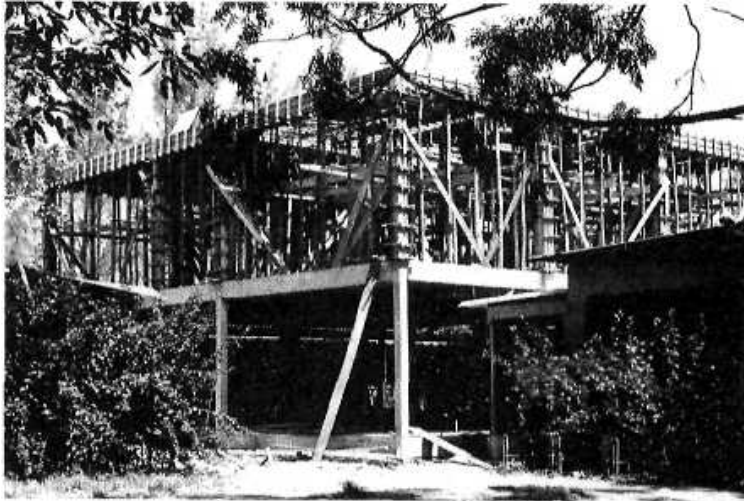
Fotos: Arquivo Júlio Martins



Laboratório de Vídeo, no antigo prédio de departamentos, atual Laboratório de Micros do CCJE, antes da construção do ELC



Sala de máquinas no ED-IV, 1991



Construção do Prédio de Laboratórios (ELC), principal marco da presença do Curso de Comunicação Social no CCJE

Diga-me com quem andas que direi quem és — lista e depoimentos dos graduados em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo

Vítor Lopes

Você conseguiria expressar em poucas linhas o que representou a Universidade na sua vida? Aos ex-alunos que se formaram no curso, ofereceu-se a possibilidade de publicar um depoimento que resumisse o que foi a passagem pela Universidade e, mais especificamente, pelo curso de Comunicação Social. Valia de tudo, desde uma simples mensagem sobre a importância dos estudos até um painel livre para declarar saudades dos amigos, professores e afins. Os depoimentos comporiam um capítulo, juntamente com a lista dos alunos que se formaram em Comunicação Social na Ufes.

Como seria praticamente impossível contatar pessoalmente os quase 1.400 graduados entre os anos de 1978 e 2003, criou-se um endereço eletrônico na internet para o qual os ex-alunos poderiam enviar seus depoimentos. Diversos veículos da imprensa capixaba contribuíram na divulgação do e-mail. Dezenas de ex-alunos, inclusive de fora do Estado e do País, dedicaram atenção ao projeto e enviaram seus depoimentos, muitos deles emocionados.

A lista de graduados a seguir é apresentada segundo o ano de colação de grau dos alunos. O nome de quem não se graduou em Comunicação Social, mesmo que tenha cursado alguns semestres na Ufes, não poderá ser encontrado. Os alunos que não colaram grau juntamente com uma turma, o fizeram "In Absentia", o que ocorre quando o estudante solicita a colação de grau diretamente na Pró-Reitoria de Graduação da Universidade, em uma solenidade à parte. Muitos desses casos estão devidamente registrados neste capítulo.

Para a elaboração da lista de todos os que se tornaram bacharéis em Jornalismo ou em Publicidade, desde a colação de grau da primeira turma, em 1978, contou-se exclusivamente com dados oficiais fornecidos pelo Departamento de Comunicação Social e pela Pró-Reitoria de Graduação da Ufes. Por conta dos diferentes tipos de informatização dos cadastramentos dos alunos, ao longo das três últimas décadas, a lista a seguir pode não estar completa. Pelo mesmo motivo, em alguns anos é possível determinar o período (semestre) e a habilitação cursada pelo aluno, em outros, infelizmente, não. Apesar dessas limitações, empreendeu-se um grande esforço para tentar reunir o máximo possível de dados.

Confira a lista dos jornalistas e publicitários que se graduaram em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo, assim como os depoimentos daqueles que, inspirados pelas experiências no campus, escreveram um pouco de suas memórias.

Turma 1978/01

Angela Maria de Souza
Annie Ciatelli dos Anjos
Antônio Alberto Rediguiéri
Antônio Baptista Filho
Antônio César Herkenhoff Vieira
Arnaldo Gonçalves Barros
Carmen Cecília Mendes Rodrigues
Clodomir Antônio Bertoldi:

"No início tudo era precário. A primeira turma serviu de cobaia. Por exemplo: como não havia nem máquinas de escrever para a matéria Jornalismo Impresso, tínhamos aulas em uma sala da então Escola Técnica Federal. Só que uma professora de datilografia da escola queria estar presente às aulas. Quando ela entrava, a gente saía, até que ela se tocou e não apareceu mais".

Edivaldo Euzébio dos Anjos
Francisco Carlos Gomes Velasco
Glecy Helena Coutinho da Silva
João Luís Caser
José Antônio Mansur
José Heraldo Costa Santos
José Irmo Gonring
Marcos Santos Cadê
Maria Christina de Moraes Carão
Maria Dalva Ramaldes:

"Sempre fui curiosa e interessada por tudo o que se apresentava como novo, como desafio. Gostava muito da atuação da repórter Sandra Passarinho, então na Globo pelos idos de 1974- Quando a Ufes anunciou o vestibular para Comunicação, não tive dúvidas. Fui logo fazer minha inscrição: eram oito candidatos por vaga, mas tal realidade não me mtiynidava, embora tenha sempre estudado em escola pública e, sem pré-vestibular, restringido minha preparação a três meses de estudos com colegas que faziam cursinho no Colégio Maristas. Na fila da inscrição, no prédio da Educação Física, já brincava com os candidatos, dizendo que uma das 80 vagas já estava ocupada, pois era minha. Ser aprovada entre os 10 primeiros (diz o Irmo Gonring que fiquei em terceiro lugar, mas já não me recordo) foi uma das primeiras provas que tive de que a obstinação determina nossa vida. Daí pra frente, foi uma sucessão de novos desafios, já no primeiro dia de aula, "de fraldas e chupeta" — como costume brincar com meus alunos —, constatava que estava no meio de "feras" do Jornalismo: Tinoco dos Anjos, Glecy Coutinho, Annie Cicatelli, Clodomir Bertoldi, Irmo Gonring, entre outros de minha turma. Minhas dificuldades eram enormes, e a única base na qual me apoiava era a facilidade com a redação. Tive notas muito ruins em algumas matérias. Na Diagramação, então, foi um caos: muito papel, régua e cálculos tornavam-se coisas demais para serem administradas nas mãos de uma hiperativa como eu. Apesar de as máquinas datilográficas antigas - que devem estar em algum museu — serem o único equipamento para as atividades práticas do curso, não desanimei. De toda forma, a experiência era fantástica. Alguns professores abriram minha mente para flatvcos nunca imaginados: a Ana, o Tadeu, a Agra, o Xerxes - quando aparecia —, o Erli dos Anjos e o inesquecível Domingos. E os colegas7. Vrn barato! A Glecy Coutinho, crítica e divertida, ajudava-me a dedilhar os primeiros toques da narrativa jornalística que muitos professores, recém-formados, dominavam menos que os próprios alunos. A turma do porto também era fantástica: o Arnaldo, O Batista, o Redighieri. No intervalo das aulas sernpre improvisávamos um sambinha no fundo da sala. Logo me envolvi com o movimento estudantil e fui, junto com o grupo da Gota D'água, no CCjE, uma das responsáveis pela reabertura do DCE que levou Paulinho Hartung à presidência. Toda esta movimentação era uma coisa nova em minha vida: filha de mineiros criada com muito rigor e que queria conhecer o mundo, ali era o ambiente da minha transformação. Mas como queria mais, na primeira semana de aula fui até a redação de A Gazeta, na rua General Osório: o rabo de cavalo e as sardas pareciam denunciar a adolescente "espoleta" que procurava neutralizar tal imagem rigorosamente vestida como filha do Dr. Armando e da Dona Terezinha: o vestidinho lilás, cinturado, bordado em richellier pela mamãe e o sapatinho boneca branco. Eram pouquíssimas as mulheres na redação: Bete Rodrigues, Lena Mara, Maura Eraga, Rita Tristão, além de mais umas duas ou três. O universo era declaradamente masculino, mas eu estava lá, ainda que meu pai resistisse dizendo que redação de jornal não era ambiente para moça de família

(e eu era moça mesmo, na acepção da palavra naquele tempo quase pré-histórico). Serginho Egito olhou-me com a cara de quem diz, "o que esta menina está fazendo aqui?", conversou um pouquinho e me lascou uma pauta sobre a escadaria Maria Ortiz. O fotógrafo teve que me esperar, pois passei na Biblioteca Pública, na Cidade Alta, para pesquisar um pouco sobre a história da tal escadaria, embora a pauta nada dissesse sobre isto: o "mote" era apenas o abarulono, a sujeira daquele patrimônio histórico. No dia seguinte, emocionei-me ao ver minha matéria com foto e chamada na primeira página. Assim, o primeiro nome, Maria, foi riscado do nome de batismo, para nascer a assinatura Dalva Rainaldes, a repórter."

Maria José Ribeiro Novaes
Marlene Sueli Furtado Viana
Nazareth Aguiar Pessanha
Rita de Cássia Bassetti De Abreu
Sílvia Terezinha Fardin
Stela Magda Coser

Turma 1978/02

Adalberto Fialho Mota
Aldomar Roberto Ramos Brilhante
Andreza Gianordoli Pinto
Dilza da Silva Celin
Dinah Lopes
Elimar Guimarães
Élson Pereira da Silva
Jeane D'Are Campeio Lima
Maria Helena de Almeida Silva
Maria da Penha Nunes da Rocha
Marya Dilurde Sebastianes Figueiraujo
Paulo Nogueira
Robson Fagundes Moreira da Silva
Salomé Souza da Silva
Sandra Beatriz Rosito Mercio
Sônia Pires Dias
Vanize Calmon Rodrigues

Turma 1979/01

Abdo Chequer Bou-Habib
Ademir Ramos dos Santos
Álvaro José dos Santos Silva
Ana Cristina Ângelo Martins
Angela Maria Izoton Vieira
Arister Rubim dos Santos
Cenira Cecília Berger
Elaine Maria Pena Vieira
Ismael Thompson Paula

Leila de Araújo Oliveira
Maria Inês Pavan
Maria Terezinha Bertollo
Marinete Coelho Pereira
Orlandina Dalapícola
Paulo Roberto de Abreu Vaz
Rita de Cássia Sarcinelli
Suzana Tatagiba Fundão
Tanit Figueiredo Souza Mario

Turma 1979/02

Carlos Henrique Gobbi da Silva
Cássia Maria Lima Castro
Iolanda Pinheiro de Lima
Izilda Portela de Miranda
Márcio Castro Lobato
Maria Angela de Oliveira Pellerano
Maria da Conceição Bordini Braga
Maria da Penha Santos
Maria do Carmo Souza Gonçalves
Maria Celeste Franceschi Espíndola
Maria Elisa Costa Pereira
Maria Madalena Cometti
Maria Teresa Mendes Athayde
Marisa Ghidetti Alvarenga
Rita Bridi:

"A fórmula mágica para farejar a notícia; o combate para desvendar o segredo; o encantamento pela conquista da informação; a lida para reunir os fatos e finalizar a notícia; a arte de informar pelas entrelinhas o que não está - ou não pode ser dito - nas linhas; disposição para recomeçar todos os dias; determinação para seguir de perto a perfeição; modéstia para aprender sempre. São alguns dos muitos ensinamentos que recebi de mestres queridos no curso de Comunicação Social da Ufes e que, tenho certeza, foram importantes para concretizar o sonho de ser jornalista".

Rose Mary Louzada
Sandra Maria Wernersbach Cola
Selma Rodrigues Dias
Venilson Ferreira de Oliveira

Colação de grau "In Absentia" em 1979

Joelson Peres Souza
Laurinho Goltara Lino

Turma 1980/01

Ana Cristina Vieira Pompei
Antônio Fernando Salaroli
César Pandolpho Chaia
Elizabeth Maria Pelicão Romanha
Maria Das Graças Goltara
Maria Genoveva Ileana B. de Assis Fonseca
Maria José Silveira da Silva
Maria Luiza Rocha
Marise Braga Machado
Marta Janeth Figueiredo
Nelsa Amaral da Silva
Nely Criste Wandekoken
Penha Maria Lyrio Athaydes
Rosemary Tedesco Tristão

Turma 1980/02

Ana Lúcia de Rezende
Ayub Arlindo de Castro Filho
Carlos Roberto Orletti
Dório Antunes de Souza
Eliezer Vieira da Silva
Fernando Machado Ferreira
Francisca de Fátima Proba Soares
Jéferson Miranda
Júlio César Alves dos Santos
Layr Wander de Abreu Mafra
Márcia de Araújo Rangel
Márcia de Castro Louback
Marcos José Mendes
Maria de Fátima Côgo
Maria de Lourdes Silva
Maurilen de Paulo Cruz
Ricardo Hermeto Coelho
Rosângela Moço da Silva
Sílvia Rachel Chiabai
Suely Lievori do Rego
Vera Lúcia Coutinho dos Santos
Vitor Hugo Pires Nogueira
Wolfgang Schutt

Colação de grau "In Absentia" em 1980

Vitor Alen G. Magalhães

Turma 1981/01

Alda Cátia Lyrio Bernardes
Ana Lúcia Randow Silva
Arildo Chagas
Claudia dos Santos Feliz:

"Ah, a Ufes! O ano, 1978. Primeiro semestre. Um mundo a descobrir. Em meio a muitas carências materiais - as aulas sobre Telejornalismo limitavam-se a informações teóricas repassadas pela professora numa sala dotada apenas de quadro e giz —, deliciava-me com os debates acadêmicos. Filosofia, sociologia, toda a teoria tão necessária à formação da nossa consciência crítica. E as assembléias, as passeatas, os protestos. Quanta saudade!"

Turma 1983/01

Ademir Barcelos
Alcelon da Silva
Amaral Ducimaura Amorim Buarque
Kendali Feliz da Silva
Lecy Maria de Almeida Leandro
Maria Bernadete de Moraes Viana
Maria da Penha Martinelli
Rose Kelly Bermudes Moraes
Roseane Salvador Lobo
Rosiene Mattos Vieira
Viviane Machado Pavan

Turma 1983/02

Almir Trancoso Vieira
Consuelo Dalla Bernardina
Eliane Alves de Mello Rezende
Ivonete ViLanova de Souza
Janete Gobbi
Maria da Penha Souza
Maria Teresa Lengruber Sesquim
Paulo César Sárria
Rita de Cássia Passamani
Ronaldo Roque Furlan

Colaço de grau "In Absentia" em 1983

Kátia Maria Loureiro Silva
Essuéle Ramos Valadão
José Nicolau Dal-Col

Turma 1984/01

Ana Emília Moraes Rettore:

"Fui aluna do curso de Comunicação Social de 1980 a 1983, e pode parecer piegas, mas foi o período mais bonito de toda a minha vida. O convívio universitário, o que não inclui apenas os maravilhosos amigos que fiz no curso, foi engrandecedor. Passar pela Ufes foi a maior experiência que eu tive o privilégio de vivenciar. Eu gostaria laudas e mais laudas explicando os motivos, mas não há espaço para isso..."

Ana Ilza Taquetti Margon
Angela Guimarães Angius
Carlos Alberto Moreira Tourinho
Cássio Grillo
Débora Schwartz Soares
Giovandro Marcus Ferreira
Gisele Belesa Nascimento
José Carlos Garcia Cruz
José Carlos Mattedi
Marcella Memcucci
Margareth Cock Passoni
Maria Angela Costa Siqueira
Maria Aparecida Barcelos Rangel
Maria Auxiliadora Silva de Oliveira
Maria Cristina Bravo de M. da Cruz
Maria da Penha Saviatto Borba:

"No período de 79 a 84 enfrentamos algumas greves. Adoráveis mesmos eram os encontros na cantina e com professores como a Glecy Coutinho, Hésio Pessali, David Protti e Domingos Freitas. A Ufes era um brejo. Brejo com muito luxo. Pra fugir da maré o povo se abrigava na caixa d'água. Lá tem história e eu nunca estive lá. Preferia o jardim em frente ao RU."

Maristella Moreira
Rita de Cássia Ferreira Passos
Rosa Maria Trevas Azevedo
Sueli Campo:

"Foi uma das melhores coisas que aconteceram na minha vida. Vivi entre 1980 e 1984 os melhores anos de minha existência. Foi um momento de grandes descobertas intelectuais, que mudou minha percepção de vida, e de fazer grandes amigos. O curso de Jornalismo da Ufes me deu, sim, a base que eu precisava para atuar, com sucesso, como jornalista numa cidade tão competitiva como São Paulo. Claro que o curso poderia ter sido melhor. Sim, tudo sempre pode ser melhorado, mas as carências e dificuldades do curso não chegaram a limitar o meu aprendizado. Por isso, falo sempre com muito orgulho que sou formada pela Universidade Federal do Espírito Santo."

Tânia Maria Bassetti de Abreu

Turma 1984/02

Aldi Corradi Tristão
Aníbal José de Souza
Deumilson Brás Saneio
Dilma Maria Brioschi

Jorge Alencar Tavares de Freitas:

"O ano era 1979 e já tinha decidido que faria vestibular para Comunicação. O meu desejo era estudar Relações Públicas. Passei no vestibular e no primeiro semestre de 1980 estava cursando as disciplinas do básico comum a Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Relações Públicas. Nesta turma 80/01 existiam três interessados no curso de Relações Públicas. Logo fomos convencidos pelo Departamento de Comunicação a não continuar insistindo neste curso. Os argumentos eram muitos, um deles era de que o curso de Comunicação Social era novo e que deveríamos fortalecer as profissões que já tinham mais tempo, como era o caso de Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Não importa, a verdade é que estudei jornalismo, sou jornalista de profissão. Nunca atuei em nenhum meio de comunicação como jornalista. Posso dizer que como jornalista cumpro regularmente o meu dever com o Sindicato dos Jornalistas do Espírito Santo. Guardo do meu tempo como estudante lembranças. No mês de outubro de 2004 comemoramos 20 anos de formados. A nossa turma produziu figuras importantes. Aprendi com os meus amigos a ver vida de forma crítica. Aprendi a perguntar e buscar respostas.

Escrevi como estudante no jornal Laboratório de Projetos Experimentais - A Trombeta, editamos quatro números, um a cada semana. Esta experiência no curso valeu muito para todos nós. No último número o editorial dizia: A Trombeta chegou ao fim... Problemas não faltaram. Aliás, nunca faltaram no curso de Comunicação. Dispúnhamos de máquinas de escrever em péssimo estado, tempo incerto no laboratório de fotografia emprestado do Centro de Artes, faltou material de consumo e por aí... Mas A Trombeta deu certo, e muito... Produzimos, criamos, e deixamos claro que o curso de Comunicação Social está formando profissionais capazes de atuar na imprensa. A tempo: A rima vitoriosa para A Trombeta foi: 'Eis aqui um jornal porreta. Este jornal contou com a participação, entre outros, de Willian Rangel e Aldi Corradi, a cujas memórias dedico estas lembranças."

Jorge Luiz Martins dos Santos
Jussara Fátima Benfica Neves
Leni Barbosa Guidine
Magda Teresa Sperandio
Marco Antônio Antolini:

"Sinto pela Ufes, em especial pelo curso de Comunicação Social, um sentimento de gratidão muito grande. Faz 20 anos que me formei e o curso de jornalismo me permitiu construir uma vida emocionante, cheia de paixão. Sou grato aos professores, aos irmãos da minha turma, aos colegas da Universidade por tudo o que eles me ensinaram. Sou grato a todos, em especial a Deus, por ter me dado a oportunidade de estudar no curso de Comunicação Social e a partir daí construir a minha história pessoal."

Marília Targueta
Paula de Fátima do Vale Afonso
Uhervalter Coimbra
Vera Lúcia Carlos
Walter Conde Filho

William Rangel Bandeira

Coleta de grau "In Absentia" em 1984

Maria Rosilene Spalenza

Gláucia Cola Sarres

Fabíola dos Anjos

Turma 1985/01 - Jornalismo

Ana Maria Magalhães

Anete de Oliveira Lacerda

Aureadene Maria Nunes

Carlos Délio da Silva Ferreira

Débora Cardoso Rubim

Fátima Negrelli de Campos

Jaqueline Salcides Gonçalves

Maria Cristina Dadalto

Maria Ocarlina Pontes Cardoso

Maria Uliana

Marta Cristina Sant'Anna

Míriam Stelzer

Raquel Rodrigues Ferreira

Renato Heitor Santoro Moreira

Sandra de Lima Andrade Santos

Sylvio Romero Corrêa da Costa

Turma 1985/02 -Jornalismo

Adnalva Serafim Batista

Alcione Menezes Lobato

Clésio Marcos de Moraes

Cristina Leal D'Ávila

Edmara Barbosa dos Santos

Flávia Regina Dallapicola Teixeira Mignoni

Izabel Cristina Aarão Bastos

Jacqueline de Araújo Santos Vitória

José Antônio Sarcinelli

José Milton dos Santos Silva

Lenira Wanderley Rodrigues de Miranda

Lorena da Cruz Paterlini

Magda Maria Carvalho da Fonseca

Maria da Penha Falcão

Maria da Penha Tristão Calmon

Maria Emília Pelisson Manente
Maria Laura Renoldi Murad
Mônica Luz Leal Lima
Tânia Maria Trento
Tatiana Serra de Almeida
Viviane Campos Sarmento

Turma 1985/02 — Publicidade e Propaganda

Anselmo Luiz Ventorim
Júlio César Martins da Silva:

"Entrei na Ufes em 1980, cursando o 2º currículo, desde sua fundação, que previa três habilitações: Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Relações públicas. Esta última nunca foi oferecida por falta de demanda. Dos professores que ainda estão na ativa, no depto., fui aluno de David Protti, Ruy R. Ramos, Ismael T. Paula e Tânia Mara C. Ferreira. Cheguei a cursar 1 ano de Jornalismo, mas depois mudei para a Publicidade, pois havia criado uma agência, com os colegas de turma Fernando Manhães e Hleyval C. Reis, que mais tarde deu origem à Prisma Propaganda. O curso, na parte teórica era muito bom mas na parte prática deixava muito a desejar, especialmente em Publicidade. Não tínhamos laboratório de fotografia, nem câmeras, usávamos câmeras emprestadas de colegas ou do David, o Laboratório de foto era o do Centro de Artes. Laboratório de áudio e vídeo, nem pensar, usávamos o do Centro Pedagógico, que possuía um estúdio, uma ilha U-matic, e um estúdio de áudio bastante precário, mas o técnico era muito bom, o Paulo César, que hoje possui o estúdio de gravação Novaarte. A demanda pela área de Publicidade era mínima. Minha turma tinha entre 7 e 10 alunos, variando conforme o semestre. Cheguei a cursar a disciplina de Produção Publicitária em TV e cinema como único aluno de Arlindo Castro (já falecido), um excelente, e excêntrico, professor que tivemos, e que veio a ser meu colega de departamento quando fui aprovado no concurso público, para professor".

Patrícia Dantas Silva
Talma Marsico Correia
Vânia Damasceno de Lima

Colação de grau "In Absentia" em 1985

Luiz Fernando Manhães da Silva
Nilo José Rezende Tardin
Márcia Helena Iamonde
Mauro Paste
Rita de Cássia Lyrio
Guiomar Freitas Machado
Elizabet Nely Leite Praça
Elizabeth Moreira Dias
Friederich Brum Vieira

Turma 1986/01 - Publicidade e Propaganda

Adriana Brumana Tótaró

Ana Lúcia Mascarenhas Bonfatti
Carlos Alberto Antolini
Cristiane Rizo Scandian
Emília Augusta Biccas Miranda
Honório Antônio Rebello D'Avilla
Letícia Maria Alvarenga Taveira
Margarete Endlich
Maria da Glória Palácio
Maria Paula Lugon Dall'Orto
Maria Lacerda Santos Neves:

"Entre no Curso de Comunicação na Ufes nos anos 80. Tinha muita greve, agitação política e contestação: uma verdadeira ducha de água fria. Éramos muito mais idealistas. Nem sonhávamos com o glamour que envolve a carreira nos dias de hoje. Lembro com carinho do professor Aragão, de Português, do Hésio e do Ruy. Sobrevivi aos comentários ácidos (e competentes) do Domingos Freitas (valeu, professor!) e a ironia do ArlindoCastro (saudades!). Sou redatora, adoro o que faço. Não diria que o curso me tomou o que sou hoje — Propaganda tem que estar no sangue — mas que foi divertido, foi."

Nilda Miranda da Silva
Rita de Cássia Ventrorm
Verônica Marchon Zago

Turma 1986/01 - Jornalismo

Andrew Chukwudi Emenekwum
Angela Ottoni Teatini Salles
Dirceu Gilberto Sarcinelli
Elisabeth Orletti
Jorge Lellis Bomfim Medina
Julius César Carvalho da Silva
Lam Shuk Yee
Luciene Campos Rocha
Rita de Cássia Pereira Diascanio
Solange Cardoso Malta
Wagner Luiz Barbosa da Silveira

Turma 1986/02 - Jornalismo

Francisco José Noia Maciel
Giselle de Paiva Rodrigues
Luciani Nascimento
Márgia Chianca Mauro
Maria José Conti
Maria Valdívia Fernandes dos Santos
Marilda Gonçalves da Rocha:

"A Ufes representou o sonho de uma garota do interior, que ao passar pela Av. Fernando Ferrari se via pelos corredores e salas da Universidade, pois queria sair do lugar comum em que vivia. O contato com um universo completamente diferente do seu, no que diz respeito às relações interpessoais, aconteceu. Surgiu, depois, a jornalista. Hoje, resta a doce lembrança dos estudos, em grupo ou individualmente na Biblioteca Central, bate-papos pelos corredores e no RU, nascimento de eternas amizades, amores, recordação de professores que marcaram e dos que simplesmente passaram. Greves e falta de equipamentos foram contraposições, mas não suficientes para me provar que correr atrás dos sonhos não vale a pena. A Ufes e o curso de Comunicação Social fizeram a diferença. O que sou hoje muito tem da contribuição do período que lá vivi."

Vera Lúcia Caser

Turma 1986/02 - Publicidade e Propaganda

Andréa Lima São Mateus
Adriana Valadares Pessoa
Alair Caliarí
César Augusto Cruz Nogueira
Cláudia Cristina Pitanga Leite
Lia Mônica Delpupo
Luciene Behber Grigato
Wellington Nunes Jevaux

Colação de grau "In Absentia" em 1986

Liliana Alves Francisco
Rita de Cássia Paste (Rita Camata):

"O período em que estive no Curso de Comunicação da Ufes foi marcado por grandes mudanças em minha vida. Entre 1979 e 1986, passei a enxergar o mundo com outros olhos, casei-me com o Gérson Camata, que seria eleito governador do Estado em 1983, entrei para a política, tendo sido eleita deputada federal em 1986. Estudar e estar na política ao mesmo tempo fez com que eu tivesse de suspender, por alguns períodos, as atividades acadêmicas. Mas o resultado foi positivo. As lições da vida e o aprendizado da Academia se integraram na minha formação pessoal e profissional, com marcas indelévels. O jornalismo me deu maior capacidade crítica para ler o mundo, estabelecer nexos para além da aparência naturalizada dos fatos sociais, buscar alternativas, pensar e agir objetivamente. Não só na cobertura de meus atos com pessoa pública, mas também na hora de ver o mundo, decidir e planejar meus atos, o jornalismo me acompanha. Posso dizer que, além de escola de jornalismo, o curso de Comunicação Social foi também uma escola de política. Afinal, esses são dois campos que se inter cruzam diariamente. Sendo baseados no bom caráter e pautados pelo compromisso com a coletividade, têm a mesma pauta: um mundo melhor para todos."

Rosane Volpini
Maria do Carmo Chiapano Souto Gilcélia Lima Gonçalves Célia Soares Marques

Turma 1987/01 - Publicidade e Propaganda

Gercione José Rocha
Giovannini Fassina
Luciana de Oliveira

Farias Maria das Graças Silva
Maria Goreth Cadete
Maria Inês Moratori
Rosiani Furtado
Tânia Lúcia Barbosa Santos

Turma 1987/01 - Jornalismo

Aurelice Aguiar Silva
Cláudio José de Mattos Rocha
Etelni Ferreira da Silva
Evandro Sérgio Ferrari
Jorge Rodrigues Buery
Maria Madalena Fernandes Caetano
Mário Sérgio Moreira
Moisés Ramalho
Ricardo da Silva Rodrigues
Soraia Bonicem Chiabai
Sérgio Ricardo Guizardi
Thelmo Scarpine de Andrade Almeida:

"Apesar da infra-estrutura precária, o curso foi muito importante para minha formação como cidadão e agente social. Tenho saudade daqueles tempos de loucuras, contestações e sonhos de transformar o mundo."

Turma 1987/02 — Publicidade e Propaganda

Adriana Maciel da Silva
Andréa Lillyan Brozovic
Archimino Siqueira Mencher
Brígida Batista Alexandre
Cleide Ferreira de Freitas
Débora Cecília Dias
José Roberto Duarte Godoy
Luciana Andrade Haddad
Mônica Salgado Rocha
Rita Elvira Paste
Tatiana Silva Brioschi:

"Descobri o ambiente acadêmico, a pluralidade de pensamentos, o status de cursar uma faculdade, por mais dificuldades que ela possa ter. Embora tecnicamente tenha deixado a desejar, gostei muito das discussões e pesquisas, da biblioteca, dos trabalhos práticos. E por causa da faculdade pude participar da maior experiência de minha vida, onde representei o Brasil em Tóquio e fiz uma interessante viagem como Miss Universitária Internacional."

Turma 1987/02 - Jornalismo

Cecília Maria Crivilin
Elimar Guimarães Cortes
Fabiano Mazzini Bonisem:

"A oportunidade de cursar Comunicação Social/Jornalismo na UFES (1984 a 1987) representou para mim, possivelmente, a mais importante 'janela' para o mundo que eu, jovem de classe média, poderia dispor naqueles anos. Eu me sentia - e era mesmo - um privilegiado por estar ali, daí ter procurado valorizar cada minuto dessa convivência. Freqüentar a Universidade naquele momento da minha vida foi a chance que tive de interagir com um universo inesgotável de saberes, ações, reflexões, paixões e inquietações. Eu namorei a universidade por bons quatro anos. Afinal, era um prazer danado poder assumir, com exclusividade, toda a responsabilidade que me cabia no momento de escolher o que seria na vida. É claro que tive muita sorte, porque a turma 1984/01 era o que de melhor se podia esperar de um coletivo afinado com o seu tempo. Exemplo de enorme riqueza cunhada em uma marcante diversidade. Aliás, se foi ali no campus que aprendi um ofício, também foi ali que comecei a lidar mesmo com gerente. Como fui ser sindicalista, jornalista e professor, não parei até hoje. Ainda bem. Obrigado, Ufes!"

Fernando Schneider Künsch
Francisca Selidonha Pereira da Silva
Jane Stela Ferregueti
João Barreto da Fonseca
Joaquim Welley Martins
Joel Soprani
Leonel Vasconcelos Xirnenes
Luciane Ventura da Silva
Lygia Maria Sarlo Wilken
Olívia Tereza Crisóstomo Prates
Renata Andréa Barboza Forte
Rivone Francisco Roriz
Sayonara Henriques Calhau
Silvio Antônio Bispo dos Santos

Colação de grau "In Absentia" em 1987

Guilherme Santos Neves Neto
Paulo Sérgio dos Santos
Karla Fontana
Margarida Maria Ravara Monjardim

Maria Regina Nolasco

Turma 1988/01 -Jornalismo

Aída Bueno Bastos Evangelista
Ana Cristina Vieira Dockhorn
Ana Elvira Fermiano Meneguelli
Anilton Cândido Trancoso
Carlos Alberto Batista:

"O período de 1984 a 1988 - quando o Brasil passava por transformações políticas, inclusive com a publicação de uma nova Constituição Federal - proporcionou grandes reflexões dentro da sala de aula. Aliado aos fatos políticos e aos bons ensinamentos dos professores, podemos compreender que a verdadeira atividade jornalística só sobressai com eficiência quando o profissional está focado, em sua carreira, num princípio básico: a ética. Nas matérias produzidas para as disciplinas de jornalismo Impresso, a principal preocupação era, desde então, trilhar pelo caminho da moralidade e da ética profissional. Bons professores — como Ismael Thompson, Hésio Pessali, Cicilia Peruzzo e muitos outros — souberam transmitir o coíceito de correção profissional que todos os jornalistas devem se pautar."

Everson Martins Rodrigues

Flávio Sarlo

Gilvan Rodrigues Gonçalves

Giovana Fontanella

Hércules Mattos de Souza

Marco Antônio Faustini de Oliveira

Maria Auxiliadora Dalmásio:

"Impossível ir ao campus de Goiabeiras da Ufes ou em frente a ele passar sem deixar de lançar sobre aquele espaço um olhar bem demorado e especial. Não olhar de nostalgia. Mas de carinho e reconhecimento, principalmente. Os momentos ali vividos, de aprendizado e de convívio com colegas e professores, foram decisivos para moldar o meu perfil pessoal e profissional. Guardocomo verdadeiras relíquias alguns trabalhos da disciplina Jornalismo Impresso, ministrada pelo professor Hésio Pessali. Os textos escritos na máquina de datilografia já estão amarelados pelo tempo. Mas resistem. Como resistem as observações que ele fez sobre meus trabalhos e que me marcaram para sempre. Certa vez, escrevi a expressão "sendo que" e Hésio, com sua caneta vermelha, apontou: "Evite esta pobreza". "Sendo-que", nunca mais! Nosso grupo de trabalho - eu (assessoria de imprensa do Banestes), Giovana Fontanella (assessora de imprensa da Caixa), Samir Hatum, Cristina Dockhorn (TV Gazeta), Waleska Merçon (TV Tribuna) e Cláudia Gregório (TV Gazeta) - era unido e supercriativo. Entre outras modas, inventamos um caderninho para registro das gafes por nós cometidas durante os encontros ou apresentações de trabalho. Denominado "Máximas e inéditas do grupão", o caderno traz um conjunto de pérolas. Uma delas dá conta de que um colega ao chegar na sala e dizer bon soir - boa tarde, em francês -, recebe de outro colega a seguinte resposta: 'Olha o ... exercitando o seu inglês'. No afã de fazermos um jornal do curso, criamos O Dromedário, com a ajuda do professor Ismael Thompson. O jornal teve uma única edição, em outubro de 1985, e caracterizou-se por ser um produto totalmente artesanal. Mas foi o nosso primeiro e querido veículo, no qual denunciávamos a falta de espaço físico que o curso enfrentava na época. Para o jornal, entrevistamos o cantor Carlos Papel, desapontado por sua bela música Sol da Manhã não ter obtido classificação no Festival dos Festivais. O periódico trazia ainda uma coluna de fofocas, denominada "Língua de Trapo", redigida por uma colega que se destaca por sua primorosa criatividade e que assinava "Condessa da Boca do Lixo". Dromedário, no jargão jornalístico, é jornalista veterano, de longa experiência nos serviços de reportagem e redação, o contrário de foca."

Maria Auxiliadora Gonçalves

Mariloize Ambrozim dos Santos

Nilcelene Verbeno Vargas

Nilza de Fátima Aguiar

Ricardo Luiz Gomes

Ricardo Salles de Sá

Rogéria Gomes

Tânia Márcia dos Santos Mariano
Waleska Merçon dos Santos

Turma 1988/01 — Publicidade e Propaganda

Deodato M. Ramos
Gladson Dalmonech Modesto
Jussara Moraes
Lorena da Cruz Paterlini
Marco Aurélio Moraes Rettore
Mônica Castilho Calmon
Roberto Gomes de Souza Filho

Turma 1988/02 - Publicidade e Propaganda

Eliziane Andrade Paiva
Judas Tadeu Bianconi
Mariângela Juarez Dih
Sérgio de Araújo Medeiros

Turma 1988/02 - Jornalismo

Adriana Juliajanon de Assis
Adriana Marcondes de Souza
Ana Paola Dessaune Carlos
Anderson Laranja Frágoso
Angèle Murad:

"A turma J 985/1 reunia representantes de várias "tribos": intelectuais, patricinhas, contestadores, artistas, trabalhadores, religiosos engajados. Alguns nos deixaram no meio do caminho, como a doce Rose, que entrou para o Carmelo no segundo ano de faculdade. Havia figuras antológicas, como o poliglota Anderson, apaixonado por esperanto. Entre as lembranças, tenho os acalorados debates em sala, a luta pela construção dos laboratórios do curso, a disputa pelas máquinas de escrever mais modernas (Remington x Olivetti), o cheiro do bife de fígado acebolado do RU que precedia as reuniões em grupo à tarde na biblioteca... Do curso, trouxe para minha vida e alimento até hoje doces amizades e o sabor de mergulhar no estudo e desvendar o mundo."

Antônio Carlos Quinteiro Lopes
Danilo Corrêa da Fonseca Filho
Deuel Azolin da Silva
Edson Francisco do Rosário
Isabel Regina Augusto
Márcia Aparecida Rocha
Maria Tereza Ramos de Caldas Brito
Maria Verônica do Nascimento Gomes
Marília Eloá Poletti Dutra
Mônica Loureiro Jorge

Nelito Falcão da Silva
Rubem Luiz Côgo
Sinval Soares Paulino

Colação de grau "In Absentia" em 1988:

Andreia Curry Carneiro
Namy Chequer Bou-Habib Filho
Sofia Cristina Sant'Ana
Marli Moras Garcia
Roselani Bassini Frizzera:

"Entrei na Ufes na turma 83/7 e não poderia deixar de dar meu depoimento porque minha turma foi maravilhosa. Hernandes Zanon, Zocra Carminati, Guilherme Santos Neves, Cláudio Rocha, Mário Moreira, Luciene Bebher... Fomos o que se convencionou chamar de "A Turma do Balão Mágico", a legítima, e aprontamos muitas, mas tínhamos uma idéia na cabeça: democratizar o curso. Trocar os livros com cheiro de poeira e mofo por uma bibliografia coitemporânea, batalhar por um diálogo aberto em uma universidade instigante. Inauguramos a era do vídeo, conseguimos instalar uma sala de vídeo na Biblioteca Central e as aulas de quinta eram filmes do cinema alternativo europeu. Vimos o fenômeno Madonna aparecer, assistimos "Montenegro", gravamos os primeiros vídeos experimentais da Ufes e por aí vai."

Roberto Vereza de Oliveira
Alexsandra Maria Almeida Ribeiro
Samir Ha Tum de Almeida
Mônica Zorzanelli Costa

Turma 1989/01 — Publicidade e Propaganda

Cassiano Ferreira Simões
Daisy Dellatorre
Denise Pazito Alves Francez
Eliane Ribeiro de Carvalho
Georgea Detoni Barroca

Turma 1989/01 -Jornalismo

Ana Cristina Nascimento Givigi
Cileide Firme Zanotti
Cláudia Gregório
Darcy Werneck
Guilherme Klauss F. M. da Costa
[osé Cláudio Cruz Figueiredo
José Maria Trazzi
Kátia de Lourdes Fraga:

"Refletir sobre uma fase da vida é sempre um convite a resgatar memórias de um tempo que marcou. E as boas lembranças me remetem a sensação de tomar água na beira de um rio límpido depois de brincar de pique, com a sonoridade das gargalhadas infantis. A oportunidade de escrever me presenteou com essas sensações. Então, abri o baú do "universo" chamado Ufes, onde guardo com carinho retratos, retalhos, afagos, afeto. Nessa minha caixinha de construção pessoal e profissional, tracei uma divisória de água da minha jornada. Ali no campus deixei pra trás a tal frase 'o que você vai ser quando crescer?' e decidi "não crescer", pelo menos não como essa "gente grande" costuma fazer. Queria ser mais que simplesmente jornalista. Queria ser mais... e consegui. Aprendi os primeiros passos do meu ofício na Ufes e dela trago comigo a alegria compartilhada com meus amigos de faculdade; as soluções diante dos trabalhos que considerávamos árduos; a criatividade instintiva para quem, naquela época, não tinha muitas alternativas de produção. E como foi produtiva e frutífera minha turma de 85-89, no sentido literal. Fomos amigos, sensíveis, talentosos, exuberantemente jovens e belos. Tudo resultado do prazer de estar no espaço que considerávamos nossa casa pelo elo identitário que criamos. Tinha espaço para tudo naqueles felizes anos: brincadeiras, calafrios nas apresentações de seminário e provas... Mas a seriedade desses momentos não nos privava do prazer de jogar "totó"; dos divertidos encontros no RU — administrado por um homem especial e apaixonante, Miguel Fraga, meu tio - das cochiladas na grama, dos filmes, das cenas, das festas, da esticada no "soco". Foi assim que "cresci", responsável sem perder a minha essência, tendo como marca suprema a alegria, a sensibilidade e a paixão pela vida que só a criança da minha alma é capaz de manter. Essa herança vital dedico aos meus amigos de turma, a minha família e aos meus alunos da Faesa, para quem tento passar ao menos parte desse aprendizado da Vida."

Luiz Carlos Veiga Alves
Milton Sampaio Júnior
Patrícia de Souza Mosé
Petter Wíllyan
Falcão da Silva
Rosângela Venturi

Turma 1989/02 — Publicidade e Propaganda

Alcimar Guerra
Angela Cristina Pereira Xavier
Celso Cláudio Busato Ávila
Denise Cristina dos Santos
Franz Silveira de Queiroz
Frederico Vescovi Leão
Maria Aparecida Q. de Araújo
Maria Cristina Cezar Gomes
Maria Inês Altoé
Rosana de Arruda
Silvaria César Vargas

Turma 1989/02 — Jornalismo

Alvarito Mendes Filho

Ana Margarete Martins Guimarães
Antônio Carlos de A. Barbieri
Carmen Nair Flor
Diana Bernardes Rocha
Lendrevalder dos Santos Loyolla
Luís Carlos Damião
Marina Filetti
Marli Aparecida Malacarne
Oscar Ornar C. Delgado
Regina Célia Freitas e Silva:

*"Estudar jornalismo na Ufes foi mais **que** entrar na faculdade, foi um sonho acalentado que se tornou real. E que alegria ver meu nome na lista, num curso que escolhi e que tenho orgulho. Gostei de cada semestre vivido, muitas experiências e amigos que ainda trago no coração e na memória, professores que foram fontes de aprendizado, como Hésio Pessali, Ismael Thompson e Silvia Chiabai. O curso despertou-me o desejo de saber mais e mais. Creio ter lido quase tudo na nossa estante **na** Biblioteca — ah! que saudades tenho daquele local, de ver o dia indo embora e a noite chegando, sem vontade de sair de lá. **Tantos** debates, conversas, saraus, exposições, do livros velhos cheirando paixão de quem escreve. Lembro das rodas de violão e de poesias que fazíamos após os almoços oujantares no R.U. Em 90 o curso não tinha a infra-estrutura de hoje, logo diagramar só na paica; rádio, apenas um pequeno aparelho; fotos, uma câmara por só um final de semana. Laboratório de TV???? hAas nada disso era empecilho, conseguíamos fazer milagres que só a vontade de aprender justifica. Foi uma grande escola de vida, onde desenvolvi qualidades como a de lutar pelo que acredito como a própria universidade. O sonho de estar na universidade virou realidade, hoje é saudade e amanhã quem sabe eu possa sentir o mesmo orgulho e alegria de ver minha pequena Yanne, hoje com 8 aninhos entrar na Universidade".*

Ricardo W. Mignone
Robson Monteiro Teixeira
Rodrigo Nunes do Couto
Rosiani Agostini Vescovi
Solange da Silva Thuler
Wellington Nunes Jevaux

Colação de grau "In Absentia" em 1989

Nilo Miguel M. Gomes
Sandra M. Freitas
Zêmer N. R. de Andrade
Lenise Cheibub Costa
Marlucia Salgado R. Mota

Turma 1990/01 – Jornalismo

Adriana Ribeiro Pereira
Alaisa Cristina Schinaider Rigoni
Berilo Basílio dos S. Neto
Denise de Paula

Éden Rocha Salgado
Inês Simon Ferreira
Isabele Santos Eleotério
Ivana Esteves Passos
Jaqueline Ramalho Nogueira
José Edgard Rebouças
José Soares de Magalhães Filho
Jovana Mazioli Sacconi
Lauricéa Alves Aparecida
Márcia Christina de Brito
Maria Amália de Rezende Fiorot
Maria Lúcia da Silva
Nágil da Penha Siqueira
Rafael Pigatti Filho
Tatiana Moraes Buticooky

Turma 1990/01 - Publicidade e Propaganda

Márcia Leal
Margô Devos Martin:

"Arquitetura ou publicidade ? Fiquei com a ficha de inscrição na mão e naquela hora decidi o meu futuro profissional: Arquitetura tem muita matemática! No primeiro dia de aula Peter Falcão fingia ser o nosso professor, escrevendo uma lista imensa dos mais estranhos livros para "leitura obrigatória". - Talvez a matemática fosse mais fácil — pensei. Lembro das aulas de rádio e TV no laboratório da Pedagogia onde editávamos os spots cortando e colando as fitas magnéticas das fitas k-7 e das aulas de produção gráfica aprendendo sobre fotoletra e fotocomposição para montar os pest up. Não existia sequer um computador no CCJE. Talvez na Ufes inteira. Convivemos bravamente com os remanescentes do Balão Mágico fumando fumo de rolo com páginas da Bíblia na sala de aula e aos almoços diários no RU. Na Ufes aprendi a gostar de poesia, livros, cinema e a ter um olhar crítico sobre tudo que via e ouvia. Guardo até hoje o livro de capa preta "Tudo o que você gostaria de saber sobre publicidade", minha Bíblia na época. O dia da formatura foi o de maior realização da minha vida. Recebemos os canudos (vazios) no auditório da Rede Gazeta e naquele momento lembramos que não tínhamos organizado sequer uma festa de despedida. No final da cerimônia nossa colega Maria Emilia pegou o microfone e solenemente perguntou: "Em qual bar vamos comemorar este dia?"

Maria Emilia Hermeto
Coelho Rosângela Bortot Lopes
Viviam Almeida Campos

Turma 1990/02 - Publicidade e Propaganda

Cid Luiz Travaglia
Gyselle Ferreira Macedo
Hélio Carlos M. de R Júnior
Ilvan C. de Oliveira Filho
Patrícia Ribeiro Junqueira

Roberta Dessaune
Carlos Sortevano Araújo Diniz
Vanessa Septimio Alves

Turma 1990/02 -Jornalismo

Alelvi Carneiro de Andrade
Andreia Lara Tose
Aymée Sánchez Bitencourt
Gustavo Alves da Silva
Jeder Silveira J. Júnior
Marinete do Carmo Arcanjo
Soraya Cristina
Wandekoken
Suzy Faria Gomes
Valéria Rocha Coelho

Colação de grau "In Absentia" em 1990

Cléber José Carminati
Antônio Carlos Horta Moraes
Mareluz Celeste
Glória Prata Ferreira de Godoy
Vladimir Barbosa de Godoy
Izabela A. Monjardim Cavalcanti
Maria Marta Santana Santos
Paulo Sérgio de Souza
Denise Gonring

Turma 1991/01 -Jornalismo

André Hees de Carvalho:

"Greve dos professores, a lona do Circo da Cultura armada no gramado em frente à Biblioteca, gente de roupas e cabeças coloridas dançando e pintando o sete. Estas, as minhas primeiras impressões da Ufes, em 1986, plena Era Sarney, de desgoverno e desesperança. Era o ocaso do Balão Mágico, mas herdamos muitos de seus princípios e hábitos: a contestação do ensino tradicional, o gosto pela polêmica, o amor à arte e a irresponsabilidade absoluta dos 20 anos. Tivemos bons mestres, dentro e fora da sala. Selamos amizades, algumas para sempre. Lá conheci minha mulher. Tudo isso, inclusive a irresponsabilidade, foi fundamental para a gente virar gente grande. Sem perder a ternura."

Cláudia Cristina Belchior
Cláudia Malini Gaigher
Fabiana Santos Batista
Fabrício Rancalli Araújo
Jorge Carlos Felz Ferreira Nety
Façanha da Costa

Nucicléa do R. B. dos Santos
Raquel Salaroli de Araújo
Rosa Adriana Oliveira Blackman
Sara Aguiar Gama
Silvana de Vargas Holzmeister
Sueli Checon de Freitas
Susana Loureiro M. de Castro
Valéria Mareia Roseiro
Vandique Torres Magalhães

Turma 1991/01 - Publicidade e Propaganda

Carlos Alherto S. Gama
Paulo César Nascimento

Turma 1991/02 –Jornalismo

Almir Tristão Schuwartz Filho
Antônio Carlos Quinelato
Cláudia Rejane Soares
Elizabeth Caetano de Souza
Elzeclly Sessa
José Divino Ferreira
José Miguel Herrera Allende
Lúcia Helena Rocha Gonçalves
Maria Helena Fahriz
Nair da Silva Martins
Renata Pinto Coelho Vello
Simone Barcellos da Silva
Síndia Rezende Castro
Tamara Rosa Abelha
Thereza Christina Abelha Vivacqua

Turma 1991/02 - Publicidade e Propaganda

Adriana Acácio Chammas
Cíntia Coelho Dias
Gustavo Giordane de Almeida
Ulisses Louzada Mantovani

Colação de grau "In Absentia" em 1991

Haveraldo Ferreira Vargas
Júnior Luciano
Roberto Rangel
Mirian Esteia Nogueira Tavares

Ana da Graças Lacorte
Alexandre Afonso Krusemark
Wesley Vieira Sathler

Turma 1992

Ademar Salcides Pinheiro
Alexandre Henrique de Calais
Amanda Carla Bastos Goulart
Ana Claudia de O. Vianna
André Mantelli
Cilmar C. Franceschetto:

"Descobri grande parte do universo da fotografia no curso de Comunicação. Tinha pouca idéia da magia que era o surgimento das luzes e sombras num papel mergulhado na "banheira" com revelador, após ser exposto por alguns segundos à luz do ampliador de negativos em preto e branco. O laboratório, que ficava nos fundos do prédio da administração do CCJE, bem atrás da cantina do Gervásio, era tão minúsculo que não cabia toda a turma: era necessário dividi-la em grupos e com horários pré-determinados. Sou muito grato aos servidores e colegas pela convivência amigável e produtiva e, especialmente, aos professores David Protti e Gíocy Avancini Coutinho, juntamente com o pesquisador Agostino Lazzaro, com quem pude iniciar os projetos de registro da herança cultural da imigração, resgatando nossa rica diversidade étnica, numa época em que esse tema ainda era motivo de deboche por parte de muitos acadêmicos que, paradoxalmente, passaram a trilhar os mesmos caminhos que antes desprezavam."

Daniela de Abreu
Elise da Ros Malacarne
Emerson Cabral Peterle Souza
Enyaly Christian Polctti
Flavia Andrade de Araújo'
Gilson Teixeira
Giovanna Faria dos Santos
Giselda Botelho Chacur
Helenilda Loubach Fernandes
Hudson da Cunha Moura
Janine Venancio Ribeiro
José Antônio Martinuzzo:

"O curso de Comunicação Social representou o início do resto de minha vida. A partir de suas aulas, atividades, bate-papos, leituras, abriu-se uma nova perspectiva existencial. Comecei a entender a antinatureza da sociabilidade. Passei a buscar compreender e interferir nesse mundo dos homens. Depois de um percurso maravilhoso de 12 anos de trabalho e pesquisa acadêmica, hoje estou de volta à Ufes, como professor concursado em 2004- Vim falar do mundo dos homens, universo em que a comunicação social tem cada vez mais espaço. Vim tentar falar de um outro possível mundo dos homens."

José Cláudio Cruz Figueiredo
Luci Mayre Silva Lima
Lúcia Saad Moreira
Luciana do Amaral Gurgel

Luiz Roberto Campos da Cunha
Márcia Rita Bertoldi Motta
Maria Nazareth Bis Pirola
Neuvitor Mazoco
Patrícia Caretta Martins
Sandresa G. Cortes Carvalho:

"Falar dos anos que contribuíram para a minha formação profissional não : fácil. São muitas coisas a lembrar a a saudade é grande. Lembro que ao lado da sensação de ter um desejo há muito acalantado, e que se realizava a cada dia, vinham as dúvidas e incertezas diante de tanta informação ao mesmo tempo agora: Será que eu consigo? Será que me formo? Será que essa é a minha praia? O tempo se encarregou de mostrar — pelo menos para mim — que o jornalismo, realmente, é a minha praia, o algo que me satisfaz pessoal e profissionalmente. Tantos anos depois de formada, ainda me lembro com carinho e saudade daqueles dias no compus de Goiabeiras... E guardo a certeza de que, como dizia Gonzaguinha, 'começaria tudo, outra vez, se preciso fosse, meu amor'."

Selmo Cristo
Shirley de Oliveira Coelho
Vânia Meiry Trindade Santos
Wanda Lúcia Elias de Oliveira

Colaão de grau "In Absentia" em 1992

Beatriz Paoliello Lindenberg Waldir Santana Sarmiento Marlécio Matos Luiz Alberto Malta de Barros

Turma 1993

Alexssander Corrêa R. de Souza
Anderson Chagas Neto
Andreia Afonso Zuqui
Andreia Delfino
Antônio Carlos Pasolini
Antônio Marcos F. de Souza
Bianca de A. Franco Corteletti
Carla Maria Osório de Aguiar
Cintia Roberta Bento Alves
Cristina Rodrigues Mendonça
Dan Emerson Z. Sampaio
Denis Tocafundo
Edmar Lucas do Amaral Júnior
Fabiano Souza Gonçalves
Fernanda de Queiroz Castro
Fernanda Horacio Hertel
Fernando Wagno de O. Góes
Gustavo Silva Dias Iluska
Maria da Silva Coutinho
Júlio César Campanha Lorenzoni
Leandra Carla M. dos Santos
Lena Márcia Brandão
Luciana Tonon Barbosa
Luiz Cláudio K. do Nascimento
Marcos Ribeiro Santos
Mirela Adams Canosa
Patrícia Del Piero de Almeida
Rejane Gandine Fialho
Roberto Carlos Castelluber
Roberto Teixeira dos Santos:

"A Ufes, onde obtive a minha formação profissional - fui graduado e pós-graduado no campus -, foi o centro irradiador de conduta ética e de noções de respeito aos colegas de profissão, dos quais muitos se tornaram meus amigos e que convivo, prazerosamente, até os dias de hoje. Aulas de formação política, estudos na Biblioteca Central, abre e encerra bodes, festa do vinho foram alguns dos momentos inesquecíveis, que preservarei para sempre na memória."

Rogério Mansur Ferreira
Rosane da Cunha Freitas
Saskia A. M. L. de Moraes C. de Sá
Saulo Simonassi Torres
Sérgio Moreira Ferreira
Vanessa Melo Torres

Colação de grau "In Absentia" em 1993

Viviane Silva Pianna

Luiz Cláudio Kelly do Nascimento

Turma 1994

Adriana Ferreira Pedreira

Alessandra Martins de Souza

Ana Lúcia Negri de Almeida

André Luiz Rego Oliveira

Áurea Cristina da Silva Cândido

Ferreira de Souza Júnior

Carla Aparecida F. de Souza

Eduardo Ortega Tavares

Elizabeth Nader Simões:

"Não há como pensar na UFES sem lembrar da primeira cópia fotográfica: a imagem aparecendo lentamente na banheira de revelador do laboratório pb. Tudo como uma grande magia: as luzes vermelhas, o cheiro forte das químicas, a imagem que aparecia como encanto. Quando fiz a disciplina Fotojornalismo I foi amor à primeira vista. Momento inicial de uma caminhada percorrida até hoje. A Ufes foi para mim um momento de grandes descobertas. Meu mundo se abrindo em novas formas de pensar, ver, sentir e ouvir. Além das fotos, revelações também de princípios e idéias. Muitos mestres contribuíram naquele momento: os professores em salas de aula e laboratórios, os autores dos livros, lidos nas tardes na biblioteca, e os próprios colegas nas conversas na cantina do CCJE e Cochicho da Penha. Uma vivência dedicada às diversidades de pensamentos e reflexões propostas nesse rico ambiente acadêmico."

Ernandes Zanon Guimarães

Geisa Rodrigues Leite da Silva

Gisele Servare dos Santos

Giseli Roberts Vargas

Giuliane Maria Calvi

Josenildo Luiz Guerra

Louise Alves Machado

Lucyano Jesus Ribeiro

Paula de Miranda Portella

Paulo Eduardo Bezerra Rios:

"Turma 88/1, cinco linhas, 440 caracteres. Impossível. Com certeza, este é o pior e mais cruel briefing de toda a história. Como confinar neste espaço as memórias, a amizade, os amores, as traições, os ganhos, as perdas, os personagens, a vida? Tantos já se encontram pelos playgrounds com os filhos, outros não se encontram, morando lojige. Nossa história ardeu intensamente. Agradeço a chance de soprar a centelha mais uma vez.-"

Rita de Cássia Xavier Chebabe

Roberta Ribeiro

Sandra Mara Daniel

Silvia Zanotti Gobbo
Simony Leite Siqueira
Sussen Gazal Queiroz
Tatiana Mota Sodré
Vilmara Ramos Fernandes

Turma 1995

Adolfo Miranda Oleare
Adriana Andrade Vello
Adriana Júlio do Carmo
Adriani Raymundo
Alcione Vazzoler
Ana Izahel Lacourt Costa
Ana Maria Masuki
Andréa Lisboa Piraja
Carla Rita A. C. de Barcellos
Carlos Eduardo L. Guimarães
Cátia Leal Daros
Cíntia Coelho Dias
Claudia Buzzette
Cláudia R. Fim Camporez
Cláudia Rodrigues Vianna
Clotildes Machado Costa
Cynthia Gontijo Dessaune
Edilson de Oliveira Lenk
Eduardo Caliman Rangel
Elaine de Franca Marcena:

"Minha passagem pelo curso se deu entre 1991 a 1995. Período da construção do Edifício dos Laboratórios de Comunicação. Gostaria de fazer uma menção especial ao Prof. Ismael Thompson, coordenador de curso da época e aos funcionários do departamento. Eles eram maravilhosos! Daquele tempo ficou a saudade dos papos na cantina, a vida corrida entre as aulas e os estúdios, e é claro as amizades que se formaram."

Elen Cristina Queiroz
Elvany Ferreira Lopes
Evandro Campos da Rosa
Fabiana Rauta Pizzani:

"Foram boiis tempos os da Universidade. Mais do que aprendemos em sala de aula, conhecemos outros universos, novas pessoas e fiz grandes amigos. A única coisa que me deixa triste é ver que ainda falta muita prática no curso. O jornalista é um profissional formado na prática. Não tenho fórmulas mágicas, acho que essa discussão deve ser colocada em pauta pelos colegas de curso."

Fernando Cavalcante Rocha
Flávia Daniela Pereira Delgado:

"Qual é a alma de um curso se não as pessoas que o fazem? Ismael, amizade acima da docência; Giovandro, único que me fez chegar na hora, às 7h; David Protti, o que me dava broncas por deixar fotos tempo demais no fixador; Ricardo Conde, o que previu meu futuro como repórter de TV; Ruth Reis, a que cortava TODOS os meus textos (e eu faço igual com meus alunos hoje!). E doce voltar no tempo, para 91-95. E como acordar de um sonho muito feliz!"

Flávia Rodrigues Tristao
Francisco José Noia Maciel
Giovana Antunes Franca
Giovana Madureira Rangel
Ivanilson Frazao Tolentino
Janaína Frechiani
Lara Leite
Janice de Freitas Delunardo
João Carlos Simonetti Júnior
Júlia Duarte de Souza
Levy Pretti Filho
Luciana Vieira Luciano
Villaschi Chibib
Lúcio César Loyola
Luiz Carlos da Silva
Márcia Regina Branki
Marcilene Forechi
Marcus Valério de O. Trancoso
Maria Aparecida T. Abreu
Marilene Lemos Mattos
Mauro Paste
Paulo Henrique A. Pelissari
Ranieri da Silva Aguiar
Renato Zacche
Rodrigo Pimenta Moraes
Rosane Vasconcelos Zanotti
Rosiane Aparecida Victor
Sandro Roberto Rocha
Sérgio Carvalho de Lício
Taiz Monteiro Borges
Tânia Pereira de Aguiar
Tarcísio Emilio e Lins Costa
Vanessa Maia Barbosa de Paiva
Vanessa Vilarinho Moraes:

"A Universidade, além de ser espaço crítico e de conhecimento, também permite experiências muito ricas nas relações humanas. Conheci muitas pessoas e fiz amigos que me deixaram somente boas lembranças. A Ujes e o curso de Comunicação Social me dão é muita saudade!."

Vera Lúcia Tose

Turma 1996

Alexandra A. de Figueiredo
Alexandre Caetano
Aline Alvarenga Nunes
Ana Paula Novaes da Silva
Andréa Nacari Maioli
Andréa Nogueira Batalha
Andressa Rebonato de Sousa
Beatriz Schwartz Borges
Christianne Leal Santos
Claudney Pessoa Teixeira
Cornélia Rodrigues de Medeiros
Daniela Meneghelli
Denya Pandolfi A. da Conceição
Elda Vassimon Ferreira Jorge
Fabrício Araújo Faustini
Fabrício Taufner Corrêa
Fernanda Baracho Rodrigues
Francisco Feu Nascimento
Frederico Mendes Hudson
Gisela H. Tápias Bissoli
Hellen Silva de Paula
Jeanine Gonçalves Pimentel
Jorge Dorval Espejo
José de Andrade Sucupira Filho
Joviana Venturini Pinto
Juliana Gasparini Cardoso
Juranda Alegro e Gomes
Letícia Cola Cariello
Liana Vidigal Rocha:

"Formei-me na Ufes, em 1996, em jornalismo. Sempre lembro com carinho dos professores, especialmente, de Silvia Chiabai - minha orientadora no projeto experimental -, Ismael Thompson (coordenador do curso na época) e Ruth Reis com quem aprendi a fazer um bom jornalismo. Hoje, faço doutorado na ECA/USP e dou aulas em uma Universidade em São Paulo."

Lilia de Souza Barros
Luciana Almeida Cardoso
Luciana Canuto de Faria
Luciana Teles Moura
Luiz Mario Dutra Magda
Júlio Zamprogno
Mara Cristina Gasparini
Mara Helena Leite Avanza
Mareio José Pella
Michele Gonçalves Carasso

Nara Silva Campo Dall Orto
Neusely Fernandes da Silva
Odilon Paes Siqueira
Raquel Pessanha Orlandi
Roberta Coutinho Chagas
Roberto Riccio
Robson Richa
Rodrigo Alves da Silva
Rosilane Oliveira Costa Braga
Sandro Costa Barbosa
Vanessa Almeida Schmidt
Vanessa Braun
Vanessa Drumond da Costa
Victorine Anne Argollo Leão
Wladja Moreira Vervloet

Turma 1997

Alcione Coutinho Carvalho
Alessandra Bertolani e Santo
Alexandre Pinto Affonso
Alexsander Pandini
Almir Santana Soares Neto
Ana Claudia S. Nascimento
André Passamani dos Santos
Andréa Rodrigues
Andreia Pegoretti
Bianca Faccini
Daniela Zanetti:

"Minha passagem pelo curso de jornalismo da Ufes foi mais do que linda! Foi engajada, divertida, envolvente. Eu, Zulú, Fia Fernandes, Gi Botti e Martinha reabrimos e colocamos para funcionar o até então esquecido Centro Acadêmico, que hoje está super na ativa. O sofá foi doado pelo professor Ismael; o armário, pelo Orlandinho da Letras; e por aí foi... Congressos, seminários, assembléias, jam sessions na cantina, o enterro da máquina de escrever, os queridos professores e colegas... Saudades!"

Elaine de Lima Castro
Evandro Lopes Costalonga
Flávia Mayer dos Santos Souza
Gabriela de Souza Bonella
Gabriela Mochel Piccolo Germano
José Peçanha da Silva
Geysa Machado Guarconi
Giovani Soares Bonela
Giovanni Tadeu Albino
Gláucio Rodrigues Motta
Helena Maria Santos Rodrigues
Herica Lene Oliveira Brito

Humberto Cláudio da S. Campos
Jadyr Moraes Júnior
Janaína Torres Lessa
Jean Calmon Modenesi
Jefferson Luiz da Trindade
José Augusto de Castro
José Maria N. de Farias
José Renato Rodrigues
José Roberto Santos Neves
José Wallace dos Santos Brandão
Juan Carlos Geara de Barros
Karina Borgo da Silva
Karine Oliveira Neves
Leandro Corrêa Queiroz
Luciana Volpato Dorigueto
Luciene Gonçalves da Silva
Maggie May Marques Guimarães
Maria Carmen E de B. Nogueira
Marise Brosrel Corrêa
Maristhela B. de Oliveira
Marlon Neiva Loures Gonçalves
Marlon Sandro Ferrari Pagoto
Marluse Vazzoler
Matheus Cezare Nascimento
Mutheus Rodrigues Rody
Mônica Santos Azevedo
Nides Alves de Freitas:

*"Mais difícil do que entrar é sair da Ufes. São muitas as possibilidades de encantamento neste lugar. Este **sentimento** me motivou a produzir torneios de xadrez, mostras de cinema, festivais de música, jornais, rádio, festas, debates e outras idéias que formam o que sou e penso. E bom ver a Ufes influenciando um novo pensamento na sociedade capixaba. Melhor ainda é participar disso com a sensação de que não vamos sair deste ciclo virtuoso."*

Ozenildes Alves Rodrigues
Priscylla de Angeli Moreira
Rachel Martins
Rafael Fundão Maioli
Rodrigo Machado Prado
Rodrigo Rossoni
Rosiane Barcelos de Oliveira
Sandra Helena Pacheco Silva
Sandra Mara de Castro Alves
Sandro Mareio Fuzatto
Sandro Silva Martins
Sayonara Nunes Pereira
Silvaria Mara Ribeiro
Simone Carao Lucas

Sthetania Marti Rodrigues da Penha
Terezinha Jovita Coelho

Turma 1998

Ademir Pereira Da Cruz Júnior
Adriana Menezes Alha
Lívia Tallon Bozi:

"Parabéns ao curso de Comunicação! Já são 30 unos formando profissionais...e bons profissionais! As lembranças dos tempos da faculdade são as melhores, mesmo quando penso no que a gente enfrentava de pior. Os trancos e os barrancos foram superados e bem aproveitados com o apoio daqueles que até hoje mantém o compromisso com a formação de novos comunicadores. Que venham mais 30"

Alhenino Borges C. dos Santos
Alessandra Bruno de Assis
Alessandra Peroni
Alessandra Rodrigues
Alexandre Damázio da Silva:

"Sinto-me honrado de ter cursado Comunicação Social na Ufes. Lembro com carinho de professores como Ismael Thompson e Tânia Mara, pessoas que, sem dúvida, contribuíram e muito para o meu crescimento profissional e pessoal Parabéns a Ufes. Parabéns a todos os que passaram por lá."

Alexandre de Jesus Serafini
Ana Paula Costa Mill
Ana Paula da Silva Bonella
Ana Paula Lopes Alcântara
Anderson Antônio Andreata
Anderson Gonçalves
Andreia da Silva Lopes:

"Vivi intensamente meus quatro anos de Ufes. O campus de Goiabeiras foi uma segunda casa para mim e os amigos que conquistei lá até hoje são minha segunda família. Lembro muito do RU, onde eu almoçava e jantava todos os dias (acreditem!), e das festas alternativas do DCE e do Centro de Artes. Eu senti cada pedacinho da Ufes. Percorria aquele campus tirando fotos para David Protti, fazendo matérias para Ruth Reis no Primeira Mão, onde pela primeira vez tive a oportunidade de ser editora. Foi na Ufes que eu amadureci e me dediquei ao sonho de ser jornalista."

Andrezza Kamille Régis
Breno Áreas Moraes
Bruno Martins Ribeiro Bastos
Carine da Silva Cardoso
Caroline Baptista Polese:

"Entrei na Ufes em 1994, início do boom digital no País. Os computadores começavam a ocupar os espaços mais cobiçados das casas, empresas e Universidades, mas na Ufes e,

particularmente no curso de Comunicação Social, a tão sonhada substituição foi mais lenta que o desejado. Um episódio que marcou minha vida universitária foi o 'Enterro da Máquina de Escrever'. Um grupo de alunos saiu pelos corredores da Ufes carregando várias máquinas do laboratório de Jornalismo, cantando músicas de funeral e pedindo a instalação de computadores. Chegamos a cavar um buraco e a enterrar, literalmente, as máquinas. O episódio, simbólico para a ocasião, rendeu uma enorme confusão com a segurança interna e com a coordenação do curso, que nos obrigou a limpar os equipamentos e utilizá-los por um bom tempo, até que os computadores chegassem."

Cristyan Karla Nogueira Leal
Débora Magna Vicentini
Deyvison Longui Batista
Edna Fadlalah Bernardo
Elisa Aparecida Leite Quadros
Erika Fabiana Almenara Silva
Fabiana Moreira Junquillo
Fabiola Giuberti Bergi
Federico Nicolai M. Teixeira
Fernanda Barreto de Prá
Fernanda Bechara Castilho
Flávia da Silva Fernandes
Flávio Henrique Moreira Barros
Franz de Lima Machado
Gabriel de Freitas Frizzera
Giovana Rafael a B. de Rezende
Gleice Matos Bueno
Handerson da Silva Siqueira
Ingrid Schwartz Dias Duarte
Jobson Lemos Batista
Kátia Cristina Moreira
Kelly Ramos Espicalsky
Kênia Pinto Horsts
Leila Coimbra de Souza
Leonardo Ribeiro de Oliveira
Leonelle Lamas Silva
Leonencio Nossa Júnior
Luciana Barbosa Regattieri
Luciana Bricio
Luciana Miranda Lima Barcelos
Ludmila Rigo de Mendonça
Luiz Alexandre Lellis Mees
Luiz Gastão de Andrade Freitas Pacheco
Marcela Lopes Ferreira
Marcelo Pereira da Vitoria
Marcelo Silva dos Santos
Maria Paula Venturim Cosate
Mariana Cabral Nogueira de Sá
Monia Eller
Naira Almeida Scardua

Nara Falqueto Caliman
Nataly de Souza Lucas Ribeiro
Raquel Lucena Paiva
Renata Barros Souza
Renata Rasseli Zanete:

"Lembro-me até hoje da fila de matrícula. Foi lá que conheci minha grande amiga até hoje, Andreia Lopes. Dali pra frente, foram quatro anos de aprendizado. Não só na sala de aula, mas na cantina do CCJE, nas festas nas repúblicas dos colegas que vinham do interior, nos famosos seminários (aliás, foi num deles que conheci o André Hees, meu marido) ... Enfim, não foi só um diploma que levei da Ufes, mas muitos amigos e grande parte da minha história."

Renato Pereira da Costa Neto
Renee Emiliane B. da Silva
Ricardo Bromerschenkel
Sidney de Freitas
Silvanna Borges de Sousa
Tárcia Fernanda Cora
Rocha Tatiana Martinelli Loureiro
Ulla Milla Lopes Iacono
Valéria Cristina de Sousa
Victor Reis Mazzei
Vinícius João R. de C. Jorge
Viviam Cutrim
Weber Kirmse Caldas

Turma 1999

Adriano Trigo Lopes
Alessandra Fornazier:

"Saudade . É a melhor palavra para definir o que sinto em relação ao curso de Comunicação! Apesar de todos os inúmeros problemas, como falta de professores, greve, falta de recursos para uma melhor aprendizagem, foi lá que aprendi algumas das coisas que hoje utilizo na profissão (não todas, é claro, muitas delas aprendi na prática diária do Jornalismo). Mas o melhor de tudo mesmo foram os amigos que fiz na sala de aula, nos diversos períodos, entre os professores e as pessoas em geral que realmente me marcaram."

Alessandra Martins Toledo
Álvaro de Vargas Ferreira Filho
Ana Laura Nahas
Ana Paula Garcia Barros
Ana Paula Rodrigues Moraes
Ana Paula Folha Simões
André Luiz Morena da Gama
Andréa Alves Moreira
Andréa de Araújo Pena

Aracely Aparecida Cometti
Camila Krohling Colnago
Carlos José Ribeiro Magre
Carolina de Carvalho Veiga
Christiane Valeria M. Rodrigues
Claudia Andrade Judice
Claudia Moreira Rangel
Cláudio Renato Zapala Rabelo
Cristiane Simões Ferraz
Denise Consuelo A. dos Santos
Denise Gonring
Edson das Chagas Júnior
Eduardo Marques Porto Sá Pinto
Eduardo Vieira Rabello
Elaine Cristina Ferreira da Silva
Emmanuelle Gama Tessinari
Erly Milton Vieira Júnior
Evaldo Salera Faria
Fernanda Casagrande Martineli
Fernanda Porcaro
Fernanda Rasseli Pretti
Fernando Cezar Gonçalves Laranja
Franciane Barbosa
Frederico Gimenes Leal Silva
Gisselle Zordan de Carvalho
Guilherme Espíndula da Rocha
Gustavo de Oliveira Mendonça
Gustavo do Carmo Tristão
Gustavo Pontes Barreira
Hélio Roberto do Nascimento
Hervacy Brito
Jacques Douglas Mota
João Carlos Cristo Coutinho
Joelma de Riz
Jorge Porcaro
Joubert Jorge Jaccoud Júnior
Juliana Vieira Motta
Júlio César de Oliveira Valcntim
Jussara da Silva Baptista
Kamile de Almeida Guariento
Karina Guimarães dos Santos
Karina Heid Rocha
Katuscia Rocha Wilcki
Kelly Matosinhos Cardoso
Leonardo José Gomes Kolaga
Lúcia Aparecida Paraíso Carvalho
Luciana Cristina Pereira

Luciana de Oliveira Colodete
Luis Augusto Tauffer Filho
Luis Fernando Taylor de Carvalho
Maira do Vale Machado
Manuela Bremer Severo
Manuela Ferreira Nunes Pereira
Marcela Pimenta Pavan
Marcela Tessarolo Bastos
Márcia Monteiro Rocha
Marcos Ferreira Santos
Marta Moreira
Martha Bonadiman **Abrão**
Maurício Barbosa e Castro
Mauro Fábio Monteiro Vilela
Michelly Lauer Fernandes
Monia Lavra Vignati
Mânica Cavarra Bortolon
Nelson Soares Pereira Júnior
Neusa Cristina Vinc Boldt Berger
Palova Souza Brito:

"Brasiliense, estudei Jornalismo na Ufes de 95 a 99. Guardo boas lembranças de alguns colegas, que tenho contato até hoje, e alguns professores que foram realmente mestres, contribuindo para minha formação profissional, entre eles, Alexandre Curtiss e Irmo. Não posso esquecer das aulas que não tínhamos e acabávamos sentados no Centro de Vivência. Ou das aulas 'enforcadas', em que íamos discutir papos 'cabeça na rua da Lama. Voltei para Brasília com boas recordações da vida acadêmica que tive na Ufes."

Patrícia Becalli Salume
Paulo Roberto da S. de Souza
Paulo Roberto Silva Volpato
Plínio Uhl Vieira
Renato Simões Pimentel Avelar
Ricardo Eduardo Albert
Roberta Pechinho
Robson Santos Barros
Rúbia Kelly Dela-Fonte Durval
Sérgio Denicoli dos Santos
Sizue de Freitas Itho
Thaiz Queiroz Sabbagh
Valeria Calmon Soeiro Semeraro
Vanessa F. Espírito Santo
Yasmine Hofmann Rodrigues
Zeliane Sacramento de Oliveira

Turma 2000

Alessandra Dopazo Gomes da Silva
Alessandra Secchin Marques
Alessandro Vinícius Duque Mota
Alexandro Celestino Xavier de Souza
Alexsandro de Oliveira Pereira
Aline Rezende de Almeida Lima
Ana Cristina Murta
Andressa Dambroz Lirio
Camila de Melo Baptista
Camila Malacarne de Souza
Carlos Manoel Benedito Vasconcelos
Caroline Rossi Tardin
Claudia Nicoli Bergamin
Cristiano Amigo Vidal
Cynthia Brandão da Costa
Daniel Rodolfo Tristão
Daniele Tònoni Bolonha
Daniella Ardito Sanchez
Délio Freire Rocha
Diego de Resende Paredes
Edson Fernando Dalmonte
Edson Pereira dos Santos Júnior
Eliete Alves Nascimento
Elisa Junko Fujii
Érico Miranda Coutinho
Fábio Gomes Gouveia
Fábio Luiz Malini de Lima
Fernanda Couzemenco Ferreira
Fernanda Guimarães de Albuquerque
Fernanda Portela Alves
Fernanda Zoboli Dalmácio
Flávia Coutinho Rodriguez
Flávia Meneguelli Ribeiro
Flávio Sarcinelli Neves
Gabriela Egito Soares
Geórgia Nader Fafa
Gilberto Marques Martins
Gleberon Coutinho do Nascimento
Gustavo Tenório Pinheiro
Jair Rodrigues Altoé Filho
Janaína de Assis Barbosa
Joel Vieira Júnior
Josy Anne dos Santos Mariano
Julieta Magda Rodrigues Leonor
Karine Nobre Bragio

Karyna Amorim Gonçalves
Kathia Natalie Gomes
Katia Maria Corrêa de Carli Ramos
Larissa Beatriz Lamego
Larissa Regina Machado e Silva
Luciana de Assis Gama
Luciana Faria Raymundo
Ludmila de Carvalho Ferreira
Luis Paulo de Sá Barboza Pereira
Luiz Gustavo Cheluje
Maita Ferreira Silva
Manoela Vieira de Carvalho
Marcela Bergamine Lodi
Marcelo Domingos dos Santos
Márcio Machado Martins
Marcius Gomes Cardoso
Marina Claudia Cunha
Mario Augusto da Silva Bonella
Marisol Salles Barbosa
Melissa Bravin Setúbal
Michelle de Almeida Bissoli
Paula Mattos Araújo
Paula Rubia Lubiana Lacerda
Pedro Bullos A Umenroeder
Radanezi Marcelo Figueira de Amorim
Renata Germello de Almeida
Renato Gonçalves Vieira Filho
Rodrigo Alves de Araújo
Rodrigo Linhales
Rodrigo Rosa Miranda
Ronaldo Luiz Cassunde
Sandro Campanha Scardini
Solange Barros de Alcântara
Taísa Alves Quadros
Tatiana Gava Presoti
Thaiz Vieira Moraes
Tiago Nogueira Felsky
Urbano Barros Pereira
Virgínia Jorge Silva Rodrigues
Wolmyr Aimberê Alcântara Filho

Turma 2001

Adriana Piazzarollo
Adriana Souza Ribeiro
Amanda Miranda de Melo
Ana Paula Herzog Simões

Ane Araújo Ramaldes
Augusto Drumond Moraes
Augusto Fernandes Lemos
Bruno Athayde Soares
Bruno Fae
Carolina Teixeira Ribeiro
Caroline Rodrigues Ferreira
Célia Cristina Velozo
Conrado Tadeu Melo Piccin
Cristiane Altoé Carvalhido
Daniel Galvão Simões:

"Passei bons anos da minha vida dentro da Universidade Federal do Espírito Santo. Bons em todos os sentidos, até naqueles nem tão bons assim. Entrei no curso de Comunicação Social para fazer Publicidade, acabei jornalista. No curso de jornalismo aprendi muita coisa, e aprendi muito, também, na convivência diária com a comunidade universitária. O curso de Jornalismo formou-me um profissional. A Ufes ajudou em minha formação para a vida. Acredito que unir, em um mesmo espaço geográfico, estudantes dos mais variados cursos e das mais diversas regiões seja um dos grandes sentidos de uma Universidade. Eu consegui tirar proveito disso. Fiz amizades que hoje são médicas, advogadas, economistas, sociólogas, artísticas... Plantei e estou colhendo amizades na Grande Vitória, no interior e por aí, por esse país. Essas relações interdisciplinares e intergeográficas (é um neologismo) acabam ampliando nossa visão sobre o mundo, enriquecem nossa percepção e nos fazem sentir mais inseridos na sociedade plural em que vivemos. Que os universitários de hoje possam tirar proveito da oportunidade que estão tendo de conhecer pessoas dos mais variados cursos, dos mais diversos lugares, com as mais diferentes idéias. Que isso possa tomá-los mais preparados para o mercado de trabalho e, principalmente, para a vida."

Danielle Claudino de Freitas
Danielly de Souza Campos
Danielly Pereira da Silva Medeiros
Dulciane Florêncio Vieira
Eliana Lopes Teixeira
Elisa Rocha Rangel:

"'Tempo bom, não volta mais'. E com esse trecho de música que me lembro dos quatro anos que passei nos EDs da Ufes. Seminários para apresentar, provas (não muitas) para fazer, discussões calorosos sobre assuntos polêmicos. Foi um tempo muito bom que infelizmente não pode mais voltar de forma real. No entanto, sempre volta em pensamentos quando, em momentos como esse, lembro dos pequenos detalhes que vivemos juntos, sejam eles regados de riso ou choro, e que me ajudaram a ser hoje uma profissional do mercado de trabalho."

Elisângela Bello Pereira
Érika Souza Campagnaro
Evelyn Trindade da Silva
Fabiana Kristina Franzini Chagas Barros
Fabiana Tostes de Souza
Fábio Baeta Nassif Moreira
Fernando Machado Júnior
Flávia Reis Renon

Flávio Dias Junqueira
Frederico Waehnelde Nunan
Gicelly Aparecida D. Oliveira
Giselle Costa Belinossi
Gláucia Regina Loriato do Nascimento
Gustavo Feu de Freitas
Gustavo Franchiani de Oliveira
Gustavo Pinto Herkenhoff
Hedder Bollivar de Freitas
Hélio Henrique Marchioni
Henrique Hamerski
Herhert Pablo Bastos
Ingrid Bastos Pagani
Jânio Luiz Malacarne
Jaqueline Daumas Felix
João Gabriel Albani
João Manoel Del Antônio Cajueiro
Jorge Moyses Monteiro
Jovana Moreira da Conceição
Júlia Gava Tedesco
Juliana Andrade Audi
Juliana Araújo Baptista
Leandro Neiva Loures Gonçalves
Leonardo Silva e Leite
Letícia Aquino Steinkopf
Letícia Baptista Polese
Letícia Barbosa Nóbrega
Letícia Vanzo
Lívia Coelho Gonçalves
Loureta do Nascimento Samora
Luciana Bicalho Pereira
Luciana Guerra Arantes
Luciana Prata Borges
Luciano Baitella de Oliveira
Luciano Santos Nascimento
Luziane Cristine C. da Silveira
Maira Pires Cabral Piccin
Maira Pizetta Dias
Manaira Frota de Abreu
Manuela Bergamim de Oliveira
Mara Lúcia Lira
Marcella Silva de Andrade Sucupira
Marcus Augusto Bernardes Barbosa
Mariana Rivero Araújo Silva
Mariana Siqueira Campos
Mauro Lúcio Nascimento
Melissa Barbosa Peixoto
Nadia Caus de Souza

Nathalia Torezani Silva
Neyla Tardin
Noelma Polesi da Silva
Paula Fernando Duarte
Paula Vieira Moura
Pedro Paulo Flores Marques
Priscila do Nascimento Alves
Rafaela Sihien Marquezini
Raquel Cotta D'Ávila
Raquel Massete Trevezan
Renata Alves de Oliveira
Renata de Rezende Ribeiro
Renata Lopes do Nascimento
Renata Martins Nascimento
Renata Saavedra Castro
Renato Liberato
Rodrigo Gerhardt
Rodrigo Rangel Costa
Samira Maria Ferreira Pinto
Sandra Márcia Xavier Tavares
Silvio José de Alencar
Simone Aparecida Devens
Suzana Capute Toscano
Tadeu Harckbart
Taiane Luz Bouhou
Tatiana Esteves Rabelo
Tatiana Hofacker Wuo
Tatiane Loureiro Godínho
Tiago Pinheiro Teixeira
Valesca Silva de Monteiro
Vandique Santos de Souza
Vaney Nascimento da Cunha

Turma 2002

Ademar Possebom Pessini Júnior
Alessandra Bastos Barboza
Andressa da Silva Freitas Branco
Andrey Junca Gonçalves
Aracele Lopes Mesquita
Belchior Monteiro Lima Neto
Brauna Vilaça Conti
Bruno Cola Greggio
Bruno Marreco Weigert
Bruno Saiter Zorzal
Camila Bezerra De Carvalho
Caroline de Marchi Pignaton
Clauher Santos Guterres
Cynthia Morais Santos

Danielle Frinhaní dos Santos
Darcy Anderson Daltio
Erica Cristina Lage da Silva
Evandro Denzin
Fabiano Júnior Coelho Moreno
Fábio Gomes
Fábio Martineli
Fabrício Brandão Arnorim Oliveira
Fernanda de Oliveira Koehlert
Fernanda Oliveira Brunoro
Fernando Gasparini:

"No vento do tempo, urna paragem. As lembranças estão vivas na memória, no entanto, nada que caiba na velocidade de um lead. Ao tentar olhar para trás, as sensações de um passado nem tão distante se alvoroçam, se ampliam nos pequenos detalhes. Qual será a manchete? O fato mais importante? Não foram somente os filmes do Metrópolis, os guaiamuns e gambás, nem os jardins ornamentados em épocas de eleição. Também não foram os livros espalhados entre as árvores, as tardes imensas na biblioteca, o restaurante que me servia o almoço e o jantar, as aulas imperdíveis (poucas essas), a mudança para a capital. A apuração deve levar em conta os computadores quebrados, os debates cancelados, os professores ruins, os professores ótimos - Joel Soprani foi um deles — e o jantasma da privatização. De repente, ao léu pelas estantes, um livro inesperado cai à mão, uma aula que se perde, um caminho involuntário. Coisas boas e ruins. A Ufes foi uma passagem sem volta, um itinerário de ida, wna cicatriz ainda sem a síntese da notícia."

Flaviano Caetano Pereira das Posses
Gracielli Duarte Teixeira
Ingrid Cristina Ferreira
Janaina Serra da Costa
João Manuel Comério Vieira
Joelson Silva Ribeiro
José Alves de Almeida Sobrinho
José Carlos Braz Machado Ramos
José Cláudio Tavares de Arruda
Juliana Silva Prado
Karla Milene Barcelos Lima
Karla Monteiro Sanches de Moraes
Kate Amélia Carregosa Parker
Leonardo Coutinho Pereira
Leonardo Santos e Silva
Letícia Canceglieri Lamberti
Liandra Zanette Tavares
Liliane Moreira Ramos
Lizandro Nunes Machado

Luciana Marquesini Mongim
Maira Mansur Martinello
Manuella Siqueira Romeiro
Marcello Francisco Miranda
Marcelo Ferreira Braga
Márcio Fernandes Merlo
Marcos Antônio Sacramento de Oliveira
Martha A. Sarmento Cavalcanti
Melissa Luchi
Melissa Stelzer de Figueiredo
Pablo de Castro Araújo
Paola Pinheiro Bernardi
Patrick Muniz Reis
Paula Denti Adnet
Pedro Mario de Augusto Costa
Rafael Gama e Dasilio
Rafael Tuguio Almenai.i \ndaku
Reia Sílvia Gonçalves Peicira
Renata Oliveira Lacerda
Ricardo José de Souza
Rodrigo Daher Ferreira Sales
Rodrigo Neppel Coutinho
Sheila Machado Gomes
Sophia Eugenia Arruda B. Soares Brandão
Thais Cristine Krischer
Valesca Endringer Paiva
Vanessa de Moraes Ribeiro
Victor Perin Ribeiro

Turma 2003

Ana Paula Miranda Costa
Christina Helida do Nascimento
Daniela Canicali Martins Pinto
Danielly Dos Santos Magioni
Denise Gomes Klein:

"Passar pela Ufes foi uma bela experiência. Não só por ter ouvido falar em lead, pirâmide invertida, Freud, Marx, Cliateaubriand, Mauro Wolf e Escola de Frankfurt. Mas pelos amigos que fiz- Valeram o trote, a Empresa Júnior, o almoço do RU, as greves, as conversas ria cantina, as horas na biblioteca, as tentativas de gravar uma passagem para TV, a tensão na hora de apresentar a monografia e a valsa do baile de formatura. Agora, é só saudade."

Evie Ferreira Costa Negro
Fabrícia Kirmse Caldas
Gabriel Menotti Miglio Pinto Gonring
Gabriela Rolke
Gilliard Zuque da Fonseca

Gisele Arantes Valladao de Azeredo
Iara Xavier Carvalho Silva
Isabela Sampaio Nucci
Joanna Mucelli Ferrari
Luciana do Couto Ferreira
Luciane Fassarella Agnez
Luiziana Flavia Moraes do Carmo
Maxieni Muniz de Souza
Olivian Carlesso Trassi
Paula Grilo Lima
Paula Stange Rosi
Patrick Preto:

"Ufes da Estação 992, do Guaiamum de Blair, das sinucas, das malditas xerox's, da urinada da Minie e a leptosprose, das resenhas, dos filmes, das Cíntias, do planeta onde todos andavam de cabeça pra baixo... Da liberdade, da flexibilidade, dos trabalhos (práticos e divertidos), das amizades, da lagoa, do casamento com Rinaldo, das cervejas, das músicas, apresentações em grupo, individuais, dos professores ruins, dos fodas... 'Cada coisa'..."

Rafael da Silva Paes Henriques
Rubia Marchetti Trevizani
Tarcísia Zavarize Minette
Thiago Zanetti de Barros
Vera Entringer Ferraço
Viviane Veronez

Casos extras

A Pró-Reitoria de Graduação não forneceu a lista dos formandos de 2004, mas incluímos os depoimentos recebidos.

Almir Thiago Casagrande Pagotte:

"Estudar na Ufes foi muito mais que um aprendizado e. a busca por uma profissão: foi um desafio. Desafio de lidar com o processo de sucateamento das universidades públicas, com as diferentes mentalidades e interesses e com o processo de aprendizagem em si. Apesar de tudo, não trocaria esta experiência por nada, pois foi inesquecível e enriquecedora para o meu crescimento profissional e pessoal."

Thalles T B. Zaban:

"Fiquei seis anos na Comunicação, e fiz os dois bacharelados. Por isso, muita gente já me perguntou o que achei do curso, se vale a pena fazer os dois (Publicidade e jornalismo) e coisas afins. Particularmente, acho que o grau de aproveitamento é diretamente proporcional à quantidade de vinho vagabundo que se consome. E como aproveitei bastante, recomendo o Ballardín tinto e seco. Abraço a todos."

Depoimentos de alunos que estudaram, mas que não se formaram na Ufes:

Jesus Miguez:

"Minha passagem pela Ufes foi excepcional. Nunca aprendi tanto na minha vida. Vivi intensamente cada dia que passei na escola. Apesar de todas as limitações estruturais, consegui amadurecer pessoal e profissionalmente nesse período. Obviamente, o fato de ter tido a possibilidade de frequentar redações, ainda estando na faculdade, somou para isso. O que posso contribuir para as novas gerações de formandos é oferecer-lhes o meu testemunho de que o aproveitamento do período universitário vai depender do grau de interesse de cada um em deixar a sua marca por onde tenha ou venha a passar. Eu e meus companheiros (as), em nossa permanente inquietude intelectual, mexemos com a Universidade no período em que vivemos nela. Acredito que para o bem da instituição, pois o mundo universitário tem de ser encarado como um laboratório de experiências que possam ser interagidas com a sociedade."

Edlamara Conti:

"Entre no curso de Comunicação Social da Ufes em 1985, com 17 anos de idade, toda a energia característica da fase e uma visão de mundo muito restrita. Foi na faculdade que comecei a descobrir novos amceitos, a identificar estilos de vida diferentes do meu e a exercitar o respeito e a aceitação pelo outro. As infundáveis discussões em sala de aula — estávamos no primeiro governo civil depois de 20 anos de ditadura militar —, as difíceis leituras em disciplinas como Antropologia Cultural e Psicologia Social, a alegre convivência nas caitinas e no RU me possibilitaram descobertas que me serviram de base no exercício de minha carreira como jornalista, que completa 13 anos."

"Superfantástico"

Cristiane Bhise e Gabriela Knoblauch

Este capítulo é dedicado ao Balão Mágico, movimento estudantil que ultrapassou os limites da comunidade acadêmica da Ufes, gerando polêmica na sociedade capixaba na década de oitenta. Relembramos as principais ações, acontecimentos e idéias de um movimento que, a partir dos alunos do curso de Comunicação Social, se espalhou por todo o campus universitário.

O contexto histórico, a reação do corpo docente e discente da Ufes e a abordagem dada ao grupo pela Imprensa são alguns dos aspectos analisados. Nesta viagem ao passado, entrevistamos professores, alunos e o então reitor, José Antônio Saadi Abi-Zaid, protagonistas de um momento indelével na história do curso. Mais de vinte anos depois, as marcas do Balão Mágico ainda resistem.

Como tudo começou

No curso de Comunicação Social, o Balão Mágico corresponde à turma de 1983/1- Contudo, não é possível saber ao certo quantas pessoas aderiram ao movimento, até porque alguns participavam de ações diretas, outros eram apenas simpatizantes.

Destaca-se que o grupo ganhou proporções inesperadas, com a adesão de alunos de diversos cursos, dentre eles, Medicina, Artes e Engenharia. A Ufes ficou dividida entre os que apoiavam e os que eram contra o Balão. O movimento ganhou expressão e destaque na mídia capixaba, principalmente, quando a professora do Departamento de

Artes Telma Guimarães aderiu à turma. "O movimento disparou o debate crítico sobre os desempenhos e as responsabilidades da Universidade, da imprensa, do cidadão e dos poderes públicos", ressalta professora, que está aposentada.

Segundo artigo de Telma Guimarães, publicado no jornal A Gaveta, em dezembro de 1987, os nomes mais destacados do movimento eram Alex A. Krusemark, Antônio Carlos Quinelato (Tuniquinho), Cléber Carminati (Zocra), Eduarda Bimbats, Ernandes Zanon Guimarães, Franklin Pereira Neto, Gleciara Ramos, José Antônio Chalhub Filho, Juvenal Carneiro de Souza, Luiz Antônio França (Mineirinho), Marlécio Mattos, Marta Campos, Mauro Paste, Paulo Sérgio Souza (Soco), Sérgio Falleiro, Sérgio Medeiros, Rita Vasquez, Ronaldo Oakes, Rosângela Cristina Bimbats (Nina), Sandrinha Sarmiento, Sáskia Sá, Suely C. Soares e Valdir Sarmiento (Dida).

Ainda de acordo com o artigo, mais tarde teriam aderido Adelson Caliarri (Canarinho), Clélio Paschoal F. Pablos (Peninha), Iedo Coelho dos Santos, Márcia T S. Freitas, Marco Antônio R. de Oliveira (Mac), Rodrigo Giuberti, Ricardo N. Coutinho e Rosana Paste. Também teriam participado de alguma forma Cláudio Bugarelli, Denilson O. Reis, João Barreto, Jorge Luiz Alves, Lando, Moacir S. Martins, Flávia Maioli, Nena B., Valmir Fioroti e Viviane Mosé, dentre outros.

O batizado

A Turma do Balão Mágico foi precedida por um movimento contestatório conhecido como Grupo do Ócio. Alguns alunos da Ufes, principalmente do curso de Artes e Arquitetura, reuniam-se frequentemente entre as pedrinhas, perto do Restaurante Universitário, adotando formas irreverentes de protestar contra a estrutura da Universidade. "O Grupo do Ócio juntou pessoas que estavam descontentes com os partidos políticos e com o ensino pedagógico da Ufes", afirma José Antônio Chalhub, ex-integrante do Grupo do Ócio, do Balão Mágico e, atualmente, arquiteto e professor. (Confira, também, o sétimo capítulo)

Era o ano de 1983. Mais uma turma de 40 estudantes entra na Ufes para cursar Comunicação Social. Logo no primeiro período, eles assistiam às aulas de Teoria da Comunicação I, ministrada pelo professor do Departamento de Ciências Sociais Domingos Freitas Filho.

"O Domingos ministrava as disciplinas de Teoria I, II e III. A disciplina trazia teorias críticas, questionamentos, uma formação hem marxista. A turma começou a ter problemas com o Domingos, porque ele ministrava as aulas de uma maneira muito autoritária. Em Teoria da Comunicação I, tivemos problemas com o Domingos, mas ele acabou passando todo mundo de ano. Já em Teoria II, tínhamos que desenvolver um projeto de pesquisa para ser executado em Teoria da Comunicação III", destaca o ex-integrante do Balão Mágico e atual professor do Departamento de Comunicação Social da Ufes Cléber Carminati.

Embalada pelo movimento de abertura política, é no segundo semestre de 1983, na disciplina de Teoria da Comunicação II, que a turma de Comunicação Social 1983/1 começa a questionar o que chamava de autoritarismo, principalmente na aula do Domingos Freitas. "O meu grupo, com 17 alunos, apresentou como trabalho final da disciplina de Teoria da Comunicação II o Projeto Manifesto, que não condizia com os moldes propostos por Domingos. O projeto buscava o questionamento, a pesquisa como transformação. Foi então que o Domingos achou o projeto um absurdo. Nos chamou de alienados, disse que éramos uma geração mal acostumada com a televisão e nos comparou com o grupo infantil de sucesso da época: o Balão Mágico, formado pela Simoni, Jairzinho...", lembra Cléber.

"A denominação do grupo foi imposta por um professor do Departamento de Ciências Sociais das disciplinas de Teoria I, II e III no período em que nós resolvemos assumir o estigma e trabalhar nele", declarou o ex-integrante do Balão Mágico, que atualmente trabalha na secretaria de Cultura da Serra, Ernades Zanon, para a matéria A Desobediência Civil na Ufes, publicada no jornal A Gazeta, no dia 30 de abril de 1986.

No final do período, Domingos Freitas reprovou os 17 alunos que assumiram o Projeto Manifesto. Estabeleceu-se um clima de tensão entre os alunos e o professor. Com isso, o Departamento de Comunicação foi obrigado a abrir outra turma para que esse grupo fizesse novamente a disciplina de Teoria da Comunicação II, com outro professor.

"Ele não podia mais dar aula para o nosso grupo, porque assumimos uma briga com ele. O Balão Mágico, então, surge dentro de sala de aula, questionando essa relação professor-aluno. Aos poucos, ganhamos uma abrangência maior, mais anarquista", enfatiza Cléber.

Domingos Freitas Filho, professor aposentado da Ufes e um dos criadores do curso de Comunicação Social, argumenta: "Era um grupo asqueroso. Alunos pretensiosos e metidos a artistas e filósofos. Não gostavam de ler. Não estudavam. Apenas se reuniam para protestar, mas não tinham o menor conteúdo ou embasamento para o que diziam ser os seus objetivos. Você certamente já ouviu falar em adolescência retardada. Esse era o caso. Além de não gostarem de estudar, eram bastante veementes nas críticas aos professores e à instituição. Eles queriam imitar o movimento estudantil de 1968, mas não tinham o mesmo background. Era o protesto pelo protesto. Alguns até se diferenciavam no que diz respeito à leitura, mas a maioria era mesmo grupinho de indivíduos carentes alojados dentro da instituição. Como a pressão deles nunca fez qualquer efeito sobre o meu modo de agir profissional, eles me marcaram bastante e me encheram o saco. Nossos conflitos só terminaram quando me afastei para o meu doutorado na USP".

O professor confirma o batizado: "Parece que foi numa aula em que os alunos 83/2 iriam apresentar o projeto do final da disciplina de Teoria da Comunicação II e não estava de acordo com os moldes propostos e então surgiu uma discussão, aí surgiu o apelido. O nome Balão Mágico foi realmente atribuído por mim. Me lembro que nessa época a Rede Globo apresentava um programa infantil com esse nome. E o grupinho da Ufes agia mais ou menos de forma parecida. Infantis, irresponsáveis, festivos, coloridos e às vezes irracionais. Eles eram ridículos, pobres de espírito, não gostavam de estudar, eram agressivos e pretensiosos. Espero que os mesmos já tenham mudado. Que tenham crescido e que tenham aprendido a estudar e pensar com um pouco mais de profundidade. Detestava-os em profundidade. Sinto náuseas só de lembrar".

Objetivos e ações

Ao contrário do que muitos pensavam ou pensam, o Balão Mágico não era só anarquismo, defendem-se os integrantes. Tratado por alguns como espaço de baderneiros sem qualquer propósito, o famigerado Balão Mágico tinha reclamações pertinentes e propostas claras, afirmam. Segundo

Cléber Carminati, o Balão pleiteava uma infra-estrutura mais completa, questionava o nível dos professores e a relação deles com os alunos. Além disso, reivindicavam mudanças no currículo do curso.

Os estudantes que formavam o Balão Mágico estavam preocupados em usufruir ao máximo o que a Universidade poderia oferecer. Por isso, passavam o dia inteiro no campus de Goiabeiras. Reuniam-se diariamente nas pedrinhas do campus, em frente ao RU. O local transformou-se em palco de reflexões, debates, criação de projetos culturais e, para alguns, até um lugar de festas e novas experimentações, como o uso de drogas.

Segundo a ex-professora da Ufes Virgínia Albuquerque, que atuava no Centro Tecnológico, a turma tinha um comportamento diferenciado do padrão social. "Houve muito folclore em torno das ações, mas havia, sim, uma liberalização dos costumes entre os integrantes do movimento. Tinha aqueles que fumavam maconha e outros não. A reunião do Balão Mágico não foi por causa de droga. Eram pessoas inteligentes, produtoras, com um olhar para o passado sempre na direção do futuro, viam o mundo em ruínas e isso era por causa do que estava estabelecido. A idéia era balançar e criar algo novo", ressalta Virgínia.

Já Antônio Chalhub relembra que os alunos da Ufes, em geral, não apoiavam o movimento. "Nós andávamos com roupas rasgadas. Isso era um estigma de drogado, prostituído. A única que nos apoiou foi a professora Telma, e ela pagou por isso. Os alunos queriam tirar a gente de lá, das pedrinhas. Fazíamos fogueira, apresentações de grupos de música, performances, happenings. Alguns usavam drogas mesmo. As mais comuns eram chá de trombeta, de cogumelo, haxixe, ácido. A cocaína veio depois... não era muito conhecida. Se rolava sexo nas pedrinhas? Só à noite...", afirma o arquiteto.

Era a liberdade da década de oitenta. Os jovens influenciavam-se por cantores como Cazuza e grupos musicais como o Barão Vermelho, Ira, Capital Inicial, Ultraje a Rigor, The Police e The Smiths. O movimento punk também foi importante para o Balão Mágico. Prova disso é que passaram a adotar um visual que fugia aos padrões. Andavam sempre em bandos com roupas rasgadas e rabiscadas por eles mesmos com grafites. "Assumimos a postura de uma anti-arte. O dadaísmo foi um dos movimentos que nos influenciou", confirma Cléber Carminati.

Vários foram os meios de manifestação artística: grupos de teatro, sessões diárias de vídeo na Biblioteca da Ufes, o cineclubismo, uma exposição de grafite na Galeria Homero Massena, além de espetáculos de dança, projetos de vídeos comunitários e oficinas de arte. Também ajudaram a levar, pela primeira vez, o Circo da Cultura para a Ufes. Segundo Carminati, "os professores, mesmo os que não concordavam com os nossos projetos, não tinham coragem de protestar. Muitos tinham medo".

"Happenings" — As performances que deram o que falar

O Balão Mágico foi ganhando proporções inesperadas. De um grupo inicial de 17 alunos da Comunicação Social, o movimento cresceu e começou a gerar polêmica com os seus "happenings" ou performances, como forma de criticar a sociedade e a Universidade. Um exemplo foi o dia em que os alunos de Comunicação Social fizeram uma marcha à Reitoria protestando por novas máquinas de escrever e câmeras de vídeo. O Balão Mágico estava lá para apoiar o movimento.

Alguns integrantes também cuspiam no chão, diante de pessoas que apresentavam uma opinião muito divergente em relação ao grupo, assim como invadiam as assembleias dos professores. Chegaram até a queimar provas dentro da sala de aula e a enrolar papel higiênico em

volta do RU para mostrar indignação com a comida. "Certa vez, Mauro Paste, um dos membros do grupo e aluno de Comunicação Social, defecou na porta do Departamento durante uma reunião. Quem acabou pisando foi o professor Carlos Eduardo Zanatta", lembra Chalhub.

Grafites - Uma forma de expressão

Entre as performances do Balão Mágico, destacavam-se os grafites, que eram uma das maneiras encontradas pelo grupo para protestar. Escreviam nas paredes frases libertárias como "Sorria ou não, queremos uma escola viva", "Merde Pour Vous" (Merda para vocês, em francês), ou até mesmo trocadilhos com o nome do reitor da época - "Abu-Zaid lembra Mec-Usaid" -, numa referência ao acordo feito entre o Brasil e os Estados Unidos na área da educação durante a ditadura militar.

"A Ufes era toda suja, mal conservada. Os grafites já existiam e antes as pessoas estavam se lixando para isso. Manifestávamos nossos comportamentos não convencionais ou pensamentos questionadores dos valores instituídos e impostos", afirma Telma Guimarães.

"A turma sempre andava junta. Espontaneamente eles diziam: 'Vamos pichar aquela parede ali?' A pichação era uma forma anárquica e radical de expressão para que se imprimisse a marca da liberdade. Era um grito que estava contido e que, a partir dos anos 80, foi revelado", conta Virgínia Albuquerque.

Rádio Pirata TX 107.3

Os "balonetes" chegaram até a fundar a Rádio Pirata TX 107.3, no ano de 1986. Com sede na cabine 8 da Biblioteca da Ufes e uma programação variada, a rádio permaneceu apenas 33 dias no ar. Além do Balão Mágico e dos alunos de Comunicação, estudantes de vários cursos da Ufes atuavam na emissora.

A rádio era escutada em bairros próximos à Universidade, como Jardim da Penha e Joana d'Are. Não havia censura, da parte dos estudantes, é claro. Qualquer aluno poderia participar de alguma forma. Uma das justificativas da rádio pirata era que os alunos precisavam de um veículo para praticar o radiojornalismo.

De acordo com Cléber Carminati, a rádio fechou após denúncias junto ao Ministério das Comunicações. "A Polícia Federal invadiu a rádio e passamos a ser monitorados. Começaram a gravar nossa programação e, então, a emissora teve que ser fechada. Nesse período, o reitor prometeu nos ajudar a ter uma concessão. Surge a idéia de ter uma Rádio Universitária. Eu, Ernandes Zanon, Mauro Paste e outros ajudamos a fazer o projeto pedagógico da Rádio Universitária que mais tarde adotou a nossa grade de programação", relembra.

Cidade Utópica

Para concretizar as idéias defendidas pelo grupo, a Turma do Balão Mágico dedicou-se a projetos como o de "Animação Cultural para Vitória Utópica através da Arte e da Comunicação para a Educação Social". Os objetivos do projeto eram:

- 1. Criar laboratórios de aprendizagem e prática do jornalismo livre;*
- 2. Intervir no processo social e se posicionar perante ele, com canal de comunicação alternativo aberto à população; e*
- 3. Promover uma integração verdadeira entre a Universidade e a comunidade, a partir de reportagens e matérias colhidas no dia-a-dia da sociedade e da divulgação da produção científica e acadêmica da UFES.*

O projeto Cidade Utópica começou a ser desenvolvido numa disciplina de graduação em Arquitetura pelo aluno José Antônio Chalhub e envolvia estudantes de vários cursos. Ao Departamento de Comunicação caberia criar o Jornal Universitário de Vitória Utópica e a Rádio-Livre.

Entre as várias produções culturais independentes articuladas pela Turma do Balão, estão aquelas realizadas no Circo da Cultura, instalado em frente à Biblioteca. Lá, os alunos promoveram, por exemplo, o primeiro Festival da Cultura da Universidade, o Fest-Ufes.

Os "balonetes" estavam sempre desenvolvendo trabalhos de pesquisa em vídeo. O grupo deu, inclusive, o pontapé para as produções culturais independentes na Ufes, como o filme Refluxo. Dirigido e produzido por Sérgio Medeiros, Refluxo foi o primeiro vídeo de estudantes da Universidade. O filme estreou em outubro de 1986, como parte da programação Mês do Cinema Brasileiro, no Circo da Cultura.

Refluxo tinha uma proposta condizente com a do Balão Mágico: trabalhar em prol de um aprendizado geral, com os atores sempre presentes em todos os processos de produção e finalização, aprendendo, exercitando. O projeto buscava transformar o panorama da produção audiovisual, implementando uma prática metodológica que abandonava o teórico e partia para o experimental.

Além disso, destaca-se a produção de outros vídeos, como Rendam-se, Terráqueos, de Antônio Chalhub, e Criaturas da Noite, dirigido por Virgínia Lima e Nenna B. O Balão produziu ainda peças como Meninos de Rua, que foi apresentado no Teatro Carmélia, e O Julgamento, apresentado na Mostra de Dança do Theatro Carlos Gomes.

O Balão na mira

O alvoroço causado pela turma do Balão Mágico foi tal que a Reitoria instituiu uma comissão de inquérito administrativo para apurar os responsáveis por danos ao patrimônio sob forma de pichações, invasões nas

salas de aula e agressões morais à autoridade administrativa e aos membros do corpo docente e discente da Ufes.

Os processos nº- 5.760/85-97 e 7.189/85-72, instituídos por portaria, na forma da lei, julgou os alunos do curso de Comunicação Social Cléber Carminat e Ernandes Zanon Guimarães e o aluno de Arquitetura José Antônio Chalhub. Os três eram acusados de liderar o Balão Mágico - os mesmos alegam ser infundada a ação, pois o movimento não tinha a intenção de formar líderes.

Segundo matéria do jornalista Cícero Peixoto, veiculada no jornal A Gaveta, do dia 30 de abril de 1985, participavam da Comissão de Inquérito Administrativo os professores Fernando Assis Ribeiro, Norberto Lima Sagratzki, Aroldo Limonge, Renato Viana Soares e o estudante Juvenal Carneiro de Souza. "No dia da reunião, chamamos o jornal A Gazeta e avisamos que iríamos fazer uma performance. Tinoco dos Anjos (então editor do Caderno Dois) mandou o jornalista Cícero Peixoto para cobrir o acontecimento. Ele ficou lá na pedrinha com a gente. Eu, Cléber e Ernandes nos vestimos de bruxos para recriar a Santa Inquisição. A gente chamava o grupo de "Comissão da Inquisição". Fomos fantasiados para a Reitoria e pichamos "Vá à merda" na parede da sala de reunião. Aleguei liberdade de expressão. Eu não tinha jornal, nem TV, só a parede da Universidade", relata Chalhub.

O ex-reitor José Antônio Abi-Zaid não tem certeza sobre a existência da comissão. "Acho que aconteceu uma comissão de inquérito para expulsar dois alunos. Não lembro direito o que aconteceu. Faz mais de vinte anos, quase. Mau elemento a gente não brincava, não. Porque o mal da Universidade era todo mundo ficar conhecendo o mau elemento e o bom aluno não ganhava nenhuma medalha", conclui.

Outro membro da comunidade universitária envolvido na polêmica acerca do Balão Mágico foi a professora Telma Guimarães, do Centro de Artes. Se por sua ligação com o grupo ou não - a

professora afirma que só entrou no movimento após a sua demissão -, em 11 de fevereiro de 1985, Telma Guimarães foi desligada dos quadros da Universidade.

O fato provocou protestos por parte de alguns professores da Ufes. Prova disso foi a carta da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Espírito Santo (Adufes), assinada pela presidente Elizabeth

Maria Caser, no dia 12 de março de 1985: "Solicitamos ao magnífico reitor a abertura do processo e a garantia de ampla defesa à professora Telma Maria de Assis Guimarães para que a educação artística no Espírito Santo se desenvolva num clima democrático e acompanhando, assim, a evolução dos acontecimentos políticos e sociais registrados em nosso país nos últimos anos".

"Não me perdoam por ter minhas próprias idéias. Não gostam da minha alegria; tentam prejudicar meu trabalho. Muitas vezes sinto-me boicotada pelo departamento. Alegaram cinco itens: corromper alunos, liderar alunos em movimentos predatórios, destruição do patrimônio público, drogas, desacato à autoridade. Fui demitida sem justa causa", afirma Telma Guimarães.

O processo também causou repercussões na Imprensa. O jornalista Amylton de Almeida, de *A Gazeta*, publicou no dia 09 de março de 1985 uma matéria intitulada *O processo Telma Guimarães: O reflexo da Ufes na história de uma demissão*. "Na verdade sua demissão já estava planejada e decidida: ela era um estranho no ninho da direita nervosa", escreveu o jornalista.

"Saiu no jornal" — O papel da Imprensa

Uns a favor, outros contra. Ao produzir matérias da polêmica Turma do Balão Mágico, a Imprensa atribuiu notoriedade ao movimento. O grupo ganhou expressão, principalmente, entre 1984 e 1986. Nesse período, o jornal *A Gazeta*, especialmente o Caderno Dois, trazia matérias quase que diárias sobre o grupo. As abordagens mais favoráveis vinham de jornalistas como Amylton de Almeida, Aldi Corradi, Cícero Peixoto, Magda Carvalho e Sandra Aguiar. Coberturas mais ácidas e críticas podem ser encontradas na Coluna Victor Hugo (*A Gaveta*), no *Jornal Em Pauta*, o então informativo oficial da Ufes, e na *Revista Grafiti*.

O fim do Balão

Para alguns, um movimento que imprimiu as marcas da liberdade dentro da Universidade. Para outros, muito esforço em vão. De fato, o movimento acabou à medida que seus integrantes foram concluindo seus cursos e seguindo outros caminhos.

"Depois, vimos que precisávamos terminar o curso. Em seis meses, resolvemos as pendências e todo mundo foi embora. Como éramos contra pegar pessoas sem formação e fazer lavagem cerebral, não tivemos discípulos. As opiniões de ex-alunos e professores da época divergem quando o assunto é o legado do movimento. A Universidade não se adaptou à ideologia proposta pelo Balão. O choque dos alunos que entram hoje não é de liberdade e sim de responsabilidade. Isso destrói a criatividade. Houve uma atrofia da Ufes. A grande culpa disso é dos professores. Eles não têm coragem de incentivar os alunos a buscar o espírito aventureiro, inovador. Em vão ou não, o movimento Balão Mágico é um expoente da história do curso de Comunicação Social, além de um ponto polêmico na cultura e na sociedade capixaba da década de 80", conta o arquiteto Antônio Chalhub.

"Era como um cogumelo saindo de algo podre. Hoje, a renovação que começou com o Balão se estendeu até à metodologia, à recepção dos alunos. A mudança foi feita pela entrada de professores mais jovens, com nova mentalidade. Alguns, inclusive, são ex-membros do Balão", pondera a ex-professora Virgínia Albuquerque.

"Seria banalizar o movimento não reconhecer nele a contribuição que deu para os nossos professores. Eu levei a sério aquelas brincadeiras e procurei questionar meu tipo de atuação,

pensando que eu não posso repetir o que meus grandes professores fizeram. O Balão me fez ser mais flexível", afirma Ismael Thompson, professor do Departamento de Comunicação da Ufes.

Histórias do Balão

"Meu querido professor", por Ismael Thompson

"Para os integrantes do Balão Mágico, o professor Domingos Freitas Filho era a personificação da ditadura. Ele tinha uma resposta para tudo. Tratava os alunos como se eles não soubessem de nada. Para permitir a entrada na sala, cobrava "ingresso": se o aluno não estivesse portando o livro que estava sendo usado em aula, não poderia entrar. Outro motivo de reclamação por parte dos alunos era o modo como ele tratava os estudantes durante os seminários. Caso julgasse o trabalho mal preparado, interrompia o aluno e dizia: 'Você, ZERO'. Ninguém suporta a sapiência máxima, a certeza máxima. Ele se colocava acima dos alunos.

Eu tinha 28 anos. Havia chegado da PUC com uma visão tradicionalista e isso gerou tensão na sala. A princípio estourei com os meninos do Balão Mágico, e perdi as estribeiras dando aula para o terceiro período, mas depois houve uma aproximação. Certa vez eu estava dando aula sobre sistemas de comunicação, comparando o sistema do nazismo com o do Brasil. Enquanto falava do contexto nazista, fiz referência à figura do soldado. Nesse momento, uma aluna levantou e disse: 'Eu não vejo nenhuma diferença entre professor e soldado'. Então respondi: depende do tamanho do cacete de cada um.

Arranquei gargalhadas de toda a sala de aula. Lembro que o Ernandes Zanon não parava de rir. Isso representou uma ordem para todos rirem, uma vez que ele tinha uma certa liderança na sala. Numa aula seguinte, alguns alunos ficaram de costas para mim. Eu chamei a atenção deles e fui muito duro. No fim da aula, sentei e conversei com eles. Pedi para falarem tudo o que quisessem. Anotei tudo e incorporei as sugestões. Queriam seminários, visitas... Então, repensei meu programa e terminei o semestre sem nenhum problema. Depois, lecionei novamente para eles, em outro período. Sem problemas. Posteriormente, me tornei simpatizante do movimento. Comecei a pedir aos meus alunos no fim do semestre para que apresentassem sugestões para a disciplina."

"O último dia de Pompéia", por Ismael Thompson

"Os alunos estavam descontentes com as aulas do professor da disciplina de Problemas Socioeconômicos Contemporâneos. Segundo eles, as aulas tinham um forte viés marxista. Quando o professor marcou prova sobre o livro que utilizava em sala, O Capital, os alunos integrantes do Balão avisaram que não fariam o teste.

No dia da prova eu estava passando pelo prédio do IC II e um colorido dentro da sala me chamou a atenção. Eu nem sabia do fato. Foi em 85 ou 86. Havia baldes vermelhos com velas acesas dentro, pichações, papel higiênico... Os alunos carnalizaram o local. Sobre o quadro havia uma faixa em que estava escrito 'Os últimos dias de Pompéia', remetendo à cidade italiana, destruída pela lava de um vulcão.

O professor entrou na sala como se nada estivesse acontecendo e distribuiu as provas. O Balão não fez a prova. Outros alunos fizeram o teste.

Um aluno, que não era daquela turma, mas cursava a disciplina, esperou que os colegas terminassem as provas. Depois, pegou o pacote e sumiu com as provas. Aquela avaliação foi cancelada."

"Almoço digno de rei", por José Antônio Chalhub

"Fui diretor cultural do Diretório Central de Estudantes (DCE), de 80 a 82. Em 83, fui eleito por uma chapa anarquista, composta por alguns membros do Balão Mágico. Nós a denominamos de "Chapa Monárquica". Meu cargo seria novamente de diretor cultural. Vencemos e no dia da posse do DCE combinamos que eu faria uma performance para renunciar ao cargo. Eu declamei um poema da Cidadã Utópica, um trabalho que estava realizando. Fazíamos performances com grupos de teatro. Nesse dia, nos fantasiávamos de rei, rainha, príncipe, duque... Realizamos um almoço solene, com castiçais, prataria, velas. Fizemos isso dentro do RU lotado, com o apoio do administrador de lá, o Miguelzinho. Ele era nosso amigo."

"Liberdade de expressão", por Virgínia Albuquerque

Eu era professora do Centro Tecnológico, um dos mais tradicionais da Ufes. Ministrava a disciplina de redação técnica para uma turma de mais ou menos 20 rapazes. Numa das aulas, não sei como surgiu o tema liberdade de expressão. Na hora, lembrei do Balão Mágico. Propus à minha turma que o grupo visitasse a sala para uma discussão e eles aceitaram. Os integrantes do Balão Mágico foram munidos de spray, giz de cera e muito papel higiênico. Quando entraram em sala, eles já começaram a se manifestar, pichando. Nem esperaram apresentação.

Assumi o risco de ter convidado o grupo e no fim da aula fui chamada, pois a sala ficou completamente pichada, exceto pelo teto, que eles não alcançaram. Eles me viram como uma porta de entrada para o centro que nunca aceitou a nossa posição. Isso me gerou uma inquirição sobre o meu comportamento. Queriam saber se eu tinha promovido ou induzido algo. Não era integrante, mas andava com eles. Gostava daquela movimentação no campus. Dei aulas de 1980 até 2001. As adesões eram por afinidade. Eu tinha afinidade com a professora Telma, com o Ernandes Zanon, com o Chalhub."

As opiniões sobre o Balão

"O Balão Mágico não pode acabar, pois ele nos defende quando precisamos de ajuda", declarou um segurança da Ufes, à época, para o jornal A Gazeta, em 30 de abril de 1986.

"É o QG (quartel-general) do Balão Mágico, uma 'gang' de jovens que tem agitado, ou melhor, infernizado a pacata vida daquela comunidade acadêmica e, principalmente, a do reitor", revelou Lam Shuk Yee, na Revista Grafiti, nel, em maio de 1986.

"Se as pessoas se sentiram agredidas, então atingimos o nosso objetivo, pois conseguimos manifestos de resposta. Provocamos o questionamento através da arte. Não acreditamos na violência física. O que há é a falta de informação geral sobre o Balão e o reitor tem ajudado muito a nos difamar", disse Ernandes Zanon, para a Revista Grafiti, nº 1, em maio de 1986.

"Não vou ficar discutindo sobre o Balão Mágico vinte anos depois. Dizem que foi até politicamente criado dentro da Universidade para atrapalhar minha administração. Eles nunca reivindicaram nada e protestavam por eles mesmos, mas nunca em prol de beneficiar um curso. Isso era feito pelos alunos decentes e professores", contou José Antônio Saadi Abi-Zaid, em entrevista às autoras, em 09 de novembro de 2004-

"Encontro de indivíduos estigmatizados por seus comportamentos e pensamentos divergentes na Ufes. Provocaram sempre grande repercussão e muito reacionarismo (inclusive com agressões físicas). Conseguiram, assim, o desmascaramento dos valores falsos que justificavam, tantas vezes, as ações violentas. Introduziram as discussões na Ufes e em todos os espaços possíveis. O Balão Mágico virou entidade, forma de atuação, filosofia, maneira de ser. Atuam em vários projetos", revelou Telma Guimarães, em artigo publicado no jornal A Gazeta, em dezembro de 1987.

"Nenhuma discussão de hoje poderia dispensar a Turma do Balão Mágico, ostensivamente mal-compreendida em Vitória. Na verdade, foi o único movimento contestatório desta década, nesta província Out of África. Acusa-se o movimento de radical, fascista, extrema-direita, etc. Como se a ditadura da época passada não tivesse existido. O que se deveria entender é que a Turma do Balão Mágico usa humor negro e ostensivamente contesta o projeto de Nova República, uma farsa intelectual que obriga as pessoas

a exercerem agora o papel de polícia, repetindo as mesmas teorias de 'valorização do ser humano etc', escreveu o jornalista Amylton de Almeida, na matéria O melodrama cultural e a fúria do 'Balão Mágico', para o jornal A Gazeta, de 25 de março de 1986.

Victor Hugo

Balão Furado

O conjunto **anacro-punk-tropical**, conhecido pela alcunha de "Balão Mágico", atualmente em incursões sorrateiras pela **Universidade**, é de uma musicalidade melancólica e lúgubre. Rapazes e moçoilas em flor da chamada **geração repressão**, projetam nas paredes das salas e muros da Ufes tudo o que aferrolharam dentro das suas cabecinhas privilegiadas, isto é, **borrões, rabiscos, pornografias**. Tudo isso sem qualquer sentido prático ou teórico. Uma graça. A filosofia é mais ou menos no estilo do não sou a favor sou contra e o negócio é

sujar. E certamente se adoram. As frases fariam corar de inveja James Joyce: neologismos, desenhos irrealistas e claro, sujeita. Preocupam-se com a pesca da baleia na Antártida, a influência da pulga nas correntes da Barra do Jucu, mas são incapazes de ler um livro sequer. Agora lançam uma campanha reiâmpago contra o **alfabetismo**. O slogan já foi escolhido: **Ser burro é o maior tchan**. Ainda bem que são absoluta minoria, e cada vez mais, jovens inteligentes e cultos, buscam na **Universidade** um espaço para seu crescimento.

Coluna Victor Hugo, jornal *A Gazeta*, 22 de março de 1986

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

EDITAL DE NOTIFICAÇÃO

O Professor Fernando Assis Ribeiro, Presidente da Comissão de Inquérito Administrativo — Processos n^{os} 5.760/85-97 e 7.189/85-72, por Portaria na forma da Lei, etc.

NOTIFICA, pelo presente Edital, os alunos: ANTONIO CHALOUB JUNIOR, CLEBER JOSÉ CARMINATTI e ERNANDES ZANON GUIMARÃES, por não terem comparecido aos convites formulados pela Comissão de Inquérito conforme Atas das reuniões, para comparecerem no próximo dia 29 de abril, às 08:00 horas, na sala de Reuniões das Comissões dos Órgãos Colegiados — Reitoria da UFES — 3^o andar — Campus Universitário — para prestarem depoimentos nos autos do referido inquérito.

E para que chegue ao conhecimento dos interessados e não possam, de futuro alegar ignorância, é expedido o presente.

Dado e passado na Sala de Reuniões das Comissões dos Órgãos Colegiados — Reitoria da UFES — 3^o andar — Campus Universitário — aos vinte e três dias do mês de abril de mil novecentos e oitenta e seis.

Eu, Janete Campos, Secretária Administrativa, conferi e vai subscrito pelo Senhor Presidente.

FERNANDO ASSIS RIBEIRO
PRESIDENTE

Edital de Notificação, jornal *A Gazeta*, 24 de abril de 1986

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

EDITAL DE NOTIFICAÇÃO

O Professor Fernando Assis Ribeiro, Presidente da Comissão de Inquérito Administrativo — Processos n.ºs 5.760/85-97 e 7.189/85-72, por Portaria na forma da Lei, etc.

NOTIFICA, pelo presente Edital, os alunos: ANTONIO CHALOUß JUNIOR, CLEBER JOSÉ CARMINATTI e ERNANDES ZANON GUIMARÃES, por não terem comparecido aos convites formulados pela Comissão de Inquérito conforme Atas das reuniões, para comparecerem no próximo dia 29 de abril, às 08:00 horas, na sala de Reuniões das Comissões dos Órgãos Colegiados — Reitoria da UFES — 3º andar — Campus Universitário — para prestarem depoimentos nos autos do referido inquérito.

E para que chegue ao conhecimento dos interessados e não possam, de futuro alegar ignorância, é expedido o presente.

Dado e passado na Sala de Reuniões das Comissões dos Órgãos Colegiados — Reitoria da UFES — 3º andar — Campus Universitário — aos vinte e três dias do mês de abril de mil novecentos e oitenta e seis.

Eu, Janete Campos, Secretária Administrativa, conferi e vai subscrito pelo Senhor Presidente.

FERNANDO ASSIS RIBEIRO
PRESIDENTE

Edital de Notificação, jornal *A Gazeta*, 24 de abril de 1986

Balão furado

A idiota "Turma do Balão Mágico" resolveu fazer uma performance durante a inauguração da exposição de Jorge Guinle Filho, na Galeria Usina, na noite de quarta-feira passada.

Indignados com a ameaça à obra do expositor — os balonistas queriam picar as paredes da galeria — alguns convidados promoveram uma contra-performance. A iniciativa incluiu reichianos tabefes e lacanianos gritos contra a pobreza intelectual da turma, que partiu, murcha, para a rua.

Finalmente, as pessoas de bom senso reagiram à mediocridade balonista, mesmo que tivesse sido a tapa.

E os balonistas aprenderam uma lição. Fora do estéril, e sintomaticamente verde campus da Ufes, a reação contra o vandalismo pseudo-intelectual pode ser pau, pedra e o fim do caminho.

Coluna Victor Hugo, jornal *A Gazeta*, 13 de junho de 1986



"Balonetes" em momento de descontração no campus de Goiabeiras



Integrantes do Balão picham o Centro de Artes para reivindicar eleições diretas para a Reitoria da Ufes

Fotos: *David Protti*



Turma do Balão Mágico em enterro simbólico do então reitor, José Antônio Saadi Abi-Zaid



Balão Mágico durante performance no Centro de Artes



Intervenção dos membros do Balão Mágico, exigindo eleições diretas para reitor da Ufes. Na foto, da esquerda para direita: Cléber Carminati; o então vice-reitor da Ufes, Carlos Batalha; o pró-reitor de Graduação, Klinger Barbosa Alves, e o reitor José Antônio Saadi Abi-Zaid

Jornalismo de laboratório - impressos que fizeram a história da prática jornalística no curso de Comunicação Social da Ufes

Evelize Calmem e Marina Castro

"O jornal laboratório constitui o instrumento básico de um curso de Jornalismo, no sentido de integrar os estudantes na problemática da futura profissão. A sua finalidade é permitir um treinamento adequado na própria escola, de modo que os alunos tenham oportunidade de colocar em execução, ainda que experimentalmente, o acervo de conhecimentos teóricos adquiridos nas diversas disciplinas de natureza técnico-profissionalizante".

Professor José Marques de Melo

"O jornal-laboratório é o instrumento didático básico, sempre que usado apropriadamente, com um planejamento racional, que se transforma no substituto da prática de treinamento nas redações. Permite que o aprendiz de Jornalismo se exercite na capacitação e análise dos problemas de sua comunidade, de seu país e da civilização contemporânea, ao mesmo tempo em que, desperta interesse pela especialização, fazendo-o descobrir qual dos aspectos e atividades da profissão o seduzem mais".

Professor Luiz Beltrão

O Começo

A experiência laboratorial em Jornalismo do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo começou a ser sistematizada no final da década de 70. O primeiro veículo utilizado no exercício da prática jornalística foi o jornal impresso, a exemplo de outros cursos do País.

Devido à inexistência de um acervo completo de publicações, não se pode afirmar com precisão qual foi o primeiro jornal laboratório do curso. Tudo indica que o jornal Impresso Dois, editado em 1978, tenha sido o primeiro veículo para a prática jornalística laboratorial experimentado pelos estudantes. De acordo com o ex-professor de Jornalismo da Ufes Hésio Pessali, a experiência surgiu em função da renovação do quadro de professores nos primeiros semestres do curso.

Pessali conta que, inicialmente, até que se formassem jornalistas no Espírito Santo, eram contratadas pessoas que possuíam apenas o registro profissional e um curso superior, não necessariamente de Comunicação Social. Quando a formação em Comunicação passou a ser exigida para a contratação dos professores, muitos profissionais começaram a vir de Minas Gerais — onde ficava a escola de Comunicação Social mais próxima —, e acabaram provocando a substituição dos antigos docentes.

Na opinião do professor, que começou a lecionar no curso em 1978, as primeiras turmas não exercitaram a prática laboratorial de fato, em função da formação dos primeiros docentes. Aqueles formados em Comunicação Social passaram a chamar os colegas, também comunicólogos, para lecionar na Ufes e o quadro de docentes se renovou. A partir daí, a experiência com jornais laboratório começou a ser articulada.

O Jornal Impresso Dois

O batizado do primeiro jornal laboratório do curso foi inspirado no nome de uma das disciplinas envolvidas na sua produção: Impresso II. As turmas de Impresso I e Paginação e Revisão - responsáveis, respectivamente, pela produção de textos e pela diagramação - também participaram de algumas edições do Impresso Dois.

A publicação do jornal era muito irregular. Hésio Pessali, um dos orientadores, conta que a regularidade na produção dependia de vários fatores, entre eles, os tenados, as greves e a disciplina dos alunos, que nem sempre entregavam os textos dentro do prazo estabelecido.

A impressão do jornal era financiada pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida (FCAA). De acordo com informações que constam dos expedientes de algumas edições, os orientadores do primeiro jornal laboratório foram os professores Tânia Mara Ferreira (Paginação e Revisão), Hésio Pessali (Impresso II), Sibyla Baeske (Impresso I) e Antônio David Protti (Fotojornalismo).

A produção do jornal foi interrompida no início da década de 80 e o motivo, segundo Pessali, foi a "criatividade muito solta" dos alunos, que acabaram se envolvendo na criação de outros projetos laboratoriais.

Primeiro jornal semanal: *Ufes Urgente*

A primeira e única experiência de jornal laboratório com periodicidade semanal do curso de Jornalismo da Ufes surgiu no início dos anos 80, quando o jornalista José Irmo Gonring, então professor e coordenador do curso, começou a produzir um informativo com os alunos do 4S período, na disciplina Redação em Comunicação.

O Ufes Urgente era composto por pequenas notas publicadas em uma folha de papel A4, frente e verso. A nota da primeira página trazia o assunto principal e era sempre maior que as notas do verso, todas escritas na forma de lide, contendo no máximo cinco linhas. O objetivo da publicação era fazer circular as informações da universidade nos campi, numa época em que não existia a Secretaria de Comunicação da Ufes.

O jornal era rodado em equipamentos ociosos da Universidade, como, por exemplo, a máquina de fazer impressos para o vestibular. Um estudante de outro período datilografava e formatava os textos. A própria turma distribuía o Ufes Urgente no Restaurante Universitário, na porta da Biblioteca, no Hospital das Clínicas, na passarela sobre a avenida Fernando Ferrari. O jornal também era afixado nas paredes, nas portas das salas e nos murais da instituição.

Hésio Pessali, que também orientou o jornal, conta que havia uma alternância de turmas e se lembra das dificuldades e do empenho dos alunos. Para terminar o jornal, alguns o levavam para casa e emendavam as atividades com o horário de almoço. Houve ocasiões em que o fechamento

aconteceu em um dos bares da rua da Lama. Alunos voluntários, que não necessariamente estavam matriculados na disciplina, também colaboravam na produção do semanário. A interrupção do Ufes Urgente foi repentina, ainda na década de 80. Segundo José Irmo Gonring, a experiência morreu sem nenhuma explicação.

A pequena história do Alice

No final da década de 80, o curso de Comunicação tentou editar um jornal laboratório mensal, mas não houve envolvimento dos alunos e o esquema de produção retomou um modelo já existente: uma vez a cada semestre era produzido um novo jornal, com uma edição apenas, pelos alunos do 7S período. Não havia um vínculo que desse continuidade às edições.

Nessa época, a Universidade enfrentou uma greve que durou mais de três meses. Naquele momento, a turma do ex-aluno Jorge Felz já havia criado fortes laços de amizade. Eram amigos inseparáveis. Felz editava um zine chamado Alice. O nome surgiu durante a temporada que ele

passou na Europa, em 1986. O jornalista conta que acompanhou o fechamento da primeira rádio livre européia, que se chamava Alice. Segundo ele, a idéia do nome também está relacionada à estória de Alice no Paia das Maravilhas e a tudo o que a personagem representava.

O zine era semanal, tinha oito páginas no formato A4 e a tiragem era de duzentos exemplares. A distribuição era feita no CCJE e no Centro de Artes. O Alice era custeado pelo próprio Jorge Felz, que já trabalhava, na época, em uma firma de engenharia.

Logo, o papel para rodar o jornal passou a ser fornecido pelo Departamento de Comunicação, que na época era chefiado pelo professor Ismael Thompson. A impressão era feita na copiadora de um amigo de Felz.

Em 1988, a professora da disciplina Planejamento Gráfico, Tânia Mara Ferreira, pediu que cada aluno elaborasse um projeto de jornal para ser entregue no final do semestre. O grupo de amigos de Jorge Felz optou por fazer um projeto único e se empenhar na tentativa de conseguir verbas para produzir um jornal mensal.

Durante a produção do terceiro número do Alice, a turma resolveu

procurar a Reitoria para patrocinar o jornal por meio da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, que, na época, de acordo com Felz, disponibilizava uma verba para o curso manter a circulação de um jornal laboratório mensal. Conseguiram: o jornal teve oito edições publicadas, mas somente a de número 1 encontra-se disponível nos arquivos do Departamento de Comunicação Social.

No segundo semestre de 1989, a turma responsável pelo Alice já estava prestes a se formar e havia uma grande preocupação com a possibilidade de o jornal deixar de ser publicado. Sendo assim, o grupo de amigos resolveu abri-lo à participação de todos os alunos do curso. Alguns estudantes de Publicidade já haviam participado de algumas edições e qualquer aluno podia colaborar com textos.

No entanto, para implementar uma mudança que adaptasse o Alice àquela nova proposta, os alunos formaram um conselho editorial e promoveram um concurso para escolher o novo nome e a nova logomarca do jornal.

Dessa mudança, surgiu o jornal laboratório mais antigo do Estado, o Primeira Mão, cujo nome foi sugerido por uma aluna de Publicidade e que em 2004 completou 15 anos.

Duradouro: 15 anos do jornal *Primeira Mão*

A publicação do número zero do jornal *Primeira Mão* se deu em um momento de crise, em que o curso de Comunicação Social da Ufes passava por sérios problemas de infra-estrutura. O ex-aluno Joca Simonetti conta que nessa época houve uma mobilização, com passeata de estudantes e "invasão" da Reitoria para reivindicar a compra de máquinas de escrever.

Amparados pela exigência legal de haver publicação de jornais laboratório para que os cursos de Jornalismo funcionassem, os alunos exigiram da Reitoria que fossem destinados recursos para a impressão do jornal. Foram atendidos: a Fundação Ceciliano Abel de Almeida passou a custear o jornal, possibilitando a retomada da prática laboratorial no curso de Comunicação Social da Ufes no ano de 1989.

Apesar da proposta inicial, de que o jornal pertencesse aos estudantes do curso, logo após o seu surgimento começou a se discutir se o jornal ficaria vinculado a uma disciplina. Essa proposta veio dos professores

do Departamento de Comunicação Social e dividiu opiniões. Alguns alunos temiam que a vinculação pudesse excluir a maioria dos alunos do processo de elaboração do jornal.

De acordo com a professora Ruth Reis, aprovada em concurso no ano de 1989 para ministrar a disciplina Jornalismo Impresso, o Departamento defendia a vinculação para dar regularidade à publicação do jornal. Para ela, com o fato de que os alunos passam e os professores permanecem por mais tempo no curso, a chance de o jornal durar, sendo atividade obrigatória de uma disciplina, era muito maior.

A professora destaca que o departamento nunca defendeu um jornal controlado, mas, sim, um jornal de verdade, que funcionasse como um observador crítico da comunidade acadêmica.

No Departamento de Comunicação, os professores temiam que o jornal se restringisse somente aos estudantes e não funcionasse como uma experiência laboratorial de fato. Isso não excluiria a participação de alunos de outros períodos.

As propostas dos estudantes e dos professores do departamento foram levadas a uma assembléia, em que prevaleceu a decisão da maioria: o jornal *Primeira Mão* seria vinculado à disciplina Jornalismo Impresso, ministrada aos estudantes do 7^o período.

A professora Ruth Reis, uma das primeiras orientadoras do *Primeira Mão*, afirma que desde o início houve a tentativa de reproduzir a estrutura e a organização de uma redação de jornal, com editores, redatores, revisores, o que, àquela época, era necessário em virtude do processo de produção gráfica, que ainda não era informatizado. Havia também as equipes de fotografia, de reportagem e o que mais pudesse se aproximar da realidade na produção de um jornal.

Enquanto veículo experimental, o *Primeira Mão* apresentou variações significativas durante seus 15 anos de história. Os diferentes estilos das mais de 80 edições publicadas até hoje refletem os anseios das turmas que a cada semestre assumiram sua produção.

Essa diferença se refletiu também na divisão das editorias do jornal, que não tinham número fixo. A divisão geralmente se mantinha durante um semestre, mas podia variar de uma edição para outra. Cada editoria

ficava sob a responsabilidade de um ou dois alunos.

A logomarca do jornal mudou com frequência: em 15 anos, o nome *Primeira Mão* foi impresso de 18 formas diferentes. Chegou a ser modificado duas vezes pela mesma turma, em um único semestre.

Não havia uma quantidade determinada de jornais a serem rodados por edição ou a cada semestre. A tiragem média histórica do jornal é de mil exemplares, tendo chegado a números um pouco maiores — dois mil, três mil exemplares - em algumas ocasiões.

As edições do *Primeira Mão* foram impressas predominantemente em duas cores (p&b), em papel apergaminhado, nos formatos tablóide e A4. O papel jornal foi utilizado poucas vezes por ser mais caro.

A maioria dos jornais contém 12 páginas e a edição comemorativa dos 50 anos da Ufes - a única totalmente colorida -, publicada em abril de 2004, contou com quatro páginas a mais.

Na maioria das vezes, as turmas se revezaram na distribuição do jornal pelos campi da Universidade. Em raras ocasiões foi organizada uma equipe para executar tal tarefa.

Os primeiros jornais eram produzidos basicamente por três orientadores: um para os textos, um para a diagramação e um para as fotografias. Porém, a existência de orientação específica para cada aspecto da publicação não evitou erros: fotos sem qualidade, diagramação deficiente, erros gramaticais e falta de conexão entre as chamadas de capa e o conteúdo de certas matérias, por exemplo.

As reuniões de pauta eram abertas à participação de todo o curso, o que não durou muito tempo. Aos poucos, os estudantes deixaram de frequentar as reuniões e apenas uma minoria de interessados continuou participando. Por isso, logo após a criação do jornal, a responsabilidade pelo seu fechamento, incluindo decisões de pautas e edição, ficou sob a responsabilidade da turma do 7^o período.

No segundo semestre do ano de 1992, não havia a turma do sétimo período, responsável pela produção do jornal. O motivo da inexistência dessa turma era o fato de que, no vestibular de 1988, foram aprovados somente 36 alunos para o curso de Comunicação Social. Houve ingresso de calouros somente no primeiro semestre daquele ano. Para que houvesse continuidade na produção do jornal laboratório, o *Primeira Mão* foi assumido como projeto de graduação pelos alunos Daniela Abreu, Emerson Cabral e Lucy Lima. Durante o projeto foram produzidas quatro edições, sendo três impressas. A última ficou salva em disquete. O trabalho foi orientado pela professora Ruth Reis e cabia aos três formandos a função de coordenar toda a produção do jornal.

A produção gráfica do *Primeira Mão* era feita pelos alunos da disciplina Paginação e Revisão, hoje denominada Planejamento Gráfico. A professora Tânia Mara Ferreira, primeira orientadora de diagramação do jornal, conta que o processo era inteiramente manual, com uso de régua, lápis, borracha, caneta de nanquim e benzina. Os textos eram datilografados nas máquinas de escrever e calculava-se que tamanho eles iriam ocupar.

Textos, linhas-finas, títulos e fios eram todos colados no diagrama. Em seguida, ele era enviado para a gráfica para que fosse feita a composição. Neste processo, os textos eram digitados e revelados em papel fotográfico, na forma de colunas, de acordo com a largura estipulada pelo diagramador. Ao final do processo, o papel revelado voltava para a sala de aula e fazia-se a checagem com os originais.

O processo de diagramação manual do *Primeira Mão* começou a ser substituído em 1992, quando já acontecia a informatização das redações de jornais no Estado. As máquinas de escrever e as pranchetas foram aposentadas e cederam lugar aos computadores. Nessa época o primeiro computador foi instalado no Departamento de Comunicação: um Gateway, doado pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Até então só existiam computadores no Núcleo de Processamento de Dados (NPD).

Daniela Abreu, uma das coordenadoras do *Primeira Mão* naquele período, começou a aprender editoração eletrônica em um programa que simulava o ambiente *Windows*, chamado *Ventura*, em um curso oferecido pela FCAA. Porém, a turma do período seguinte não soube assimilar os processos tecnológicos de diagramação e o jornal daquele semestre acabou não sendo finalizado.

Depois do *Ventura*, outros softwares surgiram e foram incorporados ao processo de produção do *Primeira Mão*. Atualmente o trabalho de diagramação do jornal é feito unicamente dentro da disciplina Jornalismo Impresso, com o uso do programa *Adobe Page Maker*.

Em um certo momento, para que o jornal não deixasse de ser impresso, foi preciso buscar uma alternativa heterodoxa. A jornalista Daniela Abreu lembra que, na época em coordenava o jornal como projeto de graduação, precisou recorrer ao então candidato à Prefeitura de Vitória Paulo Hartung.

A Gráfica Universitária estava com problemas e a edição de número 20 estava pronta para ser rodada. A matéria de capa dizia respeito a uma pesquisa eleitoral feita pelos alunos do curso de Matemática. Tal pesquisa indicava a preferência da comunidade universitária pelo candidato nas eleições municipais. A manchete era: "Paulo Hartung lidera na Ufes".

Os alunos procuraram seu professor, que sugeriu que eles pedissem recursos ao comitê de campanha do candidato. Pediram e foram atendidos: a impressão foi paga e o jornal pôde circular dentro do prazo estabelecido no projeto de graduação.

Daniela Abreu lembra que houve comentários de que o acontecido tornaria a manchete tendenciosa e comprometeria toda a edição, mas o importante naquele momento era a solução do problema.

Para evitar que o *Primeira Mão* fosse extinto, uma vez que Universidade deixou de disponibilizar recursos, a alternativa encontrada, por várias vezes na história do curso, foi recorrer ao patrocínio de empresas privadas.

Na opinião da professora Ruth Reis, a Ufes já deveria ter assumido o financiamento do jornal há algum tempo, para que não houvesse a necessidade de buscar patrocínios para uma disciplina do curso.

Para ela, além de questões financeiras, há também questões políticas no fato de a Ufes não ter priorizado o jornal, que já existe há 15 anos. Isso se deve ao sentimento de que o jornal faz oposição à direção da Universidade.

Ultimamente as empresas que têm viabilizado a impressão do jornal são a Companhia Siderúrgica Tubarão (CST) e a Aracruz Celulose. Outras empresas como a Chocolates Garoto e a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) também já anunciaram no jornal laboratório, contribuindo para que ele não deixasse de ser publicado.

Apesar de todos os percalços em sua produção, o *Primeira Mão* conquistou o prêmio de "Melhor Jornal Laboratório de 1999" na 6ª Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (EXPOCOM), realizada durante o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). O prêmio foi disputado com 34 jornais laboratório de universidades de todo o País.

Sobre os jornais laboratório da Ufes

Os jornais laboratório que fizeram parte da história do Curso de Comunicação Social da Ufes funcionaram, por várias vezes, como meios de aprendizagem, em que os alunos exploraram todas as possibilidades de linguagem e produção jornalística, e, principalmente, diferentes formas de apuração. Tudo em nome de um exercício que, para muitos estudantes, ultrapassou a mera prática jornalística na Universidade. Isso demonstra que, em quase 30 anos de experiência laboratorial, as publicações não se limitaram ao jornalismo impresso declaratório.

Impresso Dois, Ufes Urgente, Alice e Primeira Mão, entre outros, trouxeram em suas páginas ou nos bastidores das apurações de suas matérias, polêmicas que movimentaram, de alguma forma, a Universidade e a vivência dos alunos que experimentaram o trabalho jornalístico por meio dessas publicações.

Uma questão de falcatrua

Lívia Bassi

Uma experiência de cineclube acabou colocando o curso de Comunicação Social da Ufes nas páginas dos jornais do País em 2004. Aprovado, em 06 de maio daquele ano, pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo, o projeto Videoclube Metrópolis atualizou a prática e a discussão do cineclubismo ao lançar mão da internet como fonte de filmes para exibição coletiva sem fins lucrativos. A história do Cine Falcatrua, como o projeto ficou conhecido, dá um bom roteiro de cinema.

A idéia de montar um cineclube, que atendesse não somente à comunidade universitária, mas a todos interessados por cinema, veio da cabeça de Hugo Reis, Gabriel Menotti e Fernando Tonani, respectivamente aluno e ex-alunos do curso de Comunicação Social. Eles queriam aproveitar os recém-chegados equipamentos audiovisuais para exibir vídeos inéditos que seriam baixados pela internet. A idéia demorou um pouco para se efetivar. Fernando Tonani, mais conhecido como Fernando Coxa, se afastou para fazer seu trabalho de conclusão de curso. Mas a intenção de montar um cineclube permaneceu.

Num encontro com Gustavo Coutinho, aluno do curso de Psicologia, as discussões acerca do projeto foram retomadas. Gustavo, também conhecido como Gordão, tinha o hábito de baixar filmes pela internet e estava envolvido na polêmica ocupação do Teatro Metrópolis, também conhecido como Teatrinho (alunos do curso de Psicologia reivindicavam a administração do teatro, atualmente sob responsabilidade da Secretaria de Produção e Difusão Cultural).

Desse encontro entre Hugo, Gabriel e Gordão resultou, a primeira sessão do cineclube. A exibição de *Matou a família e foi para o cinema* (Brasil, 1969) aconteceu no Teatrinho e foi realizada em conjunto com o Grupo de Estudos do Audiovisual - GRAV. A projeção contou com a presença de cerca de 30 pessoas.

As sessões do Cine Falcatrua começaram em janeiro de 2004. Aprovado pelo Departamento de Comunicação Social, em seguida, o projeto foi encaminhado à Pró-Reitoria de Extensão - Proex, então sob o comando do ex-reitor José Weber Freire Macedo. Após cinco meses de funcionamento do Cine Falcatrua, a Proex aprova o projeto como atividade de Extensão da Universidade. Como todo projeto dessa natureza exige um orientador, foi escolhido o professor Alexandre Curtiss Alvarenga, do curso de Comunicação. Para os membros do Cine Falcatrua, Curtiss parecia ser a melhor escolha por ser especialista em cinema.

O Cine Falcatrua foi atraindo público com muita rapidez. Além disso, a família Falcatrua aumentou. Fabrício Noronha e Frederico Barbosa Roseiro, alunos do curso de Artes, Rafael Trindade, da Psicologia, e Rodrigo Daniel Alves de Melo, do curso de Comunicação Social, passaram a integrar ativamente o cineclube. Há também pessoas que não são membros diretos, mas que colaboram com o Falcatrua: Bruno Zorzal, o Magrão, ex-aluno de Comunicação, e Samantha Lievore, Ezen Tavares, Rúbia Baptista, Maria Aparecida Alves e Vitor Graize Magalhães, todos estudantes de Comunicação.

Segundo os organizadores, a proposta do Cine Falcatrua não se resume a simples exibições cinematográficas. Seus objetivos vão além de uma projeção. O grupo busca problematizar, gerar discussões sobre pirataria, direitos autorais, distribuição e produção de audiovisuais na contemporaneidade articulada pelas novas tecnologias de informação e comunicação. O que fazer com o filme após seu término? Como fazê-lo chegar até os diversos públicos? Qual a influência da sociedade nos critérios das distribuidoras? Qual a importância das salas de cinema? - essas e outras questões movimentam espectadores e organizadores, nos mais diferentes ambientes, na lista de e-mails do grupo, após as sessões e também em fóruns de discussão.

As propostas não param por aí. Além de ressuscitar a experiência dos antigos cineclubes e ativar a discussão em torno do acesso ao cinema, o Cine Falcatrua propõe a criação de um circuito cinematográfico flexível, permanente e barato. Para fortalecer o movimento cineclubista, o

Falcatrua pretende criar outros videoclubes digitais, por intermédio da oferta de oficinas, distribuição de cartilhas, fomentando, assim, novos exibidores.

Nesse sentido, o Falcatrua atuou na capacitação dos agentes comunitários do Bairro República, em Vitória. Nessa comunidade, o cineclube discutiu pirataria e um roteiro foi escrito em conjunto com moradores. O Cine Falcatrua também levou sua experiência para o Morro de São Benedito, também na Capital. Lá, o Videoclube Metrópolis ajudou na montagem do Cineclube Chocolate. O Cine Falcatrua deu apenas uma ajuda inicial, deixando que o cineclube do Morro de São Benedito caminhasse com as próprias pernas.

Os integrantes do Cine Falcatrua também buscam implantar a TV Falcatrua e um site para disponibilizar gratuitamente curtas-metragens capixabas.

Exibições

Inicialmente, o Cine Falcatrua não possuía um local fixo para as sessões. Os filmes já foram exibidos no Cemuni VI, no Diretório Central dos Estudantes - DCE, ao lado do galpão do curso de Artes, no auditório do Centro de Ciências Naturais e Humanas - CCHN e também no muro do estacionamento do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas - CCJE. Após muitas conversas com o então diretor do Centro de Artes, Kleber Frizzera, em março de 2004, o Cine Falcatrua conseguiu um espaço para as sessões. Elas geralmente acontecem todas as terças-feiras no auditório do Cemuni IV, no campus de Goiabeiras, sempre às 19 horas.

Todas as sessões são gratuitas e contam com público médio de 200 pessoas. Entre os já exibidos, constam os seguintes filmes:

O Declínio do Império Americano (Canadá, 1982)

Amor, Estranho Amor (Brasil, 1982)

Efeito Borboleta (EUA, 2004)

Clube do Suicídio (Japão, 2001)

Queimando Tudo (EUA, 1978)

Party Monster (EUA, 2003)

Fritz the Cat (EUA, 1978)

Kiíí Biíí Voí. 2 (EUA, 2004)

Hedwig e a Polegada Irada (EUA)

Shaolin Soccer (China)

As Bicicletas de Belleville (França, 2003)

Elefante (EUA, 2004)

Pi (EUA, 2001)

Underworld (EUA, 2004)

Gothika - Na companhia do Medo (EUA, 2004)

Anti-Herói Americano (EUA, 2004)

Adeus, Lênin (Alemanha, 2004)

KM Bill Vol. 1 (EUA, 2003)

Amatrix (EUA, 2002)

Matou a Família e foi ao Cinema (Brasil, 1969)

Na história do Cine Falcatrua há de se registrar a exibição de Amor, *estranho amor* (Brasil, 1982), filme proibido em que Xuxa, a Rainha dos Baixinhos, contracena com um menino de 12 anos. Para ver Xuxa em cenas picantes com o garoto, compareceram ao auditório do Cemuni IV cerca de 500 pessoas. Como o local não acomodaria todo esse público, o Cine Falcatrua fez a projeção ao ar livre. Recorde de audiência.

Como todas essas pessoas ficam sabendo das sessões.' O Cine Falcatrua faz a divulgação das sessões através de fotolog (www.fotolog.net/cinefalcatrua), em listas de *e-mail* ou por intermédio de cartazes distribuídos pela Universidade. Mas, de acordo com os responsáveis pelo projeto, a divulgação que funciona mesmo é a boca a boca.

A fama do Cine Falcatrua não ficou somente nos arrabaldes capixabas. Uma matéria de título *Universidade federal em Vitória decreta "falcatrua" no emana*, veiculada no jornal *Folha de S. Paulo*, em 20 de julho de 2004, fez com que mais pessoas tomassem conhecimento do projeto.

Através das matérias jornalísticas, que também anunciaram a exibição de filmes ainda inéditos no País, mas disponíveis em sites da Web, a Empresa Brasileira de Audiovisual - Lumière do Brasil e o Consórcio Europa souberam da existência do Cine Falcatrua. Desagradou às distribuidoras o fato de o Cine Falcatrua ter exibido os filmes *Kill Bill Vol. 1* e *Vol. 2*, o segundo antes mesmo da estréia no Brasil, e *Fahrenheit 11/09* sem a autorização das empresas.

Alegando concorrência desleal, violação dos direitos autorais e de propriedade intelectual, a Lumière do Brasil e o Consórcio Europa, através do advogado Marcos Bitelli, moveram uma ação judicial contra a Universidade Federal do Espírito Santo.

Em 10 de agosto de 2004, a Ufes recebe mandado de intimação do juiz Carlos Simões e também uma notificação pela Associação de Defesa da Propriedade Intelectual (Adepi), alertando a Reitoria e os envolvidos com o projeto sobre os problemas legais que poderiam ter, caso continuassem com as exibições de filmes sem autorização.

A liminar exigia a imediata suspensão das exibições das obras audiovisuais licenciadas pela Lumière do Brasil - *Kill Bill Vol. 1* e *Vol. 2* - e pelo Consórcio Europa - *Fahrenheit 11/09*. Caso essas determinações não fossem cumpridas, os equipamentos usados seriam apreendidos e a Universidade pagaria multa diária de R\$ 5 mil e indenização por danos morais e patrimoniais.

A lei

Para utilização de obras audiovisuais, a Lei de Direito Autoral exige a autorização prévia e expressa do autor, intérprete ou ainda das distribuidoras. No caso das distribuidoras há um contrato que cede a essas empresas a posse da obra. A Lei de Propriedade Intelectual diz o mesmo.

A questão se torna um problema a partir do momento em que obras audiovisuais, ou de qualquer outra natureza, são disponibilizadas na internet. Pirataria ou uma nova forma de acesso aos bens culturais produzidos pela sociedade? Ressalte-se que o Cine Falcatrua, como cineclube que é, não cobra nenhum tipo de ingresso, não havendo, portanto, fins comerciais na utilização das obras.

Erro pensar que diante desse problema o Videoclube Metrópolis encerraria para todo o sempre suas atividades com a comunidade. As exibições, com prévias autorizações, continuaram e os debates, também. A distribuição e a produção de audiovisuais no Brasil, a definição de propriedade intelectual e a legislação de direitos autorais foram temas de mesas-redondas e debates, realizados no pós-celebração jurídica, com a participação de membros do Falcatrua, produtores, advogados, empresários de cinema capixaba e também um representante do Ministério da Cultura.

Além disso, uma comissão composta pelo professor Alexandre Curtiss e pelo estudante Hugo Reis, integrantes do projeto, pelo professor Kleber Frizzera, diretor do Centro de Artes, havendo mais uma cadeira para a Ouvidoria da Universidade e outra para a Pró-Reitoria de Extensão (Proex), foi criada para estudar as questões relativas ao projeto.

Mesmo com toda essa confusão, o Videoclube manteve as exibições na normalidade. As sessões autorizadas continuaram e foi exibido o filme *O prisioneiro da grade de ferro* (Brasil, 2003) com o apoio do próprio diretor Paulo Sacramento. Em entrevista ao jornal on-line *Século Diário*, acessado em 14/12/2004, Sacramento fala sobre o Falcatrua: "Como negar a importância e as mudanças trazidas por esta nova realidade? (...) O projeto está sintonizado com o que há de mais atual na discussão global em relação à transmissão de bens culturais".

Depois da liminar, a comunidade cinematográfica voltou os olhos para o projeto e o próprio Falcatrua buscou apoio de diretores nacionais. E conseguiram. O diretor de *Amarelo Manga* (Brasil,

2002), Cláudio Assis, foi mais um dos que autorizaram a exibição de seu filme pelo Cine Falcatrua, assumindo uma postura favorável ao projeto. Também em entrevista ao jornal on-line *Século Diário*, Assis diz: "Como que pode essas grandes majors e esses poderosos mandarem do jeito que mandam no cinema e na televisão? O Falcatrua está discutindo tudo isso, assim como eu faço. Eu não fiz escola de cinema! Sou cineclubista! Aprendi fazendo!".

Cláudio Assis completa: "Acho essa idéia de baixar filmes genial, pois há uma violenta inversão de valores no sistema... E quase a totalidade dos filmes já ganha dinheiro enquanto são produzidos. Com os meios digitais, você dá acesso às pessoas que gostam da arte sem precisar de intermediários que emperram o fluxo natural da cultura. No final, as informações chegam e começam a produzir filmes".

Novas formas de enquadramento dos direitos autorais são demandadas pela contemporaneidade. Há, inclusive, iniciativas de modernização nas leis, a exemplo do *Creative Commons*, que traz novos conceitos de licenças para o mundo dentro e fora do ciberespaço, opondo-

se ao tradicional *ali rights reserved*. Considerando as particularidades da tecnologia digital, não podemos pensar na aplicação dos conceitos do direito de autor sem uma adaptação à nova realidade. A manutenção das atuais leis dos direitos autorais pode representar obstáculos à circulação das obras, e, conseqüentemente, prejuízos à democratização da cultura.

Sobre esse contexto das novas tecnologias, tendo em vista a perspectiva da democratização da cultura e dos direitos autorais, Gilberto Gil, atual ministro da Cultura, diz: "O uso pleno da Internet e do software livre cria fantásticas possibilidades de democratizar os acessos à informação e ao conhecimento, maximizar os potenciais dos bens e serviços culturais, amplificar os valores que formam o nosso repertório comum e, portanto, a nossa cultura, e potencializar também a produção cultural, criando inclusive novas formas de arte".

Também conforme se pôde verificar no site do Ministério da Cultura (www.ministeriodacultura.br), em 14/12/04, o ministro acredita que "a tecnologia sempre foi instrumento de inclusão social, (...) garantindo acesso à informação e barateando os custos dos meios de produção multimídia através de ferramentas novas que ampliam o potencial criativo do cidadão. É preciso pensar a universidade também como um "locus" da cultura, seja das expressões artísticas, seja da difusão, ou reflexão, ou da preservação".

Ainda sobre a questão dos direitos autorais na era da internet, uma saída adotada por músicos, escritores, fotógrafos e jornalistas têm sido o copyleft. Ao invés de tentar impedir a pirataria, os autores buscam compartilhar livremente sua produção. As únicas restrições são manter o crédito para a fonte original e a licença copyleft.

E o Falcatrua nessa história? A proposta de um cineclube que utiliza filmes baixados pela internet está totalmente inserida nesse contexto de novas tecnologias e vem atualizando os discursos e práticas relativos à internet e à democratização da cultura e da comunicação na atualidade. Até onde vão seus limites? Eis uma questão que a contemporaneidade, com suas novidades tecnológicas e comunicacionais, tem de discutir. Eis uma questão de "Falcatrua".

"O cocô do cavalo do bandido"

Alexandre Galvêas e Vitor Graize

Primeira Parte - Na qual se explica o método e se inicia a história

Em 30 anos, mais de dois mil estudantes experimentaram o curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Todas as transformações vividas pela sociedade nestas três décadas repercutiram nos campi ou foram diretamente influenciadas e disseminadas pela efervescência do ambiente universitário. Os que viveram estes momentos entusiasmaram e foram entusiasmados pelos contextos mais variados. Conseqüentemente, contribuíram para a disseminação de novos valores e para a transformação da realidade nos mais diversos setores da sociedade.

Do autoritarismo do regime ditatorial, que cerceava a organização estudantil e estimulava a criatividade dos estudantes, até a conquista dos direitos individuais e, principalmente, da liberdade de expressão na década de 80, diversas correntes e teorias atravessaram o campo ideológico estudantil. Do engajamento político-partidário contra um oponente comum, no caso o regime militar, aos ensaios apartidários de auto-gestão dos diretórios e centros acadêmicos, a criação artístico-cultural como forma de protesto e a luta pela qualidade de formação sempre estiveram presentes de forma contundente.

Em 1978, estudantes da Ufes criaram um grupo de teatro infantil que nos próximos sete anos ganharia notoriedade se apresentando em festivais pelo País. Os estudantes que formaram o Grupo de Teatro Ponto de Partida estão, ainda hoje, ligados de alguma forma à prática teatral, atuando em peças nacionais e internacionais, ensinando teatro ou produzindo espetáculos.

Em 1975, quando se dá a criação do curso de Comunicação Social, as únicas entidades estudantis autorizadas são os diretórios acadêmicos, que funcionam vinculados aos centros de ensino. Anos antes, o governo federal, com o objetivo de dismantelar o movimento estudantil, havia proibido a existência dos centros acadêmicos e dos diretórios centrais dos estudantes.

Em 1980, com os primeiros acenos para a reintrodução do País na normalidade democrática, o movimento estudantil volta seus esforços para a melhoria da qualidade de ensino no curso de Comunicação Social. Neste contexto, acontece a criação do Centro Acadêmico Livre Comunicação Social, após a Anistia. Até então, os estudantes que se engajavam na militância política podiam optar pela vinculação ao DA do Centro de Estudos Gerais ou ao DA do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas e, a partir daí, participar da luta pela conquista das liberdades individuais e coletivas.

No decorrer dos anos 80, os estudantes vivem de maneira intensa o ambiente universitário no campus de Goiabeiras e a militância estudantil sofre sérios questionamentos por parte de movimentos libertários, como a Turma do Ócio e o Balão Mágico. O Ócio contempla uma série de experimentações de estudantes insatisfeitos com os rumos do movimento político-partidário, e desejosos de um projeto que possibilitasse satisfazer as razões do corpo e da mente, vivendo abertamente o presente. Pouco tempo depois, alguns de seus integrantes estariam compondo outra turma, a do Balão Mágico, que, assim como o movimento precedente, abandonaria a hierarquia, as lideranças e os projetos, características do movimento estudantil de então.

Na década de 90, ocorre a concretização de movimentos iniciados pelo Balão Mágico, como o fortalecimento da Rádio Universitária, que passa a ocupar lugar de destaque na mídia capixaba, e a utilização em escala crescente do vídeo como meio alternativo de produção artística. Neste período, estudantes de Comunicação Social estão tanto na rádio, como estagiários ou produzindo e apresentando seus próprios programas, quanto formando grupos de produção audiovisual.

Para elaborar o nosso relato dos acontecimentos históricos envolvendo os estudantes do curso de Comunicação Social, optamos por organizar a narrativa seguindo a lógica da linha do tempo, valorizando as diferenças encontradas em cada período analisado e detalhando situações que ao longo da pesquisa se mostraram indispensáveis.

Decidir o quê e como contar revelou-se um exercício tão complexo quanto a forma de expressão própria a cada movimento. Assim, as personagens que evidenciamos desempenham o papel de fios condutores da estória, não significando necessariamente que estiveram à frente ou eram reconhecidos como líderes dos movimentos que representam.

Rômulo Musiello, estudante de Comunicação Social e membro do Ponto de Partida, Zocra Carminati, que durante dez anos viveu a Universidade e assim presenciou ou participou de grande parte da movimentação estudantil na década de 80, Isabel Augusto, representante estudantil que acompanhou as discussões para a transferência do Curso para o Centro de Artes, e Erly Vieira, estudante durante cinco anos da década de 90, emprestarão um pouco da sua história para conduzir boa parte do que contaremos.

Para compor o cenário relativo a cada ocasião, seguimos o caminho traçado por personagens citados com frequência como figuras ativas em determinado contexto. A ênfase desta análise recai sobre as idéias e influências que, estando em evidência, possibilitaram o questionamento da realidade vivida e, hoje, permitem a compreensão dos episódios sob a ótica de um processo sociocultural global.

O material da pesquisa é essencialmente oral, colhido através de inúmeras entrevistas gravadas, conversas informais e e-mails trocados com cidadãos do mundo. Da riqueza de realizações nestes 30 anos, poucos foram os documentos preservados que poderiam solucionar a incerteza de algumas fontes quanto às datas e ao desencadeamento dos fatos.

Segunda Parte - O Ponto de Partida

Aos 16 anos, Rômulo Musiello trabalhava em Vitória como fotógrafo profissional. A paixão pela arte despertada com o registro fotográfico dos espetáculos de teatro, música e dança no principal palco da cultura capixaba, o Theatro Carlos Gomes, levou o jovem estudante do Salesiano a se inscrever para o vestibular de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Naquele momento, Rômulo enxergava no curso afinidades com a prática artística, possibilidade que, ele achava, não seria contemplada em outra área.

Corria o ano de 1977 quando Rômulo foi aprovado e ingressou na Universidade. Seu primeiro ato como estudante universitário foi se inscrever no grupo de teatro do DA que, em breve, apresentaria uma peça na Mostra de Teatro Universitário daquele ano. Nessa época, os Diretórios Acadêmicos produziam espetáculos que seriam ensaiados ao longo do ano e encenados na programação das mostras organizadas pela Sub-reitoria Comunitária, Divisão de Atividades Culturais, Diretório Central dos Estudantes, Diretórios Acadêmicos da Ufes e Caixa Econômica Federal, com a colaboração da Fundação Cultural do Espírito Santo.

Naquele período, os DA's eram as únicas organizações acadêmicas permitidas. Cada centro de ensino possuía um diretório, que reunia em seu entorno os estudantes de todos os cursos que compunham aquela unidade. A repressão e o autoritarismo constantes na sociedade eram visíveis no cotidiano dos estudantes. A lei proibia reuniões e assembléias, as leituras eram clandestinas e os diretórios acadêmicos, sob a tutela do governo federal, recebiam uma contribuição financeira do Ministério da Educação. Para Rômulo, "dentro da Universidade não havia espaço para não ser de esquerda. Mesmo que você não quisesse ser, você fingia ser, para não ser discriminado pelos colegas".

Rômulo passa a integrar o grupo que já ensaiava *Morte e Vida Severina*, peça que seria apresentada pelo Grupo de Teatro do Diretório Acadêmico Dido Fontes, do Centro Tecnológico da Ufes, na II Mostra de Teatro Universitário. O texto de João Cabral de Melo Neto teve duas montagens em Vitória no ano de 1977: a primeira, em maio, para a II Mostra; e a segunda, em novembro, encenada no Teatro Estúdio.

Encerrada a temporada de *Morte e Vida Severina*, Róbson Silveira, aluno de Comunicação Social e protagonista da peça, convida outros estudantes da Universidade para juntos montarem *Flicts... Era uma vez uma cor*, texto de Ziraldo e Aderbal Jr. A peça utilizava de maneira inovadora a linguagem infantil para tratar de assuntos proibidos e deixados de lado à época, como o preconceito através da metáfora das cores. A montagem original de *Flicts...* tinha no elenco Lúcia Chequer, da Economia, Marta Baião e Eussa Gil, do Centro de Artes, Beto Costa, da Engenharia,

Róbson Silveira, Róbson Moreira, Rômulo Musiello e Ângela Souza, da Comunicação, além de Creso Filho, que em 1979 também estaria cursando Comunicação Social. A partir deste espetáculo, o núcleo do Grupo Ponto de Partida ficou definido: Róbson Silveira, Creso, Rômulo, Marta, Nazareth e Beto.

O Ponto de Partida foi identificado ao longo de sua trajetória por algumas características marcantes que questionaram e reformularam a linguagem do teatro infantil: a utilização de tom satírico para tratar de maneira sutil assuntos como desigualdade social (*O Leiteiro e a Menina Noite*), cerceamento das liberdades individuais (*Mindubim*) e as ambições megalômanas da classe política (*Tem Xiririca na Bixanxa*, de Amylton de Almeida e Milson Henriques), a apresentação de coreografias e música ao vivo, a preocupação com a plástica dos espetáculos e o tratamento da criança como espectador ativo. A opção pela linguagem infantil foi o modo encontrado para apresentar um conteúdo crítico sem sofrer as restrições impostas pela ditadura.

O apoio financeiro da Universidade, fornecendo passagens rodoviárias para que o grupo se apresentasse em festivais pelo Brasil, foi aos poucos deixado de lado com a aquisição de um veículo próprio e o aluguel de uma casa onde seria instalado o ateliê. Primeiro de ônibus e logo em seguida com sua Kombi, o Ponto de Partida realizou duas grandes excursões: a primeira até Natal; a

segunda de Vitória a Belém, apresentando-se no trajeto em teatros e escolas durante quatro meses e meio.

Após sete anos de contínua atividade, cerca de 10 peças apresentadas com mais de 20 atores convidados, a convivência diária e a busca pelo crescimento individual terminaram por desfazer o grupo em 1985. Vinte anos mais tarde, Rômulo consideraria a separação um processo natural.

Terceira Parte - Situação política

Principalmente nas primeiras turmas, a maioria dos estudantes já trabalhava na imprensa local antes mesmo de ingressar no curso, outros bateram às portas das redações logo após a aprovação no vestibular. Em contraposição aos que se ocupavam profissionalmente, havia os que destinavam seu tempo à intensa participação no movimento estudantil, o que por vezes impedia dedicação completa às disciplinas. Muitos se formaram na convivência diária de luta fora das salas de aulas.

Com o fenômeno recente de criação de uma escola de comunicação no Estado, havia certa desconfiança por parte dos jornalistas não diplomados em relação àqueles que saíam das faculdades sem experiência de trabalho em redação. Diga-se, preconceito oposto ao que existe hoje, quando a formação acadêmica é encarada como fundamental para a constituição do profissional de comunicação social.

No começo da história do curso, num contexto nacional de abertura gradual e lenta, dá-se início ao movimento de reestruturação das organizações de representação estudantil, como a União Nacional dos Estudantes (UNE) e o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Ufes, fechado anos antes pelo regime militar. O desencadeamento destas ações leva à realização, em 1978, de eleições para o DCE, na qual concorrem quatro chapas.

O posicionamento e as críticas dos membros do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e de outros estudantes vinculados a tendências mais à esquerda não conseguem evitar a vitória do Partidão, considerado "reformista" ou mesmo "de direita" pelos adversários, como conta Adilson Vilaça, estudante de Comunicação Social no fim dos anos 70: "Boa parte dos estudantes que atuavam no Diretório do CEG achavam que o Paulo Hartung era muito moderado, um cara de centro. A Libelu (Liberdade e Luta) se opunha à chapa do Paulo Hartung mesmo, achava ele direitista, que o reformismo do PCB já havia acabado e estava na hora de acirrar a luta". Terminadas as eleições, a apuração dos votos confirma o êxito da chapa formada por estudantes ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), liderada pelo então estudante de Economia Paulo Hartung.

Como presidente do Diretório Acadêmico do Centro de Estudos Gerais em 1978, Adilson Vilaça participa de um novo momento da organização estudantil. O Diretório, o maior da Universidade em número de estudantes, assume uma nova posição, deixa de investir o dinheiro repassado pelo MEC em lazer e esportes e passa a usar a verba em prol do movimento estudantil. A prestação de contas do DA, que descrevia o aluguel de ônibus para encontros da UNE, gastos com fotocópias e tíquetes de alimentação para alunos carentes, irritava a Reitoria.

O movimento político de esquerda encontrava-se fragmentado em tendências. Centelha, Liberdade e Luta, e outros grupos de inspiração

marxista, leninista e/ou trotskista, que haviam se distanciado do PCB, todos organizados e com posicionamentos bem definidos. Dílson Ruas, membro da primeira diretoria do Centro Acadêmico Livre de Comunicação Social, reflete sobre a fragmentação do movimento de esquerda: "Discutia-se o valor dessas tendências, achava-se que elas olhavam mais para o umbigo que para a realidade. Mas, no final todo mundo acabava optando por uma delas".

A ligação dos professores com determinados grupos políticos podia levar à alteração do conteúdo das disciplinas, direcionado para o posicionamento ideológico do professor. Adilson Vilaça afirma que "tinha professor ligado à estrutura militar, vários dos professores de Estudos e Problemas Brasileiros eram ligados ao SNI, à Polícia Federal".

Para Creso Filho, estudante de Comunicação e integrante do Grupo de Teatro Ponto de Partida, "o que assustava, mais concretamente, o movimento estudantil da época era a Polícia

Federal, a possível presença de agentes do Serviço Nacional de Informação (SNI) dentro da Universidade. Ninguém tinha ainda esquecido o DOI-COD, DOPS, AI-5 e o que tinha acontecido a muitos estudantes anos antes, na tentativa de se organizarem e terem Voz ativa". O controle sobre os estudantes era intenso, ônibus fretados para os encontros da UNE ou de executivas de cursos eram impedidos de deixar a Universidade.

Contra o regime, a militância era política e também cultural. Os estudantes universitários não se acomodavam e batalhas diárias eram travadas pela liberdade de expressão. Em 1978, alunos de Comunicação Social, Letras e Economia publicam o livro *Poesias*, compilação de poemas cuja temática reflete a preocupação da juventude com o período que ela atravessa. Esta foi a única publicação do Movimento Literário Universitário, que era formado por Alvarito Mendes Filho e Maria de Lourdes Brandão, do curso de Letras, Paulo Fabris e Débson Jorge Afonso, do curso de Economia, Victor Hugo Pires, Hélio de Castro Paulino, Márcio Castro Lobato e Adilson Vilaça, do curso de Comunicação Social.

O Centro Acadêmico Livre

Após a anistia, em 1979, vários cursos se mobilizam para rearticular sua representação estudantil, agora não mais diluída na heterogeneidade dos diretórios acadêmicos, mas de modo específico, com os centros acadêmicos separados por curso.

Sempre ativos no diretório do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, os estudantes de Comunicação passam a realizar assembleias gerais com o intuito de formar seu centro acadêmico e organizar a primeira eleição. A desvinculação da organização estudantil em relação à ditadura, que já mostrava sinais de enfraquecimento, é enfatizada com o uso do termo "livre" nos nomes dos centros que surgem neste período. A principal motivação neste momento é a qualidade da formação. As deficiências do curso, como a falta de infra-estrutura, de professores e de equipamentos necessários para as disciplinas práticas, estão em primeiro plano e funcionam como atrativo para discussões aprofundadas sobre a situação do Pafe. "O movimento tinha se voltado para as reivindicações estudantis pura e simplesmente de melhoria de curso, de melhor qualidade de ensino. Não comportava mais agora o movimento estudantil estar lutando por liberdade democrática como foi naquele período anterior", afirma Adilson Vilaça. A jornalista Teresa Abaurre, que participou da fundação do CA e foi diretora da primeira gestão, confirma: "A intenção da gente era melhorar o curso, melhorar o ensino. Eu acho que essa é uma luta que foi levada até hoje. Quando fiz a disciplina de TV, havia um convênio com a TVE, mas que estava suspenso. Eu nunca tinha entrado em um estúdio. Entrei pela primeira vez quando vim trabalhar em *A Gazeta*". **Dílson Ruas** lembra como os estudantes eram tratados: "O sentimento que a gente tinha era de que éramos o cocô do cavalo do bandido. A gente chegava nos departamentos para reivindicar alguma coisa e eles diziam 'lá vem esses chatos'. O chato que tava lá pra tirar o funcionário do lugar".

Dílson Ruas, Teresa Ahaurre, Jonas Reis, Marcelo Martins, Ricardo Hermeto e Adalberico Souza Lima compunham a chapa eleita em 1980 para o CA. Após a eleição, a prioridade da primeira diretoria é a viabilização de uma sede para o Centro Acadêmico Livre de Comunicação Social. Para tanto, os estudantes invadem de madrugada uma sala do CCJE e ameaçam ocupá-la por tempo indeterminado se não for estabelecido imediatamente um espaço para o CA. Sob pressão, a diretoria do Centro cede um pequeno vão, localizado no mesmo prédio da sala invadida, para que ali acontecessem as reuniões e conversas fundamentais para a organização do movimento estudantil. Posteriormente, o espaço é fechado com compensados e uma porta, as mesas e arquivos que compõem o mobiliário da sala são adquiridos

com incursões pela Universidade.

As bandeiras específicas do movimento estudantil, relacionadas às questões imediatas do curso, são a principal motivação para a formação do Centro Acadêmico Livre de Comunicação Social e funcionam como fator de união dos estudantes de Comunicação e fortalecimento da organização estudantil. A posição da diretoria do centro acadêmico neste momento é de contestação

ao regime, mas os diretores são contrários à divisão da esquerda em tendências e mantém posição refratária.

Em 1980, a mobilização dos estudantes em busca de melhorias no ensino leva à deflagração de uma greve geral dos discentes. O incipiente movimento dos alunos do curso de Comunicação Social que, em assembléia com enorme participação decidem pela paralisação, contribui para difundir o movimento por outros cursos da Universidade. No Diretório Central dos Estudantes, uma frente de esquerda com integrantes de várias tendências (Liberdade e Luta, Democracia Socialista, Refazendo, dentre outras) havia sido eleita para a segunda gestão pós-ditadura e apoia a greve, ao contrário dos membros do Partidão que decidem boicotá-la. As assembléias gerais no decorrer das manifestações mobilizam cerca de 5.000 alunos no ginásio da Ufes.

Até 1984, ano da campanha pelas eleições diretas, o movimento estudantil no curso de Comunicação Social é marcadamente político-partidário. As diretorias eleitas para o centro acadêmico estão estreitamente ligadas à formação do Partido dos Trabalhadores, enquanto os estudantes afins ao Partido Comunista Brasileiro ensaiam tentativas de controlar o CA, chegando a ser eleitos através de eleições proporcionais, anuladas, logo após, por meio da mobilização dos estudantes, que optam pela forma direta na escolha de seus representantes.

No início dos anos 80, o discurso partidário politizado e os slogans que haviam dado o tom durante a década de 70 não são mais assentidos pelo universo de estudantes insatisfeitos com o controle das liberdades imposto pelo regime militar. O interesse pela produção cultural e artística e a satisfação dos desejos individuais, que haviam sido temas suprimidos pela postura dogmática tanto dos membros da direita quanto dos grupos de esquerda, são encarados, neste momento, como questões de maior importância.

Quarta Parte - As Pedras do Ócio

Formado em eletrotécnica na Escola Técnica Federal do Espírito Santo, Zocra Carminati prossegue em seus estudos se inscrevendo para o vestibular de Engenharia Elétrica da Universidade Federal. Zocra, como ficou conhecido na Escola Técnica por causa dos óculos, permanece por dois anos no Centro Tecnológico cursando Engenharia, período no qual participa ativamente do Diretório Acadêmico e inicia a leitura de autores do socialismo utópico e do socialismo científico. Decide mudar de curso após descobrir afinidades com estudantes do Centro de Artes, de Comunicação Social e do antigo Centro de Estudos Gerais, atual Centro de Ciências Humanas e Naturais, que se reuniam nas pedras próximas ao Restaurante Universitário onde discutiam as idéias de "novos" teóricos da esquerda que propunham a revolução a partir do indivíduo e assim elevavam a importância do corpo e do prazer, questões que, para Zocra, eram deixadas de lado pela esquerda. "Eu vou ter que esperar o socialismo pra gozar? Eu não posso gozar agora? Não se podia transar, se apaixonar - essas eram consideradas questões burguesas", diz. O descanso nas rochas para repensar a militância e a repressão sexual, dentre outros temas, fez com que ficassem conhecidos como a Turma do Ócio.

O Ócio se constitui no primeiro ano da década de 80, a partir das insatisfações de militantes da esquerda com os partidos e tendências que apresentam um discurso aparentemente novo, mas práticas antiquadas e autoritárias. A busca por um novo jeito de fazer política e a descoberta de autores pouco lidos à época, como Friedrich Nietzsche, Giles Deleuze, Wilhelm Reich, Felix Guattari, Michel Foucault e Antonin Artaud, que questionam a verdade positivista, a certeza mecânica da história e os discursos formatados, reúnem estudantes dos mais diversos cursos para discutir textos, ouvir música, dançar, exercitar terapia reichiana e ficar sem fazer nada nas pedras espalhadas pelo campus de Goiabeiras.

"A famosa Turma do Ócio surge de maneira espontânea, como não poderia deixar de ser, da conjunção de diversas insatisfações de militantes da DS (Democracia Socialista), do Partidão e de outras tendências ou pura e simplesmente de pessoas que buscavam algo de novo. Nesse sentido, acredito que o Ócio foi, na realidade, uma atualização de movimentos libertários, desejantes,

lúdicos, que existiram na Europa, particularmente na França, no fim dos anos 60 e nos anos 70. Havia o desejo de não correr, mas produzir no lúdico, tomar o tempo de viver, de passear, de conversar, de ler, de dormir, de ouvir música, de improvisar, partir ao acaso, às vezes sob a chuva, nas ruas de Vitória, ao encontro do desconhecido. As famosas pedras localizadas próximas ao restaurante universitário da Ufes em Goiabeiras eram o ponto de encontro, mas existiam outras pedras", explica Cláudio Zanotelli, estudante de Economia no início dos anos 80 e integrante do Ócio.

Diferentemente da geração anterior, os estudantes que se encontram na Universidade no início dos anos 80 almejam a uma outra lógica, inspirada nos movimentos libertários e lúdicos que eclodiram na França em maio de 1968. Sobre as características do movimento e dos estudantes naquele período, Zanotelli pondera: "Acredito, sim, que o Ócio foi um movimento profundamente político. Novas formas de pensar o político, a contradição entre discurso e prática, assumir as contradições, assumir a imperfeição, assumir a vontade de nada fazer, a preguiça, o ócio, assumir-se e pensar-se, procurar-se. Estávamos em crise permanente e descobríamos todos os dias algo de diferente". A Turma do Ócio defendia a produção cultural como profundamente crítica e transformadora, assumia também a vontade de nada fazer e questionava a repressão da sexualidade. É sob a influência destas experiências que, em 1983, Zocra se matricula em Comunicação Social e reinicia sua formação, agora em um novo campo.

Quinta Parte - A Inquietação mágica dos Anos 80

Frequêntando o ciclo básico do curso, composto pelas disciplinas teóricas ministradas principalmente pelos professores de Ciências Sociais do Centro de Estudos Gerais, Zocra passa a compartilhar da insatisfação de outros estudantes de Comunicação Social no que se refere ao método didático e à postura autoritária de alguns professores. Paralelamente, no Centro de Artes, a professora Telma Guimarães passa a questionar o sistema vigente de ensino da arte, bem como a produção artística baseada num ensino antiquado, buscando metodologias que levassem a arte sem academicismo para fora da sala de aula e definindo novos critérios de avaliação dos estudantes.

Dessas insatisfações, surge um dos movimentos mais significativos da história da Universidade, que ficou conhecido como Balão Mágico. Por não ser estruturado nem politizado, não obteve conseqüências políticas práticas. Com idéias e atitudes pouco convencionais, realizadas de maneira espontânea e anárquica, chocaram professores e estudantes com protestos pelo campus da Ufes.

Porém, as performances radicais de contestação e crítica à situação do curso, da Universidade e da situação vivida, que de imediato podiam mais causar espanto do que contribuir para uma solução, acabaram por mobilizar também outros estudantes. Grupos que não se identificavam, viram a necessidade de se organizar para restabelecer o diálogo e exprimir as idéias que estavam por trás dessas manifestações. O Balão, mesmo sem este propósito, possibilitou um espaço de negociação antes inexistente que resultaria em grandes conquistas para o curso. (Confira, também, o capítulo 4).

Entre 1985 e 1986, o curso de Comunicação Social recebe estudantes que serão responsáveis por um novo período, cujo interesse maior está no retorno à representação formal dos estudantes por meio do centro acadêmico. Apesar da ainda presente influência das idéias do Balão Mágico, as experiências de auto-gestão anteriormente desenvolvidas por eles, serão encaradas como ineficientes. Nestes dois anos, os estudantes insatisfeitos não medirão esforços para através das decisões obtidas em consenso, alcançar uma formação com a qualidade desejada.

Sexta Parte - Refluxo

Isabel Augusto participou no início dos anos 80 das manifestações populares promovidas pelo incipiente Partido dos Trabalhadores e por outros grupos de esquerda em sua cidade natal, Baixo Guandu. Influenciada pelos irmãos e pelo clima de contestação do período, Isabel pintava clandestinamente estrelas vermelhas em panos brancos. No primeiro semestre de 1985, após viver a frustração da campanha pelas eleições diretas, enterrada pela votação no Congresso Nacional, inicia sua formação em Comunicação Social.

No dia 17 de março de 1986, início do segundo ano de faculdade, Isabel assistia às aulas no Centro de Estudos Gerais, quando estudantes matriculados na disciplina Impresso I convocam os alunos de outros períodos para uma manifestação na Reitoria. No principal prédio administrativo da

Universidade, os estudantes chegam pronunciando palavras de ordem, enquanto batem, de forma sincronizada, as tampas das máquinas de escrever no piso de mármore. As Remington haviam sido retiradas das salas de máquinas do curso de Comunicação Social e levadas para um enterro simbólico, como protesto pela falta de equipamentos indispensáveis para as disciplinas práticas.

É neste momento que Isabel se dá conta da necessidade de os estudantes se organizarem e elegerem seus representantes nas negociações pelo aperfeiçoamento do curso. Já há algum tempo o Centro Acadêmico era mantido de modo informal, sem diretoria eleita, no que se convencionou chamar de auto-gestão, e isto contribuiu para o arrefecimento do movimento estudantil e, por conseguinte, para a acomodação de grande parte dos estudantes.

Imbuídos da vontade de reativar o movimento estudantil de tom mais politizado no curso de Comunicação Social, os alunos que discordam da forma de protesto por meio de performances que caracteriza o Balão Mágico realizarão, logo após a manifestação na Reitoria, uma eleição para diretoria do Centro Acadêmico Livre. Assim, os discentes teriam representantes oficiais para compor a Comissão designada pelo reitor José Antônio Saadi Abi-Zaid após o enterro das máquinas. A Comissão deveria "apresentar à Reitoria alternativas que visem a resolver o problema da área física para o Curso de Comunicação".

A portaria número 0127, de 25 de março de 1986, indicava a seguinte composição para a Comissão: Enildo Carvalhinho, Sub-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento, Sebastião Edwar Costa, Diretor do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Maria Helena Lindenberg Coelho Amoedo Lopes, Diretora do Centro de Artes, Ismael Thompson de Paula, Chefe do Departamento de Comunicação Social, Kleber Frizera, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, e os discentes Ernandes Zanon, Isabel Regina Augusto, Waldir Sarmiento e Nilton Lima dos Santos Neto. As atividades da Comissão consistiam em reuniões, nas quais se estudava a planta da Universidade com o objetivo de descobrir qual Centro teria capacidade física para sediar de forma definitiva e satisfatória o curso de Comunicação Social, cujos estudantes faziam disciplinas espalhadas por cinco centros de ensino (os laboratórios de rádio e televisão estavam no Centro Pedagógico; as aulas do ciclo básico eram ministradas no Centro de Estudos Gerais; disciplinas que requeriam o uso de pranchetas obrigavam os professores a utilizarem algumas salas do Centro Tecnológico; além das disciplinas práticas no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas e do laboratório de fotografia no Centro de Artes).

"Esta Comissão estava estudando as possibilidades onde, dentro do campus, poderia ser abrigado o curso de Comunicação. Parte das reivindicações era o laboratório de fotografia, todos os laboratórios. Inclusive a gente ameaçava de ir ao MEC. Porque o curso não poderia funcionar dessa forma", afirma Isabel Augusto, que participou das reuniões como representante dos estudantes.

A comissão foi designada dentro do prazo estipulado pelos estudantes no ofício aprovado em assembléia geral no dia 23 e enviado ao reitor no dia 24 de março. O documento apontava problemas enfrentados pelo curso, justificava a manifestação ocorrida no prédio da Reitoria, enumerava "as sérias dificuldades que interferem no andamento de nossa aprendizagem", devido à dispersão dos alunos por vários prédios, e cobrava soluções:

"Sabendo da necessidade, de se encaminhar um movimento dentro das estruturas legais existentes na Universidade, foram solicitadas ao Magnífico Reitor em audiência

no dia 17 de Março/86, providências no sentido de atender as reivindicações feitas. No entanto, queremos, de antemão, um comprometimento do Magnífico, por escrito, com um prazo definido para solução da posse administrativa do CEM UNI í pelo Curso de Comunicação Social. Diante disso, estamos aguardando resposta da Reitoria com prazo estipulado para terça-feira, dia 25 (vinte e cinco) de Março/86, em que decidiremos os próximos passos que serão tomados pelo movimento durante Assembléia."

A movimentação dos estudantes neste período não se resumiu às reuniões da comissão. Assembléias eram realizadas no Restaurante Universitário e aulas do curso eram ministradas no CEMUNI I com a intenção de mostrar que no Centro de Artes, objeto de desejo da maioria dos estudantes de Comunicação Social, havia espaço ocioso. Além disso, em decorrência da luta pela qualidade de formação, os estudantes realizaram uma Semana de Comunicação, e com apoio da Reitoria conseguiram trazer três palestrantes de renome nacional para palestrar em três áreas de interesse dos estudantes: rádio, publicidade e cinema. "A gente percebeu também que naquele momento nós estávamos com poder de barganha, então organizamos uma Semana de Comunicação, e conseguimos trazer três palestrantes. A Reitoria nos deu, eu fui negociar isso como representante", lembra Isabel.

Ao longo das reuniões da comissão, Isabel andava pelo campus com um gravador obsoleto utilizado para gravar todos os momentos decisivos das reuniões que, posteriormente, seriam ouvidos pelo restante dos estudantes nas assembléias. Isabel se preocupava ao máximo em tornar transparentes os atos e decisões da comissão e esperava que os próximos passos e manifestos dos estudantes fossem deliberados por consenso.

A transferência do curso para o Centro de Artes, vontade da maioria dos estudantes em 1986, era debatida desde 1983, quando a portaria 181, de 24 de maio, assinada pelo Reitor Rômulo Augusto Penina, resolve "criar uma comissão encarregada de estudar a viabilidade da transferência do Curso de Comunicação Social do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas para o Centro de Artes e designar os seus integrantes: - Pelo CCJE os Professores Arlindo de Castro Filho e Tânia Mara Corrêa Ferreira e os representantes estudantis Jesus Actschim Miguez e Rosa Maria Trevas; - Pelo Centro de Artes os Professores Telma Maria de Assis Guimarães e Kleber Perini Frizzera e os representantes estudantis Ernandes Zanon Guimarães e Paulo Vargas Neto".

Esta primeira Comissão contava com membros do Balão Mágico, grupo que sempre defendeu a posição de mudança do Curso para o Centro de Artes. Em 1986, os estudantes ligados ao CA partilhavam do mesmo desejo dos membros do Balão, mas discordavam da forma de reivindicação. Isabel temia que as atitudes radicais da Turma do Balão Mágico pudessem encerrar o diálogo aberto com a Reitoria após o protesto das máquinas, e se esforçava para que seus membros participassem das reuniões e das decisões. Sobre as performances do Balão, Isabel considera: "Eu acho que a teoria deles era de que era preciso chocar para despertar, para que ocorresse uma agitação. Só que eles não avançavam; um diálogo não podia ser desenvolvido nessas bases".

Quando se esgotava o prazo concedido à comissão para finalização dos trabalhos, um parecer técnico foi apresentado pela Prefeitura Universitária. O parecer concluía que era possível desocupar um prédio no CCJE para abrigar os laboratórios de redação e de fotografia, posicionamento que, por um lado, desagradava a maior parte dos estudantes de Comunicação Social que, em assembléia, demonstravam o interesse de ir para o Centro de Artes; por outro lado, contemplava a posição da diretoria do Centro de Artes que manifestava ser impossível abrigar o Curso sem a construção de um novo prédio. O parecer técnico terminou por ser aprovado pela comissão e foi levado ao Conselho Universitário para conclusão final. Para Isabel, o resultado não foi meramente técnico: "A Comissão apresentou um parecer técnico que na verdade era político. Por isso a ocupação do CEMUNI, para demonstrar na prática, com aulas, que era ocioso".

Sétima Parte - Na cabine 8

Durante os sete anos em que esteve matriculado como estudante de Comunicação Social, Zocra Carminati cursou Publicidade e Jornalismo. Em 1986, na disciplina de Radiojornalismo, Zocra, Ernandes Zanon e Mauro Paste elaboram um projeto de rádio livre que, com o aval e a assinatura da professora Glecy Coutinho, seria apresentado à Diretora da Biblioteca Central da Universidade. Com o projeto, os estudantes pretendiam montar uma estrutura de rádio, com transmissor e antena, e instalar o estúdio em uma das cabines de leituras da biblioteca. A rádio seria aberta à participação de todos os estudantes, que deveriam geri-la e elaborar toda programação.

Em 1985, alguns alunos da disciplina de Telejornalismo da professora Silvia Chiabai, dentre eles Zocra Carminati, mantinham outro projeto, na região da Grande São Pedro. Eles ministravam oficinas de vídeo para os moradores do bairro, realizavam gravações relacionadas à ocupação dos terrenos e exibiam-nas nas reuniões da associação comunitária. Por meio deste projeto, os estudantes conseguiram arrecadar uma verba junto ao Departamento de Estado da Cultura para a montagem da antena e do transmissor.

Aceita pela Diretora da Biblioteca Central, a Rádio TX 107.3 é instalada na cabine 8, enquanto sua antena é fixada no terraço, e permanece no ar por 33 dias (para uns) ou por 3 meses (para outros). O certo é que a experiência de rádio livre logo foi apropriada pelos estudantes da Universidade e permanecia no ar, sob domínio coletivo, das sete e trinta da manhã até as dez da noite, horário de funcionamento da biblioteca.

Para fazer ecoar a programação da rádio na Universidade, foram instaladas caixas de som no Restaurante Universitário. Estas caixas foram essenciais para a mobilização dos estudantes na primeira batida da Polícia Federal. O apresentador que se encontrava na cabine 8 no momento da invasão da PF deixou o microfone aberto, transmitindo toda a discussão entre os agentes federais e os estudantes. Aqueles que se encontravam no RU rapidamente se dirigiram para o local e, juntamente com a diretora da Biblioteca Central, que interveio em favor da rádio, evitaram que a polícia lacrasse o transmissor.

Glecy Coutinho, orientadora do projeto, foi chamada diversas vezes ao Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentei), órgão que regulamentava as telecomunicações e era coordenado por um coronel, para depor sobre o caso da Rádio TX. Ela argumentava: "Os meninos são bons, e em breve se transformarão em pais de família, em jornalistas da Gazeta".

Sob ameaça de perder o transmissor com outra batida da Polícia Federal, os estudantes encerraram as atividades da Rádio TX 107.3, que voltou ao ar algumas vezes, nas pedras do campus sob comando de estudantes dos mais diversos cursos e no ENECOM (Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação Social), realizado na Universidade Federal do Espírito Santo em 1987.

A iniciativa dos estudantes de Comunicação Social foi fundamental para que a Universidade se convencesse da importância de um canal universitário de rádio. Logo após o término das transmissões na Biblioteca Central, foram iniciadas as discussões para a apropriação da frequência à qual a Universidade Federal do Espírito Santo tinha direito. Uma comissão foi formada, composta por representantes da Reitoria, professores e estudantes para elaborar o Projeto Pedagógico que seria posto em prática pela rádio.

Desde 1989, ano em que entrou no ar, a Rádio Universitária conta com projetos e críticas de professores e estudantes do curso. Para alguns, o Departamento de Comunicação Social falhou ao não se interessar pela gerência da rádio, que teria sido oferecida pela Reitoria; outros afirmam que a Reitoria não possibilitou as condições financeiras necessárias, nem funcionários, para que o canal ficasse sob a tutela do Departamento. Outras questões, como o Conselho de Programação, que nunca foi efetivado, e a participação dos estudantes de Comunicação Social na elaboração de programas estiveram, desde a fundação da rádio, na pauta de discussões do movimento estudantil. Na década de 90, sem a intermediação do Departamento, estudantes de Comunicação Social elaboram projetos para a programação da Rádio Universitária e ocupam as vagas de estágio oferecidas pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida. (Confira, também, no capítulo 2)

Oitava Parte - Os anos 90 e a produção independente

Em 1993, Erly Vieira Júnior se preparava para o vestibular de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Apaixonado por música, escutava a programação diária da Rádio Universitária, especialmente o programa de rock independente Coquetel Molotov, apresentado pelo estudante de jornalismo Alexander Pandini.

Vindo de Colatina, no norte do Estado, Pandini iniciou sua formação em Comunicação Social em 1988. Ainda calouro participou do Centro Acadêmico na gestão Apocalípticos e Integrados. Como não possuía economias suficientes para se manter sem a família em Vitória, passava os dias na Universidade e dormia na casa de amigos e parentes. Durante dois meses pernitoou na sede da Rádio Universitária, onde trabalhava como estagiário. Contava com a ajuda da faxineira, que o acordava todos os dias de manhã antes dos funcionários chegarem. Nesta época, de 1990 a 1994, a 104.7 FM oferecia estágio remunerado e mantinha uma equipe de jornalismo com carro a disposição.

De outubro de 1996 a novembro de 1997, seria a vez de Erly Vieira apresentar um programa na Rádio Universitária. Erly e Janaína Assis, ambos estudantes de Publicidade, foram os idealizadores, produtores e apresentadores do Balaço Black, programa que mesclava black music com música eletrônica e era transmitido aos sábados, das 19 às 20 horas.

Sob a direção de Conceição Soares, a rádio ainda cultivava o caráter de experimentação, aberta para produções independentes de alunos da Universidade. O Balaço Black, nos seus treze meses de duração, pegou o boom da música eletrônica e atingiu o primeiro lugar da audiência entre rádios jovens no seu horário. Sob o comando de Jana e Babe, o programa mesclava mixagens improváveis com informações sobre música. Sobre a rádio e o programa, Erly afirma: "A gente possuía uma liberdade de criação que nos permitia fazer programas inteiros focando aspectos típicos dos gêneros musicais que a gente tocava: linhas de baixo, samplers (esse tema rendeu dois programas), wah-wah... E o público aceitava bem essa mistura de falação e música, mesmo quando a gente pesava a mão no lado b e deixava os hits de lado".

Dois outros estudantes de Comunicação Social se destacaram na programação diária da Rádio. Léo K-bong e Rodrigo Rosa apresentavam o programa *Brasil-Jamaica* que contribuiu para a popularização do reggae na Grande Vitória e manteve entre 1996 e 1999 a maior audiência da Universitária.

Paralelamente aos projetos de rádio, estudantes de Comunicação se articulavam para outras empreitadas, como a reorganização do Centro Acadêmico e a produção independente de vídeo. O CA se encontrava desarticulado desde o início da década, mas em 1994 alguns estudantes se mobilizaram para reativar o espaço, realizando eleições e conseguindo móveis novos. Um ano depois, estudantes vestindo roupas pretas realizam o enterro simbólico de uma máquina de escrever no prédio da Reitoria. Este foi o terceiro protesto com estas características ocorrido na história do curso e, assim como os anteriores, pretendia chamar a atenção para as péssimas condições laboratoriais oferecidas. Em 1990, os microcomputadores começaram a ser instalados no campus de Goiabeiras, mas até 1995 os estudantes de Comunicação Social não tinham acesso às novas máquinas. A manifestação levou a Reitoria, sob administração de Roberto Penedo, a providenciar alguns micros já defasados para o início do laboratório do Curso.

Em 1997, depois de participar, representando o papel de padre, do enterro das máquinas na Reitoria, Erly Vieira participa, juntamente com outros monitores dos laboratórios do curso, da formação da chapa Medusa, que dirigirá por um ano o Centro Acadêmico. Além de Erly e Luciana Gama, monitores do Laboratório de Vídeo, a chapa conta com Thaiz Sabbagh, Edson Dalmonte, Fernanda Portela, Kathia Natalie, Jovana Moreira, dentre outros. A Medusa foi a gestão que decidiu usar a primeira semana de aulas de cada período para realizar atividades de recepção aos calouros, com oficinas e debates. A Semana Calórica se tornou uma das marcas do movimento estudantil de Comunicação Social, assim como o Boicote ao Provão.

O Boicote ao Provão foi uma campanha iniciada em 1998 pela Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS) para combater o Exame Nacional de Cursos e fez parte dos esforços da Executiva na luta pela qualidade de formação em Comunicação. Na Universidade Federal do Espírito Santo, a campanha de Boicote ao Provão foi possível com a

aproximação do Centro Acadêmico com a ENECOS e sempre contou com a adesão de grande parte dos estudantes do Curso.

A principal característica da produção dos estudantes, nesse período, é a independência em relação ao Departamento, que restringia a utilização dos equipamentos de vídeo dos laboratórios do curso. Estudantes interessados na produção audiovisual se desdobravam para conseguir câmeras e formar grupos como o OVNI, composto por Rodrigo Linhales, Tati Rabelo, Cristiano Vidal, Larissa Machado, Virgínia Jorge, Lizandro Nunes e Luciana Gama. Naquela ocasião, os estudantes de Comunicação da Ufes passam a ocupar espaços relacionados a cinema e vídeo fora da Universidade, como as oficinas do festival Vitória Cine Vídeo.

Na *Parede, Na Toalha, No Lençol*, vídeo documentário de 1997, dirigido por Lizandro Nunes, Ursula Dart, Virgínia Jorge e Luciana Gama, que conta a história do movimento cineclubista no Espírito Santo e no Brasil, foi editado de madrugada, escondido, no Laboratório de Vídeo do Curso de Comunicação Social. Ainda assim, foi premiado como Melhor Vídeo Documentário no Festival de Vídeo da Paraíba e ganhou o Prêmio Especial do Júri no Festival de Cinema e Vídeo de Curitiba.

Nos anos 90, a produção dos estudantes não tinha a característica de contracultura que marcou as décadas anteriores, ao contrário, as atividades eram direcionadas para a consolidação de uma carreira na área e para as exigências do mercado. Hoje, Erly Vieira relembra a falta de apoio do departamento às iniciativas deste período, mas considera a Universidade como fundamental para o encontro desta geração de "pessoas interessantes".

Fotos: Arquivo Vítor Graize



O Ponto de Partida em ação:
Música, cores e contestação no teatro infantil do fim dos anos 70 e início dos 80



Assembléia de estudantes de Comunicação Social para discutir a formação do Centro Acadêmico Livre

VOTE em

PRETO e BRANCO

C.A. LIVRE - COMUNICAÇÃO SOCIAL.

PALAVRAS

VESTIBULAR-UNIVERSIDADE-COMUNICAÇÃO-ESPAÇO-CULTURA
PESQUISA-JORNAL-ESTUDANTE-BIBLIOTECA-VIDEO-LABORATÓRIOS
AGÊNCIA-PROFISSIONAIS-DEMOCRACIA-AULAS-TEATRO-IMPRESA-DEBATE
MEC-VERBAS-COBRANÇA-GREVES-LUTA-ASSISTÊNCIA-PROFESSORES-TV
MÚSICA-DIVULGAÇÃO-MUDANÇA-EQUIPAMENTO-EXPERIÊNCIA-SONS-ALTERNATIVA
PARTICIPAÇÃO-CENTROACADÊMICO-MOVIMENTO-CONSCIÊNCIA-IDEIAS-SOLUÇÃO
- CRIAÇÃO-IMAGENS-CINEMA-SONHOS-FOTOGRAFIA-RUIDOS-SEMIÓTICA-
RÁDIO-SONS-TRANSMISSOR-PROJETOS-OPORTUNIDADE-STUDIO-PIRATARIA
LIVROS-SEMINÁRIO-RESTAURANTE-FUNICIONÁRIO-ÔNIBUS-SOCIEDADE-EMPREGO
AULAS-COMPETÊNCIA-SALAS-HIPOCRIZIA-TRANSFORMAÇÃO-CONHECIMENTO
REVISTA-PARALIZAÇÃO-CARTAZ-DESPICIÊNCIA-PUBLICAR-QUALIDADE-LITERATURA
OFICINAS-CAMERA-NOVIDADES-CRIATIVIDADE-PAIXÃO-CONCRETIZAÇÃO-ARTE
POLÊMICA-EXTENÇÃO-PALESTRA-EXPOSIÇÃO-DEBATE-TECNOLOGIA-LIBERDADE
VOTO- -ESCOLHA-MANIFESTO-ESTÁGIO-EXPRESSION

PALAVRAS-PALAVRAS-PALAVRAS

PALAVRAS-PALAVRAS-PALAVRAS

CHECA DE PALAVRAS !!!

29 e 30 de Agosto

Carta-programa da chapa Preto e Branco para eleição do diretório do Centro Acadêmico Livre no fim dos anos 80



GRITO

órgão do diretório acadêmico do ccje

VOLUME III - ABRIL DE 1979

DIRETÓRIO ACADÊMICO DOS ESTUDANTES DO CCJE-UFES

EDITORIAL

O MOVIMENTO NO CCJE E NA UFES

As entidades como DAC, CAJ, DCE, etc. vinculadas ao movimento dos estudantes ao longo de vários anos no decorrer de suas existências, vêm buscando formas para superar suas limitações. Nesse sentido, o Diretório do DACCE "TODOS MUNDOS NO DIA" propôs a criação de um Semanário de notícias para cada curso do DIRETÓRIO, ou seja, uma publicação geral ao funcionamento da instituição para que todos os

ONDE ESTÃO AS NOSSAS LUTAS?

SESAC

Semana de Saúde Comunitária

Publicação do Diretório Acadêmico do CCJE, em que consta nota sobre a formação do Centro Acadêmico Livre de Comunicação Social (abaixo)



Alunos reclamam das péssimas condições das salas de aula

artistas: Hélio Coelho, Marta Baião, Eduardo Pignaton e outros. No local há também uma farta documentação do folclore capixaba. A exposição UNIDADE continua até o dia 21 de abril, quando haverá a festa de encerramento, às 18 horas, no local da exposição, com a apresentação de vários grupos. Não deixe de ver.

COMUNICAÇÃO

Os estudantes do curso de comunicação realizaram uma assembléia no último dia 10 onde iniciou-se um processo de discussão acerca da construção do Centro Acadêmico, tirando a Comissão Pró-C.A., ela terá o papel de viabilizar e levar a discussão sobre o C.A., de modo a tornar esta nova entidade forte, representativa e DEMOCRÁTICA.

ccaa

CURSO ANGLU
INGLÊS AUDIO VISUAL

Rua Barão de Itapemirim, 14
Vitória

R. Antonio Ataíde, 969
Vila Velha
Fones: 223.6843 - 229.5743

Eles viraram notícia

Fábio Botacin e Fernando Casagrande

Nos 30 anos do curso de Comunicação Social da Ufes, que contamos nas páginas deste livro, mais de 1.400 profissionais se formaram para produzir notícias. No entanto, alguns deles se tornaram a própria notícia. Inúmeras foram as manchetes produzidas a partir das atividades daqueles que alcançaram notoriedade fora do jornalismo ou da publicidade. Aqui, abordaremos a trajetória daqueles que viraram pauta dos veículos de comunicação.

Para ambientar melhor a discussão em torno da vida das nossas personalidades, vamos "trazê-las" para dentro da redação de um jornal, até para dar-lhes um gostinho daquilo que não experimentam mais ou simplesmente nunca saborearam: o universo da produção de notícias. A redação de um jornal impresso é dividida por editorias. No nosso "passeio" por esse ambiente, vamos desbravar algumas dessas divisões, a partir das atividades de nossos comunicadores desgarrados.

A editoria de Política sempre se destacou por ter os repórteres mais bem relacionados com o poder e com estreita relação com as fontes certas. Você, caro leitor, deve imaginar que sempre são os repórteres que vão até os entrevistados, mas, hoje, encontramos uma das principais personagens da política capixaba na redação.

Rita de Cássia Paste Camata, ou simplesmente Rita Camata, estudou na Ufes, formou-se em Jornalismo e tornou-se um dos principais expoentes da política capixaba. Para início de conversa, perguntamos a Rita Camata como foi a sua trajetória no curso.

— *Bem, Fábio, o período em que estive no curso de Comunicação da Ufes foi marcado por grandes mudanças em minha vida. Entre 1979 e 1987, passei a enxergar o mundo com outros olhos, casei-me com o Gérson Camata, que seria eleito governador do Estado, em 1983, e entrei para a política, tendo sido eleita deputada federal em 1986.*

— *Mas, conciliar estudos com política e eleição não chegou a atrapalhar de alguma maneira?*

— *Estudar e estar na política ao mesmo tempo fez com que eu tivesse de suspender, por alguns períodos, as atividades acadêmicas. Mas o resultado foi positivo. As lições da vida e o aprendizado da Academia se integraram em minha formação pessoal e profissional, com marcas indeléveis.*

Ficamos imaginando qual seria, na opinião da ex-deputada federal e ex-candidata a vice-presidente da República, a relação entre o jornalismo e a política. Pergunta feita, resposta dada:

— *O jornalismo me deu maior capacidade crítica para ler o mundo, estabelecer nexos para além da aparência naturalizada dos fatos sociais. Buscar alternativas, pensar e agir objetivamente. Não só na cobertura de meus atos como pessoa pública, mas também na hora de ver o mundo, decidir e planejar meus atos, o jornalismo me acompanha.*

Como secretária estadual de Desenvolvimento, de Infra-Estrutura e dos Transportes, e, por isso, com o tempo bastante restrito, não podíamos mais usufruir da presença de Rita Camata, que, mesmo com a agenda lotada, aguardava para dar uma entrevista ao jornal. Então, pedimos que ela comentasse, brevemente, para você, caro leitor, a sua experiência na Ufes:

— *Posso dizer que, além de escola de Jornalismo, o curso de Comunicação Social foi também uma escola de política. Afinal, esses são dois campos que se cruzam diariamente. Sendo baseados no bom caráter e pautados pelo amipromisso com a coletividade, têm a mesma pauta: um mundo melhor para todos.*

Despedimo-nos da simpática Rita Camata e seguimos rumo à editoria de Cultura, e lá estavam três ilustres ex-alunos do curso: Alvarito Mendes Filho, Adilson Vilaça e Tatiana Wuó.

Empolgado com as personalidades que ali estavam presentes, Fernando, após cumprimentar a todos, pergunta se eles não teriam um tempinho disponível para uma breve conversa. Explicou que estava colhendo alguns depoimentos de estudantes que passaram pelo Curso de Comunicação Social da Ufes e se tornaram destaques em outras áreas de atuação. Eles se dispuseram a contar um pouco de sua história, e um longo bate-papo foi iniciado.

— *Alvarito, conte-nos como foi a opção pelo curso de Comunicação. Sabemos que você já era formado em Letras, é verdade?*

— *Sim, a minha primeira graduação foi em Letras. Após concluir o curso eu prestei vestibular pela segunda vez, e passei para o curso de Comunicação Social, em 1979.*

— *E por que Comunicação Social?*

— *Eu já escrevia. Tinha alguns livros lançados e produzia textos para teatro também. Resolvi fazer Comunicação porque queria publicar os meus textos. Além disso, o curso proporcionava um embasamento social, político, econômico e cultural que eu não encontrei no curso de Letras. No meu caso, o jornalismo completou minha graduação anterior. Minha poesia e minha dramaturgia são engajadas no social e, no curso de Comunicação, eu produzia mais literatura que na Letras. Mas somente na vida profissional é que o curso se completa.*

Ao ser solicitado para que falasse um pouco sobre seu período dentro da Universidade, Alvarito se recordou de inúmeras passagens, a maior parte delas ligadas ao teatro:

— *Recordo-me de uma passagem muito marcante enquanto eu fazia Comunicação. Como estava sempre envolvido com o teatro, uma vez eu s. um grupo de amigos fomos fazer uma apresentação num festival no Teatro da Universidade Católica de São Paulo. Nossa peça foi apresentada*

no sábado, e voltamos para Vitória, Durante o domingo, vendo uma chamada para o Fantástico, ouvi a notícia que o teatro TUCA havia sido incendiado após um curto-circuito. O nosso grupo da Ufes foi o último a se apresentar no antigo teatro!

Interessado no desdobramento da conversa, Fernando continua a perguntar:

— *E como foi a sua vida profissional após fazer o curso de Comunicação?*

— *O meu primeiro emprego foi na TV Vitória, quando ainda era afiliada à extinta Rede Manchete. No meu teste para admissão, fiz uma matéria sobre surfistas de periferia, jovens que vinham de longe para surfar na praia de Camburi. Na mesma noite, vendo o telejornal da emissora, vi minha matéria encerrando a edição. Então, tive a certeza que havia sido aprovado. Ao mesmo tempo, me envolvi com a propaganda, uma fonte viável de renda. Na época, fazia o comercial de uma loja do Centro de Vitória chamada Nova Brasília, que vendia roupas bem populares. Também passei a trabalhar para o Caderno Dois, de A Gazeta, onde eu permaneci por nove anos. Em seguida, prestei concurso para Prefeitura de Vitória, e fui aprovado para trabalhar na assessoria de imprensa. Tive de abandonar meu emprego na TV, por falta de tempo para conciliar tantas atividades. Eu costumo dizer que vivi uma época em que tinha prazer com o teatro, trabalho com o jornalismo e dinheiro com a propaganda.*

Para concluir, Fernando pediu que Alvarito falasse um pouco sobre os motivos que o levaram a não priorizar o jornalismo. Também buscamos notícias sobre a sua atual ocupação.

— *Depois de um tempo, deixei a profissão de jornalista. Necessitava de mais tempo para me dedicar ao teatro, e abri mão da minha atuação na redação e na assessoria. Atualmente, trabalho como professor na Escola de Teatro e Dança FAFÍ. Também criei uma companhia de teatro e trabalho na produção de espetáculos. Destaquei-me bastante na área, com diversos prêmios conquistados. Como escritor, ganhei oito prêmios em concursos de dramaturgia, isto é, texto para o teatro. No Festival de Teatro de Guaçuí, que é referência, já fui premiado 17 vezes em cinco anos, sendo três vezes como melhor diretor, duas vezes com a peça de melhor trilha sonora, e ganhei como melhor ator capixaba em 1995 e 1996. Mas ainda pretendo voltar para o jornalismo. Quando a minha imagem não mais servir à propaganda, pretendo voltar a escrever.*

A conversa continua na editoria de Cultura. Desta vez, pedimos que Adilson Vilaça nos contasse um pouco de sua história de vida. Ele comenta que em 1977 decidiu entrar no curso de

Comunicação da Ufes para resgatar um pouco de seu passado, pois, antes da graduação, já havia atuado no jornal Posição, uma antiga publicação capixaba. Antes do jornalismo, Adilson revela que chegou a se formar em Química e jogar futebol pelo Colatinense.

— Comecei a minha vida jogando futebol, mas minha vocação para o jornalismo despertou cedo. Ainda no primeiro e segundo graus do colégio, quando eu fazia jornais murais e de mimeógrafo. Ao fim do período do colégio, mudei-me para o Rio de Janeiro, para prosseguir os meus estudos. Fiz o curso técnico em Química. Retornando a Vitória, lecionei a disciplina em alguns colégios, mas dentro de mim sentia reacender uma antiga paixão, o jornalismo. Foi quando resolvi entrar para o curso de Comunicação.

Fábio pediu que Adilson destacasse os pontos marcantes de sua passagem pela Ufes e em qual momento da sua vida ele havia se apaixonado pela literatura.

— Eu atuava bastante no movimento estudantil. Quando eu estudava, havia o "Movimento Literário Universitário". Com um grupo de oito estudantes, sendo quatro só de Jornalismo, o movimento lançou um livro de poemas em 1978. Foi a primeira vez que publiquei um texto meu. O gosto pela literatura foi despertado dentro deste movimento. Em 1980, teve um concurso de contos na Ufes, e eu participei com um texto criado especialmente para a ocasião. Foi a primeira vez que escrevi em prosa.

Eu também ganhei e eles publicaram os textos dos 10 melhores autores. Os prêmios destes concursos eram bastante gratificantes, e nos impulsionavam a participar. Recordo-me de um concurso realizado pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, para livros de contos. Inscrevi-me e minha obra "A possível fuga de Ana dos Arcos" foi premiada. O concurso garantia a publicação do livro, que ocorreu no ano de 1984.

Adilson reforçou que o curso lhe deu base para a carreira de escritor, mas lembrou da sua atuação na área de Comunicação:

— *Eu fui o primeiro editor da Editora da Ufes e trabalhei também como secretário de Imprensa da Prefeitura de Colatina e na assessoria de comunicação do Governo de Gerson Camata. Mas eu precisava de tempo para me dedicar a minha grande paixão: a literatura.*

Desde então, sua produção literária é constante e seus trabalhos já receberam importantes prêmios, conforme nos conta o autor:

— *juntando toda minha produção, são 49 livros de estudo e pesquisa publicados. De literatura, são 28 publicações. E em todas elas eu trago a marca do jornalismo, que te dá disciplina, pois você aprende a trabalhar a escrita no espaço, um lugar a ser ocupado pelo texto, bem como as técnicas e os modos de coíferir clareza ao texto.*

Tatiana Wuó, que até o momento só escutava, também foi solicitada a falar um pouco da sua passagem pela Ufes. Fábio pediu que a vocalista da banda Crivo comentasse sua decisão de cursar Comunicação:

— *Quando decidi entrar para a Universidade, não sabia o que cursar. Optei por Comunicação Social na fila de inscrição para o vestibular. Eu fazia parte de uma banda, e achei que o curso era o que mais se identificava comigo. Quando entrei na Ufes, em 1998, eu tinha uma visão muito romântica do jornalismo, mas quando entrei para o mercado de trabalho percebi que a realidade era outra. Meu período dentro da Universidade foi bem trarqüilo, e minha formação ajudou bastante na divulgação da banda. Eu aprendi quais são os caminhos, como funciona, como é feita a notícia e como você faz para que a divulgação chegue ao público. Assim, minhas duas atividades se complementaram. O jornalismo não limita o meu trabalho. Ele não está ligado só a uma área, mas a um todo. Eu acho que a música, por exemplo, é comunicação social, bem como a arte, a pintura, ou um jornal.*

Fábio pediu que Tatiana comentasse sobre a visão que ela tem da Universidade e da sua formação:

— *A Ufes é um grande centro cultural do Estado. Por ser um lugar público, tem de ser democrático, estar aberto. Todo mundo passa pela Ufes, para estudar ou para fazer um show.*

Acredito que lá se registre a produção cultural mais inteligente e atuante. Sobre a minha formação, foi tudo bem! Meu trabalho de conclusão de curso foi um vídeo-documentário sobre a construção da usina hidrelétrica em Itueta, na divisa de Minas Gerais com o Espírito Santo. Com ele, ganhamos prêmio revelação do EcoCine, festival internacional de vídeo ambiental, em São Paulo. Ganhamos o prêmio melhor vídeo capixaba na mostra Mova Caparão, em Guaçuí (ES). Participamos de vários festivais, como o CineDocumento, no Rio, e do FórumDoc, em Belo Horizonte (MG). Divulgamos tanto o nosso trabalho quanto o da Ufes.

Quando Tatiana terminou de falar, os outros dois convidados que faltavam chegaram. Eles estavam sendo aguardados para iniciarem uma discussão sobre o cenário cultural capixaba, pois seria feita uma série de reportagens durante a semana naquele jornal. Eles também se dispuseram a falar um pouquinho sobre a passagem pela Universidade e como essa fase influenciou a vida de cada um.

Quem começou foi Creso Filho, ator e bailarino, que atualmente mora em Amsterdã, na Holanda. Fernando pediu que ele contasse o motivo que o levou a cursar Comunicação, em 1979. Creso resumiu:

— O curso era o que mais se aproximava do que eu queria, o teatro. Mas como não havia na Universidade, acabei optando pela Comunicação.

Creso lembra que era um estudante bastante ativo no mundo das artes cênicas. Nos anos 70 do século passado, havia os festivais de teatro universitário, que deram margem a boas conversas entre nossos convidados. Creso comenta a sua participação:

— Eu participei em 1978 de uma mostra de teatro universitário, mas ainda nem era estudante da Ufes. Essas mostras lotavam de estudantes universitários o Teatro Carlos Gomes. Entrei na montagem de "Morte e Vida Severina", porque estavam precisando de alguém que tocasse violão. E lá conheci Marta Baião, Beto Costa, Nazareth Martins e Rominho. Esse foi o núcleo do grupo que, mais tarde chamamos de "Ponto de Partida". Nossa proposta era fazer teatro mostrando de maneira poética, e não panfletária, assuntos como preconceito, diferenças sociais, racismo, poder.

Entusiasmado pelo assunto, Fábio perguntou a Creso como eram as apresentações do Ponto de Partida.

— Nós trabalhávamos com diferentes técnicas, usávamos muita maquiagem, muita música, muita cor e viajávamos muitíssimo por todo o Brasil. Era impressionante como cativávamos o público adulto. Éramos sucesso por onde passávamos. Chegamos a ser muito famosos. Todo mundo sabia quem era a gente. Éramos esperados ansiosamente em todos os grandes festivais de teatro brasileiro e saíamos sempre com uma porção de prêmios. (Confira, também, no capítulo 7)

A outra pessoa que havia se juntado ao grupo era Sérgio Nascimento, mais conhecido com Serjão, fundador e vocalista do grupo musical Lordose pra Leio. Serjão tomou conhecimento do que estava sendo discutido, e também contou um pouco da sua trajetória até chegar ao curso:

— Vim para Vitória em dezembro de 1988. Era uma escollia aleatória da minha mãe que, recém-separada do meu pai, buscava um outro lugar para morar com os três filhos. A princípio, foi difícil a mudança, pois demorei para me enturmar com os capixabas. Fiz um ano de cursinho e entrei para a Universidade na segunda turma do ano de 1991. Sempre gostei da área de Comunicação Social. Não me via fazendo outra coisa.

Como as outras pessoas já tinham falado um pouco sobre sua história, ficaram em silêncio, ouvindo Serjão falar. Volta e meia alguém o questionava, mas estavam todos interessados em saber como o curso contribuiu para o seu crescimento, pessoal e profissional. Ele prosseguiu:

— *Quando entrei para o curso, um universo novo se abria pra mim. Comecei a me envolver socialmente, e foi mais fácil criar amizades com pessoas que convivo até hoje. Minha passagem pelo curso foi marcada por momentos intensos, vividos dentro e fora das salas de aula. Foi de lá que surgiu o Lordose pra Leão, diversos amigos, as garotas, as cachaçadas, o período na Rádio Universitária. Com certeza, tudo isso alterou muito a minha percepção sobre o mundo.*

Fernando ficou bastante entusiasmado com o depoimento de Serjão. Ele via ali como um curso de graduação pode marcar para sempre a vida de uma pessoa, e ficou imaginando como seria a sua após a saída da Universidade. Aproveitou o momento e pediu a Serjão que falasse um pouco mais sobre isso.

— *Foi um divisor de águas, mudança de tudo na minha vida. Determinante do meu ofício, o rádio, onde trabalho até hoje.*

Questionado por Fernando, Serjão então começou a falar o sobre o seu envolvimento com a música:

— *Sempre me interessei por música. Morava em Brasília e acompanhei o surgimento de bandas como Legião Urbana, Plebe Rude e Capital Inicial. E foi essa experiência na Capital Federal, aliada aos conhecimentos adquiridos aqui na Universidade, que me fez capaz de, em dezembro de 1993, criar o programa "Rock por essas Bandas". O programa sobreviveu 10 anos, e foi o estopim para o boom experimentado recentemente pela música local. Depois da Rádio Universitária, esteve presente na programação da Rádio Cidade, da Rádio Transamérica, e deve voltar ao ar em breve. Hoje, sou supervisor artístico da Rádio Jovem Pan, e devo isso aos anos dourados que vivi dentro da Universidade.*

Quando Serjão terminou de falar, a jornalista responsável pelo painel convocou os convidados para iniciar um novo debate. Deixamos então aquele espaço da redação e por telefone contatamos mais uma pessoa que passou por nosso curso e se tornou destaque em outra área. Era o cineasta Ricardo Salles de Sá. A conversa foi breve.

Questionado sobre a importância do curso para sua carreira, Ricardo afirmou:

— *Infelizmente, minha passagem pela Universidade foi marcada por um período de muita luta. O curso não possuía equipamentos de audiovisual para que a gente pudesse desenvolver as nossas habilidades. O meu aprendizado foi completado por um período que estive fora do País, morando nos Estados Unidos. Tranquei o curso e fui pra lá me dedicar mais a esta área. Estudei cinema, fotografia e televisão. Retornei para o Brasil e concluí o curso. Cheguei a trabalhar como jornalista na TV Educativa e na TV Tribuna, mas saí para me dedicar ao cinema. Tenho alguns documentários premiados e alguns filmes exibidos em grandes festivais, não só aqui no Brasil, mas também na França e na Inglaterra.*

Ricardo ainda teve mais um contato com o curso, quando, em 1997, retornou para lecionar algumas disciplinas como professor substituto. Quando desligamos o telefone, nos deparamos com uma ilustre capixaba que hoje brilha mundo afora. A atriz e poetisa Elisa Lucinda, que estava diante de nós, nos corredores da redação. Aproveitamos a raríssima oportunidade para dialogar um pouco com ela, que estava ali para fazer a divulgação de seu mais novo livro, *Contos de Vista*.

A capixaba Elisa Lucinda, atualmente radicada no Rio de Janeiro, também passou pela Ufes. Elisa dedicou uns minutinhos do seu tempo para nos falar da importância do curso na sua vida. Quando questionada sobre os motivos que a fizeram cursar Comunicação Social, ela respondeu:

— Para mim foi definitiva a entrada dessa faculdade na nossa Universidade, porque, fora esse, nenhum curso me interessava, uma vez que eu estava focada no desejo de estudar Artes Dramáticas no Rio de Janeiro. Mas o pioneiro curso de Comunicação tinha seu charme de novidade, eu sempre gostei de palavra, de comunicação e a idéia de ser jornalista me atraía. Juntando essas circunstâncias, meu pai, Dr. Uno Santos Gomes, acabou me convencendo a seguir neste caminho. Foi um período maravilhoso e eu não queria saber de outra vida. A Ufes era o meu paraíso. Sempre gostei de ciências humanas e o curso básico era uma festa nesse quesito. Passava o dia fazendo milhares de atividades curriculares e extracurriculares que incluíam boas notas, irreverência, revoluções, namoros e passeios na caixa d'água. A Ufes deu fundamento às minhas convicções empíricas e chão pra minha liberdade.

Sobre sua aproximação com a arte, Elisa se recorda de como ela sempre esteve presente em sua vida:

— Eu, como ainda não tinha consciência absoluta de que era uma artista, pegava um ônibus em Vila Velha pra ir à Universidade totalmente fantasiada como se fosse carnaval ou como se eu fosse um personagem: usava camisolas de cetim de minha mãe como se fossem vestidos, usava sapatos de salto e bico fino comprados em bazar, luvas de época, cores de pérolas e penas na cabeça, sem esquecer da minha marca registrada, que eram sombrinhas coloridas de cabo e ponta agulha sempre a me acompanhar, independente de sol ou chuva, como adereço ou até como proteção. Detalhe: as aulas começavam às 7h da manhã. Sempre me impressiono quando me lembro que meu pai e minha mãe é que eram meus figurinistas e eram os que menos se espantavam comigo. Sei que sou filha de pais esclarecidos - Divalda e Lino - e percebo também que eles já sabiam que eu não era "normal". Hoje, vindo na memória essa figura absurda, pergunto a mim mesma o que será que queria aquela jovem com aquela indumentária escandalosa em uma cidade pequena do final dos anos 70! Pergunto e respondo: queria Palco. E fui achá-lo na Universidade. Foi na Ufes que encontrei Luciano Cola, Magno de Godói, Zanandré Avancini (que mais tarde me deu meu primeiro casamento e nosso filho Juliana) e Margarete Taquette. Formamos o grupo chamado Phantasias de Assúcar e montamos algumas peças que deram o que falar. Fora a primeira, que foi O Marinheiro, de Fernando Pessoa, todas as outras foram criações coletivas, sendo a mais famosa Bumba Meu Bucho. Era um besteirol sarcástico político e divertido que balançou a Universidade e a cidade naquela época, com direito a polícia e censores dentro do teatro a nos ameaçar.

Fascinado com este depoimento, Fernando pediu que Elisa resumisse em poucas palavras a importância da Universidade na sua vida. E Elisa foi categórica ao responder:

— Bem, afirmo que mesmo hoje, saída há 18 anos dessa minha terra em busca do meu sonho de ser artista e viver de minha arte, devo muito à Ufes, que me ensinou **quase** tudo para que o sonho de agora se cumprisse.

Mas não foi apenas **Elisa** Lucinda que encontramos ao sair da redação. Em visita ao Estado, para uma conferência, **Miriam** Leitão, jornalista-quase-economista, uma verdadeira representante da recém-surgida categoria de intelectuais da mídia, passava por aquele que tinha sido um de seus primeiros locais de trabalho. Apesar de não ter concluído o curso na Ufes, Miriam Leitão foi da primeira turma do curso, em 1975 e, mesmo com pouco tempo disponível, nos deu um depoimento que traduz perfeitamente aqueles anos de lutas, sonhos e disposição:

- Eu entrei pela primeira vez na Ufes para fazer História. Foi meu primeiro vestibular. Ainda não existia o curso de Comunicação. Fiquei só um ano na História. Ainda tenho aquele gosto de quero-mais, que o estudo interrompido me deixou. Não parei porque quis, mas forçada pelas circunstâncias: fui presa. Depois da prisão, vieram os processos e as dificuldades tantas que nós, jovens daquele tempo, enfrentávamos. Quando pude voltar a estudar já trabalhava em jornal no Espírito Santo, já havia sido contaminada pelo vício que carrego desde o início em uma redação. Foi só entrar num jornal e me apaixonar para sempre. Fui, portanto, atrás do registro.

Mas era impossível naquela turnei só cumprir o formal. O pessoal era muito inquieto'. Aquela nossa primeira turma tinha gente que já estava trabalhando, como eu e Glecy, tinha gente que estava começando a aprender o ofício lá. Isto não provocou desnível, pelo contrário. Formamos um grupo para fazer trabalhos, unindo experiênciás e disponibilidades diferentes. Lá estavam Annie Ciccattelli, Rita, Stela, além de Glecy. Fiz parte de outro grupo, de professores e alunos, que tinha dois objetivos: manter o curso - que surgiu para ser apenas temporário - e rediscutir o currículo. Como o curso está fazendo 30 anos, está claro que o primeiro objetivo foi atingido. O segundo, sempre será tarefa permanente. Alguns professores nos incentivavam a lutar por um curso melhor. Professores de outras áreas, de outros cursos, ajudavam com textos, inquietações, idéias. Fazíamos reuniões e reivindicávamos mais aulas, mais matérias, mais desafios. Queríamos ter disciplinas em outros departamentos, convencidos de que não existe jornalismo posto num compartimento estanque. Olhando hoje para trás, vejo que tínhamos razão. Um dos nossos pontos, por exemplo, era ter mais aula de português. Argumentávamos que esta era a nossa principal ferramenta e precisávamos usá-la bem. Partíamos da idéia que o jornalismo não é um ofício técnico, é, antes, a capacidade de ver o mundo, entendê-lo, escrever sobre ele, interpretá-lo. Ainda hoje, acho que é este o desafio. Éramos tão jovens e estávamos tão certos. Quantas gerações podem dizer isto?

Tomar um pouquinho do tempo de celebridades é uma façanha e um privilégio. Prova disso é que algumas não puderam nos atender. Mas a atenção, a emoção e o carinho daqueles que destinaram um tempinho para reviver a Ufes e o curso de Comunicação Social renderam depoimentos históricos. A eles, caro leitor, vão nossos agradecimentos.

As valiosas contribuições dessas personalidades, obtidas por telefone ou e-mail, permitiram que redigíssemos este texto, que têm um cenário fictício, mas é composto por personagens e histórias reais. Mixando imaginação e realidade, buscamos revelar o papel do curso na formação profissional de cada um e nos rumos que suas vidas tomaram, não em direção à produção de notícias, mas na geração de notícias.

Mesmo atuando em outras áreas, essas personalidades carregam as marcas da multidisciplinaridade da Comunicação Social, da nova visão de mundo que adquiriram no curso — são comunicadores em essência.

Do passado ao futuro: presente e perspectivas da Comunicação

Para finalizar o livro sobre os 30 anos do Curso de Comunicação Social da Ufes, os atuais professores do Departamento foram convidados a escrever artigos sobre o presente e o futuro da comunicação, seja no âmbito do ensino, seja a respeito de sua centralidade na conformação societária contemporânea.

Trinta anos. E agora?

Juçara Brittes

Associa-se o ensino público brasileiro a greves, falta de professores, perda salarial, desestímulo à pesquisa, defasagem tecnológica, poucas vagas, para elencar apenas alguns aspectos da realidade já petrificada nos níveis fundamental e médio e que avança, implacável, sobre o chamado terceiro grau. São raras as experiências não contaminadas por esses elementos destrutivos, e quando encontradas, de modo geral, são oásis no interior das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

Agregam-se às dificuldades provenientes de equívocos na condução de políticas públicas para este segmento outras tantas que remetem ao momento histórico vivido, diretamente vinculadas à evolução tecnológica, cujo universo tende a ser denominado Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC). Se tal fenômeno provoca alterações significativas para a totalidade planetária, aporta, para a área da comunicação social, drásticas rupturas, atingindo todas as variáveis envolvidas no sistema conhecimento-ensino-aprendizado. Temos, por conseguinte, questões pendentes tanto no campo epistemológico da comunicação - cada vez mais movediço e caleidoscópico - quanto em seu alicerce, se concordarmos com Thomas Khun, quem aponta as instituições como fontes geradoras do pensamento e produção científicos.

Sobrevivem, contudo, virtudes no sistema de ensino público. Entre elas arrola-se o estímulo à qualificação dos professores. Apesar de perdas significativas, da redução quantitativa das oportunidades e defasagem no valor de custeio dos estudos, é nas Ifes que ocorrem com maior sistematicidade. A relação aluno/professor em sala de aula, muito inferior ao que é praticado nas instituições privadas, e o fato da remuneração não estar vinculada às horas-aula ministradas, emprestam maior qualidade à tarefa. Adite-se a estabilidade profissional que ainda vigora, e perspectivas, embora tendentes a reduções, favoráveis para aposentadorias, se comparadas ao regime da previdência social. Resta, também a claudicante gratuidade do ensino, ressaltando-se que a redução do investimento no setor registra o grau de comprometimento do poder público com a educação do país. Persiste a imagem positiva quanto à formação alcançada pelos egressos, na maioria dos casos pertinente. Ela resulta, em rápida análise, do ambiente crítico decorrente da liberdade resistente e reconquistada nas instituições federais, do reduzido percentual aluno por professor em sala de aula e do fato da concorrência, nos concursos vestibulares, efetuar uma pré-seleção.

São virtudes, sim, mas são contraditórias, porque nem sempre emerge a face construtiva da cultura instalada. Bastam dois ou três exemplos para demonstrá-las: a estabilidade profissional, pensada enquanto elemento gerador de segurança e bem-estar propícios ao cultivo do espírito, facilmente se transforma em desestímulo. Gerado, em parte, pelo ambiente de serviço público que foi-se cristalizando ao longo dos anos, leva uma parcela significativa dos professores a apenas cumprir uma carga horária mínima em sala de aula, ou a acomodar-se em tarefas burocráticas, relegando sua missão docente à condição de fardo.

O concurso vestibular, apontado como indicativo de pré-seleção de candidatos "mais aptos" ao ensino superior tem, sem dúvida, seu lado excludente e elitista, o que nem de perto será resolvido por outro tipo de concorrência, no caso da Universidade Federal do Espírito Santo, com

as instituições privadas. Até o ano 2000, aproximadamente, o Curso de Comunicação Social da Ufes era o único do Estado, atraindo alunos de toda a região e de outras unidades federativas próximas, como Minas Gerais e Bahia. Desta época para cá, mais 14 cursos na área foram implantados na capital e arredores, o que não modificou, significativamente, a demanda do concurso vestibular, provavelmente pelo custo das escolas particulares e pela imagem que a Ufes desfruta (desfrutava?), como centro de ensino de qualidade. A situação tende a modificar-se na medida em que as particulares vão consolidando seu trabalho, e que cresce a absorção de egressos dessas IES pelo mercado, demonstrando uma formação sólida em andamento. Mas não seria a própria disputa acirrada do concurso vestibular nas federais e a regularidade no cumprimento da carga horária, pela ausência de greves nas particulares, fatores de maior influência na opção pelas privadas? Sim, para quem pode pagar. Os demais ficam a ver, ou a dever navios.

Tais ponderações remetem à urgência em reconhecer que é a cultura do processo ensino-aprendizagem que está em transformação, em tamanha profundidade, que torna obsoleto o próprio espaço cênico onde as aulas acontecem. Muitas vezes, nos sentimos no centro de um palco, na condição de atores obrigados a recitar um texto, diante de uma platéia que não está lá por prazer, mas por um ato compulsório. Há séculos habitamos um mesmo design de sala de aula: um púlpito para o mestre, assento para os discípulos, desvalorizando as possibilidades extra-classe.

Os laboratórios vêm atualizar o espaço, dinamizar a convivência e propiciar maior autonomia para o estudante, que não raras vezes apoia o professor na operação de recursos tecnológicos que surpreenderam sua geração. Mas não representam, salvo raras exceções, evoluções significativas, porque perecem rapidamente enquanto o modelo medieval reluta em fenecer.

A reestruturação necessária deve levar em consideração novas competências e novas expectativas dessa juventude que, amiúde, dispõe mais recursos em seu eco-sistema caseiro do que nas escolas. E preciso redefinir formas de convivência com essa geração irreverente, fruto de um modelo familiar modificado, e que associa a figura do professor à de um prestador de serviços. É preciso estar atento para não encarar o aluno como efeito colateral de atividades que poderiam ser mais gratificantes. E preciso recuperar o espaço de reflexão e crítica, ousar experimentar, inventar, criar,

derrubar os muros das instituições de ensino pelo diálogo e parceria com 05 setores produtivos, numa atitude de cooperação para construirmos a sociedade da informação, eliminando os fatores de exclusões anunciadas e, porque não, os resíduos das revoluções precedentes, como exemplifica o analfabetismo.

Tais mudanças estão intimamente vinculadas a elaboração de uma política nacional de ensino revolucionária, que o sistema de cotas, por certo, não dará conta. E mais do que isso, de uma política de comunicação nacional, que reúna as peças de um quebra-cabeças espalhadas em vários ministérios, em um projeto nacional que redefina o papel dos meios de comunicação, que se empenhe na construção de um sistema comunicativo menos vulnerável aos interesses mercadológicos, estabelecendo programas conjuntos entre ciência, tecnologia, informação e comunicação, com participação das instituições de ensino e da sociedade civil.

Lya Luft nem imagina que seu poema traduz o estado de espírito de muitos professores do sistema público:

*"Sc houver um tempo de retorno,
eu volto.
Subirei, empurrando a alma
com meu sarigue
por labirintos e paradoxos
- até inundar novamente o coração,
(Terei, quem sabe, o mesmo ardor de antigamente)"*

Demanda por um novo olhar

Lygia Maria Perini Muniz

A comunicação hoje. Até mesmo sua definição está cercada de polêmicas e controvérsias. Para atuarmos na área, para pensá-la, analisá-la, temos sempre a impressão de que estamos defasados, que qualquer esforço para compreendê-la em toda a sua dimensão é logo superado por algo novo e desafiante. Em parte por sua onipresença na contemporaneidade, em parte pela velocidade com que os fenômenos comunicacionais acontecem, somos invadidos por uma sensação de impotência e de estranhamento e, ao contrário, a coragem em enfrentar as dificuldades para seu desvendamento, é muitas vezes vista com um misto de desconfiança e incredulidade.

Mas é aqui exatamente que deve estar o nosso ponto de partida para conhecê-la e pensá-la: a comunicação está em nosso cotidiano, e suas múltiplas formas que organizam o tecido social nos impõem uma nova realidade (ou novas realidades) que demanda (m) um novo olhar sobre o meio em que vivemos, o novo olhar de um homem renovado, em busca de sua emancipação.

Neste processo, nós educadores temos um compromisso com a formação do novo homem que irá rever os caminhos já trilhados, reconsiderá-los, refazê-los. Que irá descortinar perspectivas que não vejam na comunicação apenas poder e aprisionamento, que não irá pensá-la apenas para poder entendê-la, mas que poderá apresentar soluções para a construção de uma sociedade que seja efetivamente o lugar da participação de todos, quando entenderá, então, que está no papel central que desempenha na atualidade a resposta para a plena realização de nosso futuro.

Teoria X Prática: um desafio à comunicação do futuro

Renata Rezende

Todo início de semestre a história parece se repetir: ao distribuir o programa das disciplinas, grande parte dos alunos, quase que prontamente, volta-se ao professor com a questão: "Esse curso é prático ou teórico?". Se o professor, depois de alguns esclarecimentos, chegar à conclusão de que a disciplina que lecionará é teórica, "é de praxe", os alunos, quase que prontamente, trarão à tona o desânimo. Alguns, digamos, mais inconformados com a resposta, vão questioná-lo, alegando: "Mas por que a disciplina é teórica? O que vamos aprender com isso? Eu preciso é da prática!".

E um desafio ensinar teoria. Falo isso como professora. É um desafio

aprender teoria, falei isso, há pouco tempo, como aluna. E, apesar de pouco, o tempo demonstrou que as coisas não mudaram muito quando o assunto é a tal teoria. "Teorizar para quê? Tudo é tão mais simples na prática!" - é o comentário de muitos. Mas, por que será que os alunos não percebem a importância das disciplinas teóricas? Filosofia, Sociologia, Teoria da Comunicação, Teoria das Mídias... e outras tantas teorias que fazem parte do currículo do curso. Será que os próprios professores (e eu me incluo nisso!) não conseguem transmitir essa importância?

Com o desenvolvimento das chamadas Novas Tecnologias da Comunicação, parece cada vez mais difícil prender a atenção dos alunos nas aulas chamadas teóricas — aquelas que basicamente se resumem em uma exposição do tema ou debate. A maior parte - para não generalizar — só quer saber de áudio, vídeo, computador: prática, prática, prática. "Tudo igualzinho ao mercado de trabalho", para que, no futuro próximo, depois de formados, todos possam "saber fazer". Mas, será que esse "saber fazer" é sinônimo da palavra re-produzir, sem questionar, sem pensar a respeito?

Talvez tenhamos de "teorizar" mais sobre essa questão. Se, no discurso comum, dentro e fora da universidade, critica-se tanto os meios de comunicação e seus produtos, será que, como professores e alunos, não estamos fazendo a mesma coisa — re-produzindo —, como "laranjas mecânicas?" E desafio, acredito, como professora, escapar do modelo atual de ensino e, como aluna, escapar do senso comum de que "teoria é sempre uma viagem", como diz a gíria. Mas,

talvez, possamos encontrar alternativas, como propõe o sociólogo Edgar Morin, e "religar os saberes", para percebermos que teoria e prática se completam.

O discurso dominante atual é produto de uma visão dualista, que não leva em conta que a transmissão de conhecimento pode ser algo prazeroso, desde que reaprendamos a unir a parte e o todo, o texto e o contexto, o global e o local, a cultura das humanidades e a cultura da ciência, o homem e a máquina, a teoria e a prática. Quem sabe, assim, daqui a 30 anos, tenhamos profissionais menos autômatos e mais alunos menos preocupados com o binômio teoria x prática.

Curso de Comunicação da Ufes: conquistas e projetos

Ruth Reis

Nos seus 30 anos de existência, o Curso de Comunicação da Ufes pode registrar algumas conquistas e deve se debruçar em uma análise profunda sobre o seu futuro para que continue servindo à sociedade de forma profícua e criativa.

O curso tem se situado nos últimos anos entre os 10 mais procurados no vestibular da Ufes. Isso pode ser tomado como um dos indicadores da importância que tem sido atribuída pela sociedade ao campo de conhecimentos da comunicação.

Tal situação reflete um pouco as mudanças que marcam o modo de vida em sociedade e suas estratégias de construção de laços na contemporaneidade, na qual se tornam um imperativo o sentido de publicidade, a visibilidade, o debate público e a participação nas decisões de uma sociedade extremamente ampliada e complexa.

As tecnologias de comunicação surgidas nos últimos anos não apenas dão origem a novas formas de sociabilidade como atestam um modo de presença da sociedade cada vez mais lastreado nas relações "mediatizadas", que nos propõem um novo sentido de comunidade e pertencimento, mesmo em situação de distanciamento físico.

Se nas tecnologias está depositada boa parte da responsabilidade pela concretização de um projeto de vida democrática espelhada nas primeiras experiências da cultura ocidental, dos projetos políticos em disputa e dos discursos colocados em circulação depende a conquista de uma sociedade em que as riquezas sejam de fato partilhadas e apropriadas pelo conjunto dos que a ela pertencem.

E com a consciência da dimensão da importância que a comunicação ganha nesta sociedade que se devem formar os profissionais e cidadãos que nela interferem. Compreender o funcionamento das relações produzidas pelos sujeitos em comunicação, desvendar suas linguagens, compreender seu funcionamento, lidar com suas técnicas e estabelecer uma ética comprometida com os interesses coletivos deve ser o compromisso de quem ensina e atua no campo da comunicação.

Professores e alunos da Ufes têm conseguido manter no Curso de

Comunicação um espaço de aprendizado intenso, muitas vezes conflituoso, muitas vezes prazeroso e produtor de resultados que são reconhecidos pela sociedade em diversos momentos, em especial quando abre seus espaços de trabalho para atuação daqueles que passaram pelo curso da Ufes, quando se coloca em parceria para o desenvolvimento de projetos comuns, ou quando recorrem ao conhecimento acumulado por professores e alunos para dar conta de suas demandas mais imediatas em atividades de consultoria, de estágio ou de atualização profissional.

Por sua vez o curso de comunicação tem procurado manter sua qualidade num contexto de dificuldades e restrições financeiras, por meio da atualização permanente de seus professores, do desenvolvimento de projetos de extensão e de pesquisa e pelo enfrentamento de novos desafios como encontrar caminhos para apostar numa pós-graduação.

A valorização da área de comunicação e as mudanças nela ocorridas exigem um estado de alerta permanente em relação à formatação do curso de graduação da Ufes, que hoje se estrutura no tradicional modelo de habilitações, tendo mantido apenas duas das cinco a seis que têm sido reconhecidas como do campo da comunicação -Jornalismo e Publicidade Propaganda. Num futuro

próximo, certamente que essa realidade precisa ser repensada e o curso deve agregar novas dimensões para se manter em coerência com as demandas que estão sendo colocadas. Traçar este horizonte é um dos principais desafios que se coloca para os que integram o Curso de Comunicação hoje.

Carta do presente ao futuro

José Antônio Martinuzzo

Se viradas as páginas da memória, se escreve para o futuro, que se registre, antes de tudo, que, nesta mudança de milênio, o mundo parece um pouco mais difícil de decifrar. O choque espaço-temporal a que estamos submetidos pela conjunção entre capital tardio e negócio midiático, num amálgama permitido por um sistema de extração de mais-valia jamais visto e por fantásticas tecnologias digitais de comunicação e informação, nos deixa atordoados, tentando nos localizar no planeta, mapear o poder fugidio, mas sempre presente. Ádua existência, mas valiosa vivência, porque se temos o pessimismo da inteligência, não nos falta a esperança da vontade, para lembrar a lição de Gramsci.

O certo, pesquisadores do futuro, que talvez encontrem, daqui a outros 30 anos, nesta obsoleta plataforma de memória, à base de celulose e tinta, os vestígios do que agora se está registrando e vivendo, é que a comunicação, neste 2005, representa o dínamo das relações sociais, sejam elas comunitárias ou planetárias. Aquilo que esteve presente na inauguração do homem, milhares de anos atrás, hoje, por sua dupla função, de agente ideológico do capital e de um extraordinário negócio do capital, alcança um posto jamais visto. As mídias são lugar de verdades, desejos, emoções, razões, mentiras, encontros, desencontros, afetos, compras, inspiração, decepção, amores, perdas, fugas, achados, saber, ignorância, crime, cooperação, individualismo, cidadania - elas são o lócus de vivência áptica, experiência de vida pós-moderna ou da modernamente líquida existência.

Mas a mesma rede colossal que propaga o modo capitalista de viver de consumir pode ser desorientada de sua orientação patronal; pode até ser desvirtuada de seu posto de preposto capitalístico. Por isso, por essa "esperança da vontade", é que voltei para a Academia. Entrado por concurso público em 2004 na Ufes, vim para falar da antinatureza da sociabilidade. Vim falar do mundo dos homens, universo em que a comunicação social tem cada vez mais espaço. Vim tentar falar de um outro possível mundo dos homens. No dia-a-dia das redações, nos canais alternativos das mídias analógicas ou nas redes digitais da web é possível . comunicar um outro mundo, apontar que a vida é feita de escolhas e não de predestinação. É possível comunicar que existem escolhas e que elas podem ser feitas por todos e não por uma minoria. É preciso e possível comunicar a liberdade de ser homem, com igualdade e fraternidade - para mim, outra não é a pauta da Comunicação Social hoje.

Para finalizar, retomo uma longínqua lição dos anos primeiros do século XX, nas palavras de Charles Chaplin. Mesmo falando de tecnologias emblemáticas da modernidade, como o avião e o rádio, que causavam alvoroço pela "proximidade" que permitiam aos homens, o discurso de seu personagem no filme O Grande Ditador permanece atual. Em tempos de

internet e satélites, em tempos de radicalização da potência de aproximação entre os homens, o alerta parece ainda mais pertinente e necessário, até porque se o homem mudou, parece que foi para pior. Alertou-nos Chaplin:

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém desviamo-nos dele. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo a muralha do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e morticínios. Criamos a época da produção veloz, mas jios sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz em grande escala, tem provocado a escassez. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; Jiossa inteligência, empedernidos e cruéis. Fensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade; mais do que inteligência, precisamos de afeição e doçura! Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo estará perdido.

Ao final do discurso, o personagem de Chaplin chama por uma agoniada e desesperançada Hannah: "Estás me ouvindo?! Ergue os olhos, Hannah! A alma do homem ganhou asas e, afinal, começa a voar. Voa para o arco-íris, para a luz da esperança. Ergue os olhos, Hannah! Ergue os olhos!"

Com as novas tecnologias de comunicação, o homem desta virada de milênio ganhou mais do que asas. Via recursos comunicacionais digitais, tem a potência das divinas faculdades de ubiqüidade, onipresença, onisciência. Mas num mundo de violência e exploração inauditas, precisamos mais do que nunca do otimismo e da fé expressados por Chaplin: "Ergue os olhos, Hannah! Ergue os olhos!".

Referências

Capítulo 1

MELO, José Marques de. Poder, Universidade e Escola de Comunicação. In: MELO, José Marques de, SILVA, Carlos Eduardo Lins da, FADUL, Anamaria (orgs.). Ideologia e Poder no Ensino da Comunicação. Cortez e Moraes Editora/INTERCOM: São Paulo, 1979.

NEVES. Ricardo José. Vade Mecum da Comunicação Social. São Paulo: Rideel, 2000.

POSSEBOM, Ademar. Ditadura e Oposição: Projetos distintos para a formação em Comunicação Social na Ufes?. 2003. Monografia de conclusão de curso — Comunicação Social — Jornalismo, Universidade Federal do Espírito Santo.

TORQUATO, Gaudêncio. Formação do Jornalista. In: MELO, José Marques de, SILVA, Carlos Eduardo Lins da, FADUL, Anamaria (orgs.). Ideologia e Poder no Ensino da Comunicação. Cortez e Moraes Editora/ INTERCOM: São Paulo, 1979.

Capítulo 2

Ismael Thompson Paula, aos autores deste capítulo, em 24 de novembro de 2004.

Sibyla Baeske, por e-mail, em 28 de novembro de 2004-

Júlio César Martins, aos autores do capítulo, em 1º de dezembro de 2004.

Ruth de Cássia dos Reis, em 1º de dezembro de 2004.

Ruy Roberto Ramos, por e-mail, em 1º de dezembro de 2004.

Maria Dalva Ramaldes, por e-mail, em 2 de dezembro de 2004-

Juçara Gorski Brittes, aos autores deste capítulo, em 3 de dezembro de 2004.

Maria Elisabeth Rondelli de Oliveira, por e-mail, em 6 de dezembro de 2004.

Glecy Coutinho, aos autores deste capítulo, em 06 de dezembro de 2004-

Victor Israel Gentilli, aos autores deste capítulo, em 7 de dezembro de 2004.

Hésio Alaor Pessali, aos autores deste capítulo, em 10 de dezembro de 2004.

Tânia Mara Corrêa Ferreira, aos autores deste capítulo, em 10 de dezembro de 2004.

CALMON, Evelize Bósio; CASTRO, Marina Duarte; e CONCEIÇÃO, Fabiana Aparecida da. *Jornal Primeira Mão: 15 anos de experimentação jornalística na Ufes*. 2004. Monografia de conclusão de curso — Comunicação Social -, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

www.fenaj.org

POSSEBOM, Ademar. *Ditadura e Oposição: Projetos distintos para a formação em Comunicação Social na Ufes?*. 2003. Monografia de conclusão de curso - Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal do Espírito Santo.

UFES. Estatuto Universitário. Vitória, Espírito Santo.

Capítulo 5

CALMON, Evelize Bósio; CASTRO, Marina Duarte; e CONCEIÇÃO, Fabiana Aparecida da. *Jornal Primeira Mão: 15 anos de experimentação jornalística na Ufes*. 2004- Monografia de conclusão de curso - Comunicação Social -, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

LOPES, Dirceu Fernandes. *Jornal laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*. São Paulo: Summus, 1989.